



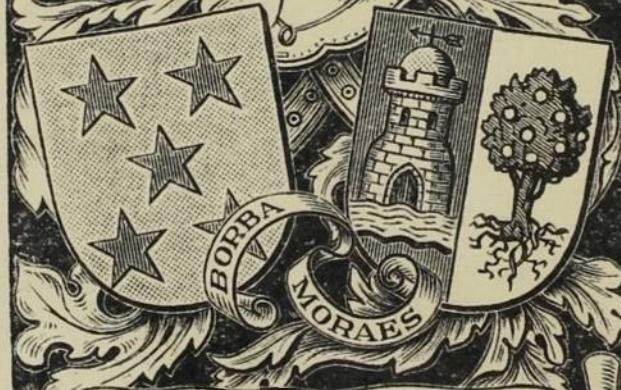
SECÇÃO GRAFICA

Departamento de Cultura

Restaurado e Encadernado

em 14.1.6. 1937

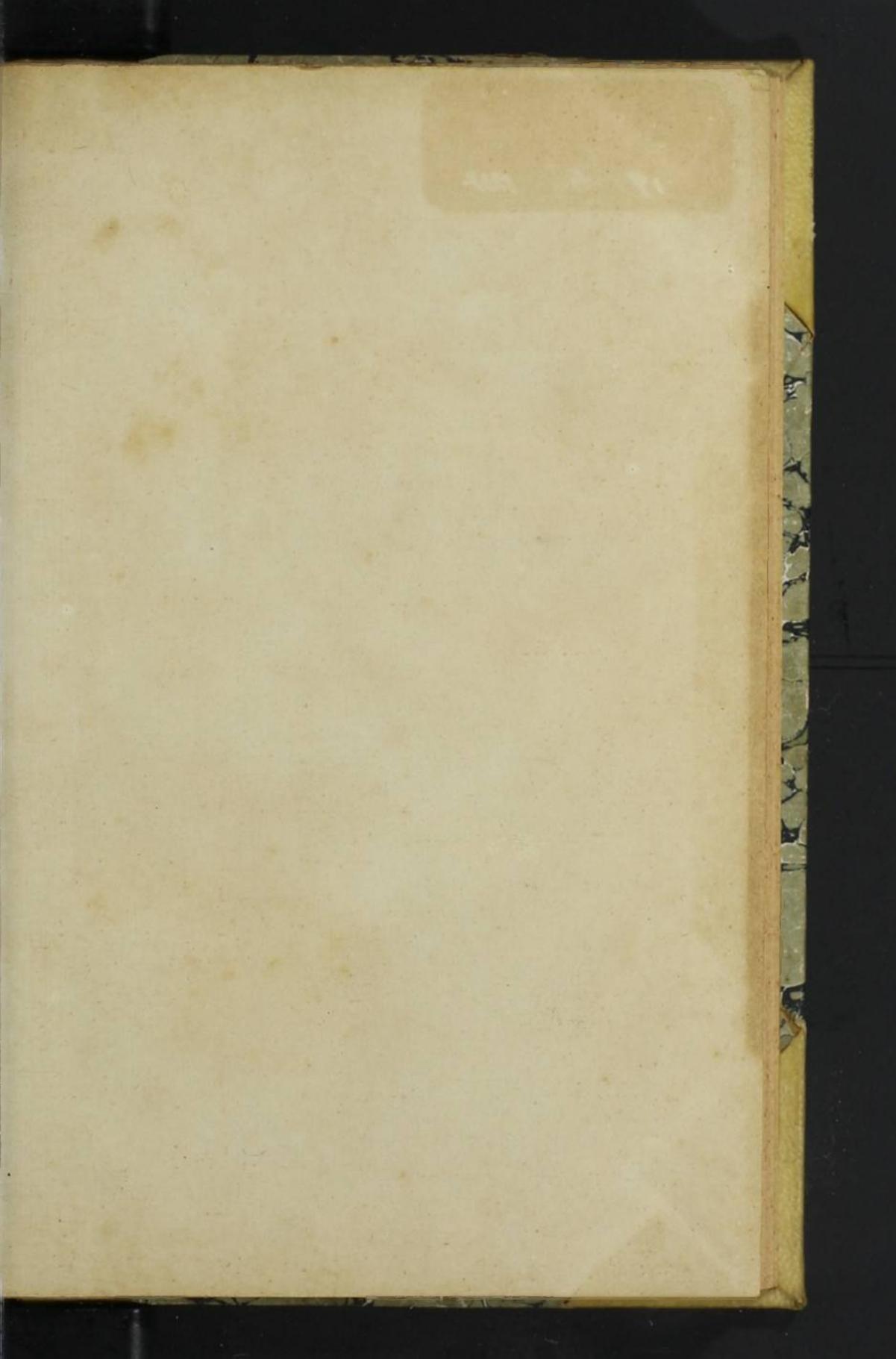
EX-LIBRIS

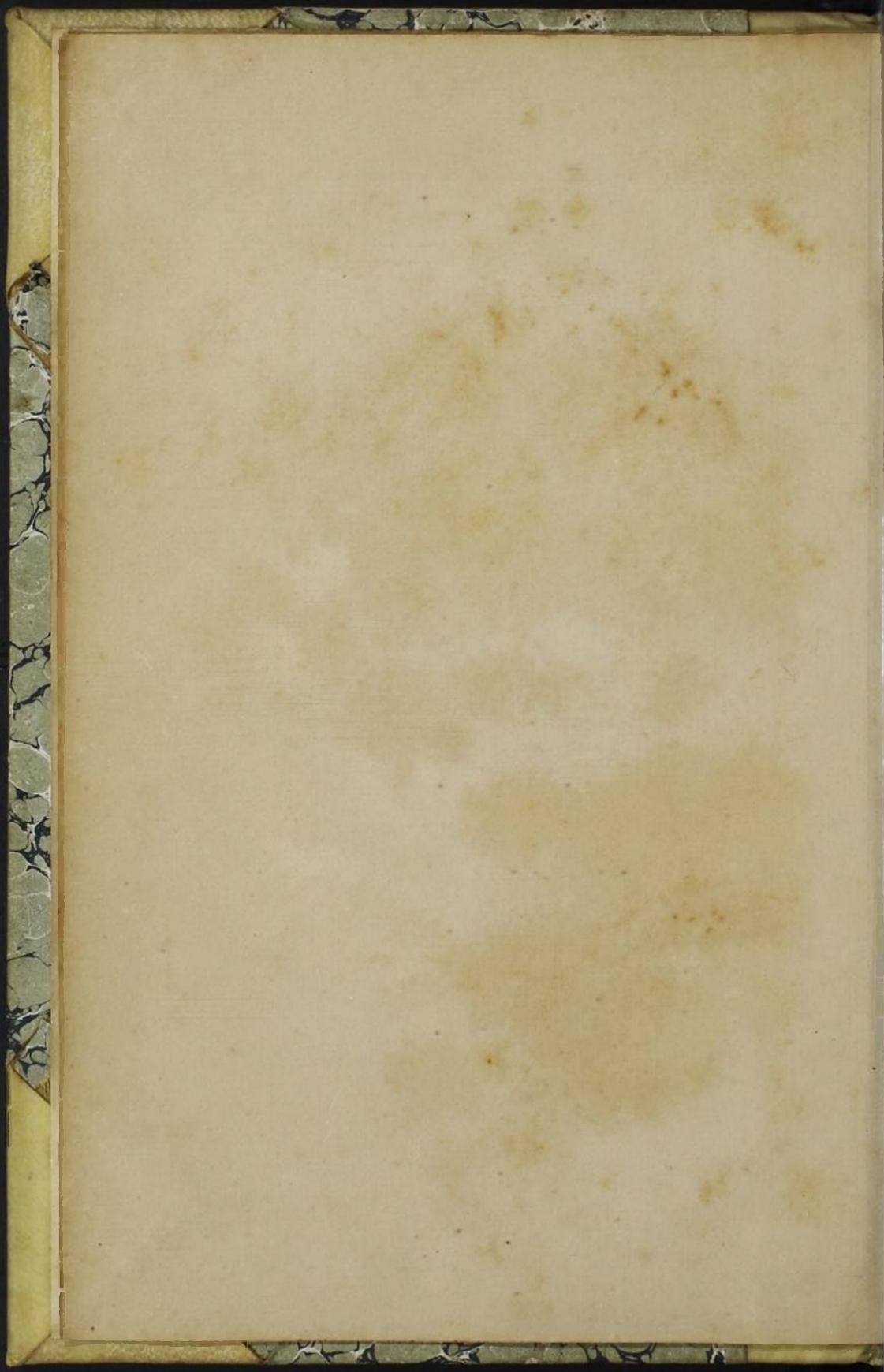


RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

ACSC

W.





DIANA E CYPRIANA

OU

AS MARAVILHAS.

DRAMA

ORNADO DE CANTO,

EM 4 ACTOS

Divididos em 7 quadros,

ARRANJADO

POR

Joaquim Cândido de Azevedo Marques.

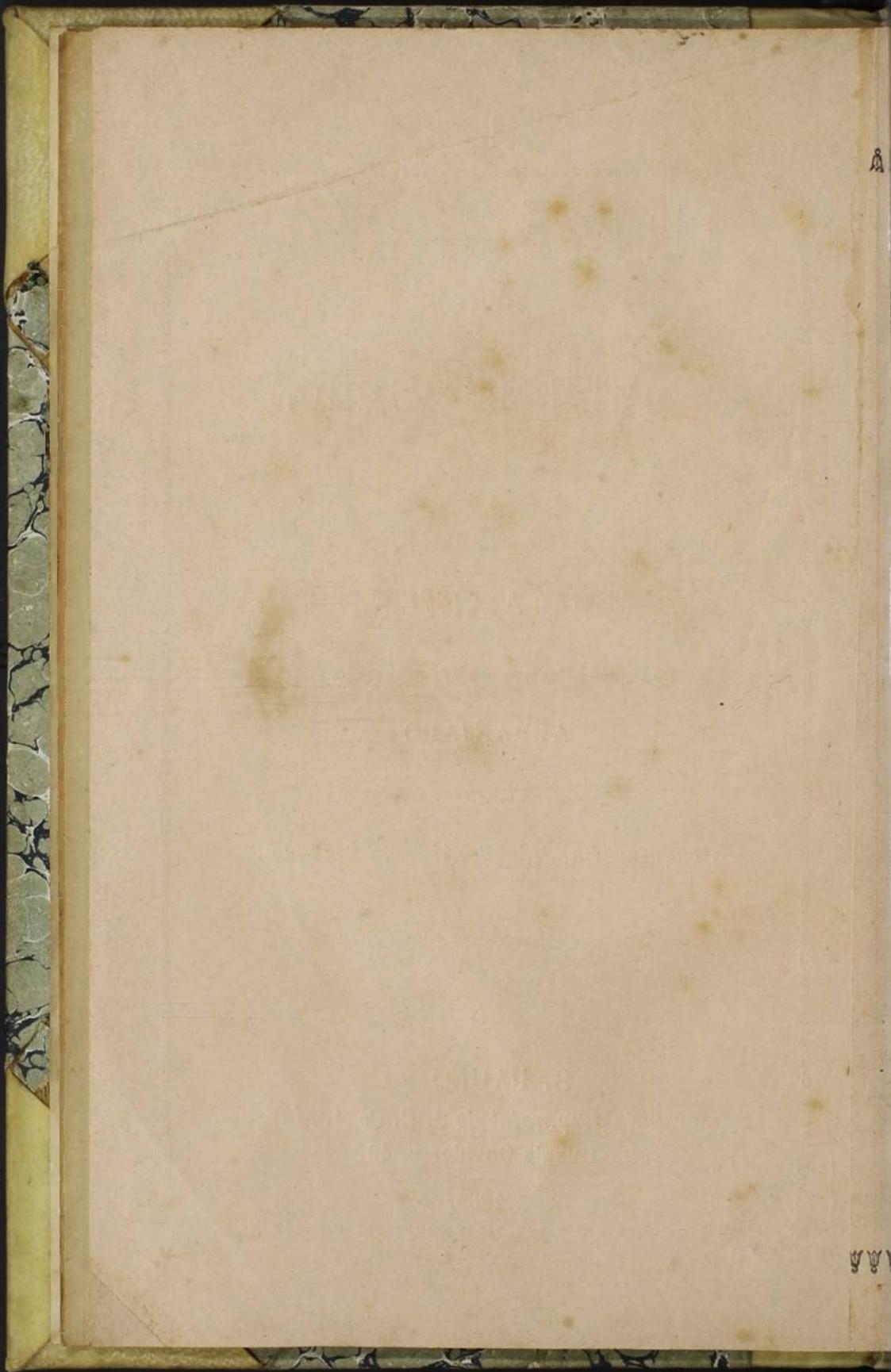


S. PAULO.

Typographia Imparcial de J. R. de A. Marques.

Rua do Ouvidor n. 46.

—
1856.



DIANA E CYPRIANA OU AS MARAVILHAS.

DRAMA
ORNADO DE CANTO
EM 4 ACTOS

Divididos em 7 quadros

ARRANJADO

POR

Joaquim Cândido de Azevedo Marques.

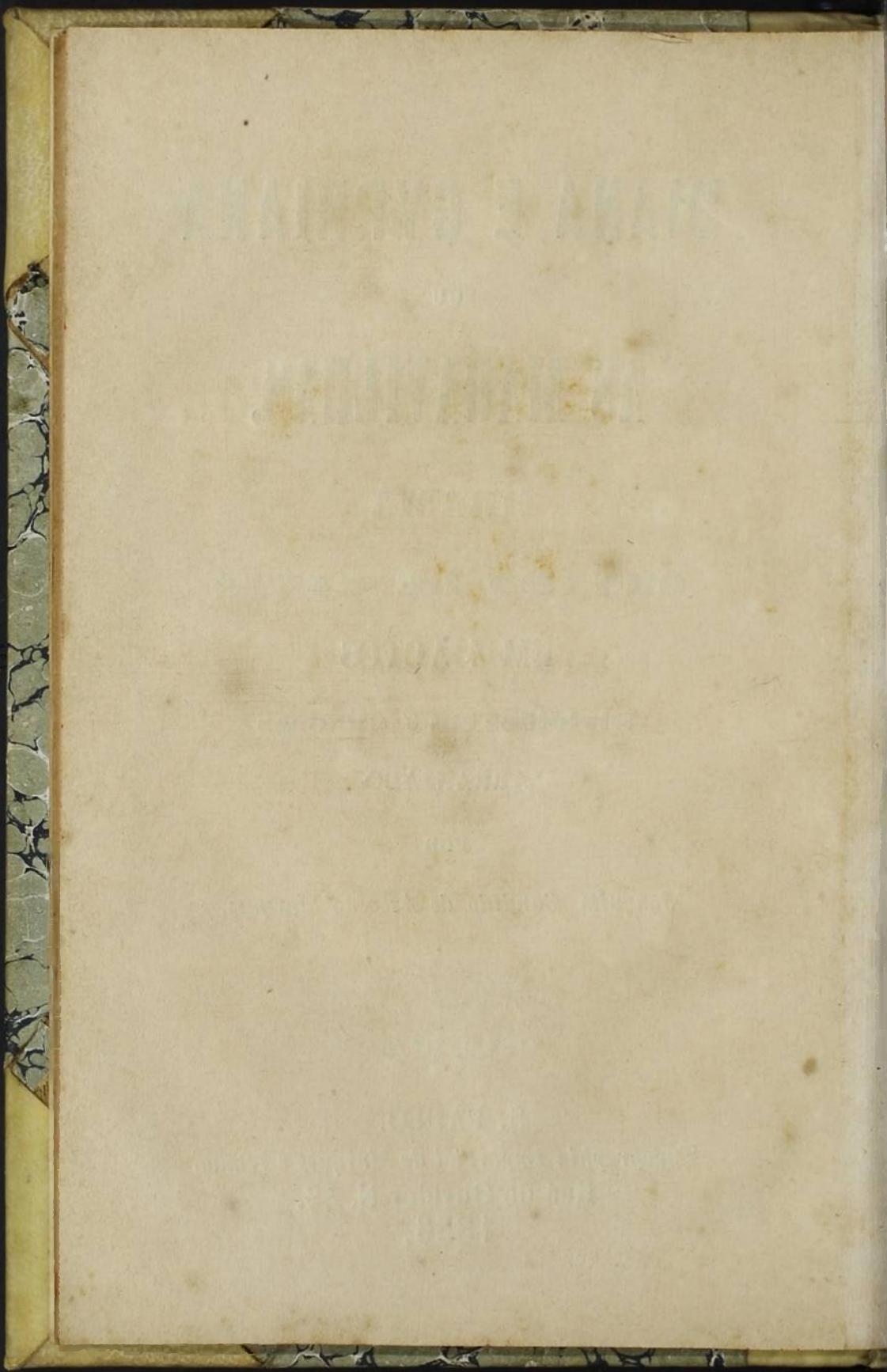


S. PAULO.

Typographia Imparcial de Marques e Irmão.

Rua do Ouvidor N. 46.

1856.



A MEUS PAES

O ILLM. SR.

Jozé Xavier de Azevedo Marques.

E

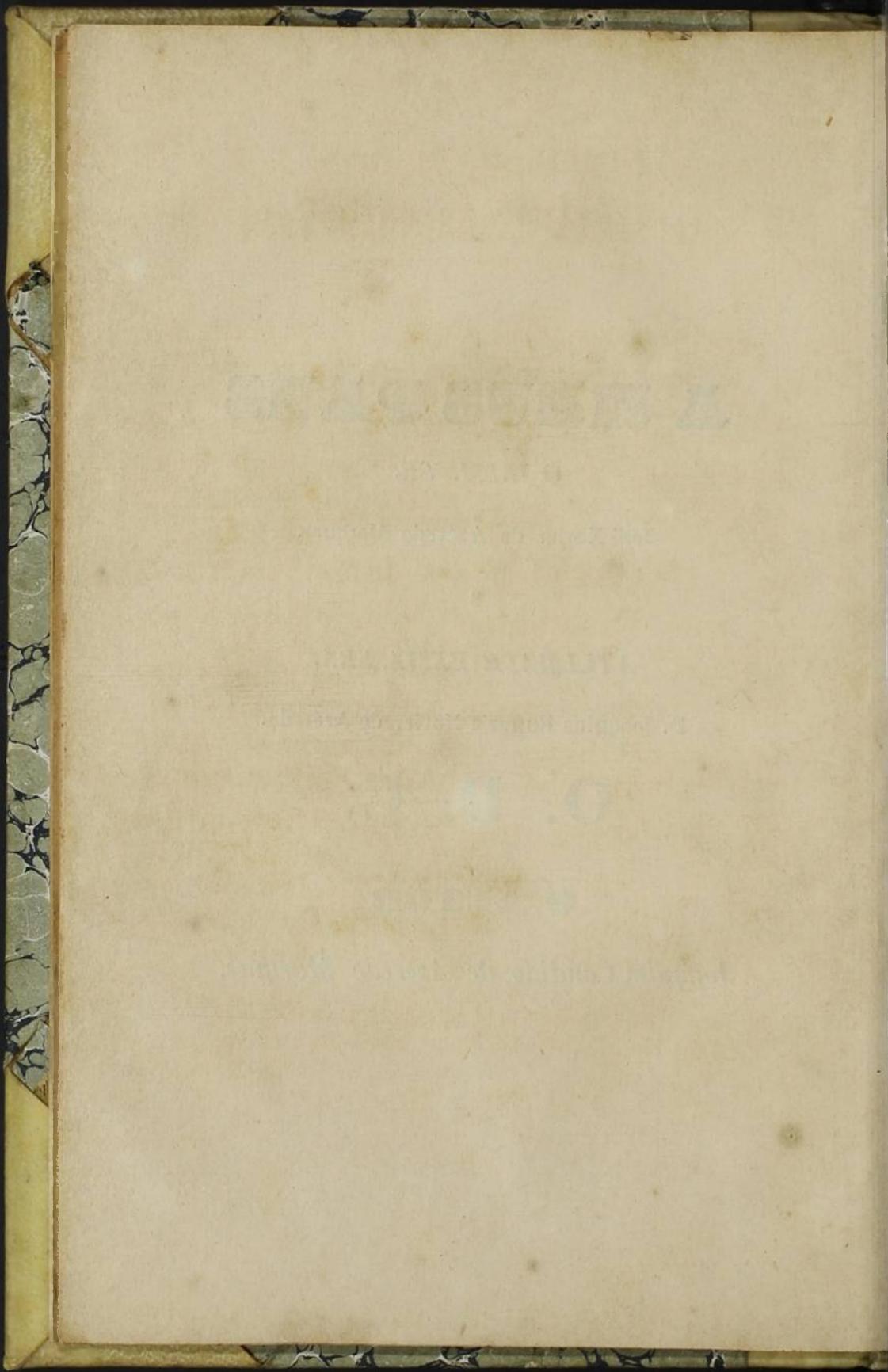
A ILLMA. E EXMA. SRA.

D. Joaquina Eufrasia Xavier de Azevedo.

O. D. C.

• AUTOR

Joaquim Cândido de Azevedo Marques.



DENOMINAÇĀO DOS ACTOS E DOS QUADROS.

PRIMEIRO ACTO.

QUADRO 1º.— Conciliabulos de de-
vastaçāo e ruina. QUADRO 2º.— A
cançāo das maravilhas e a hora do
exilio.

SEGUNDO ACTO.

QUADRO 3º. — A fome. QUADRO
4º.— Duas bolsas de perolas e o na-
babô.

TERCEIRO ACTO.

QUADRO 5º. — Anjo e demonio.—
QUADRO 6º.— Herança e ventura.

QUARTO ACTO.

QUADRO 7º.— Luiz de Penhoel.



PERSONAGENS DO DRAMA.

DIANA.

CYPRIANA. } gêmeas.

RENATO—visconde de Penhoel.

MARTHA—viscondessa de Penhoel.

LUIZ DE PENHOEL—sob o nome de Berry Montalt (Nababo.)

JOÃO DE PENHOEL.

ROBERTO DE BLOIS.

BRAZ.

BIBANDIER.

MARQUEZ DE PONTALES.

ESTEVÃO MOREAU.

ROGERIO DE LAUNOY.

PROTAZIO HIVAIN.

SEID.

UM CREADO.

ALGUNS SOLDADOS.

A accão é na baixa Bretanha (primeiro segundo e
setimo quadro) e em Pariz (terceiro, quarto, quinto e
sexto quadro)

As memórias e amigos
Dr. Alfredo de Toledo

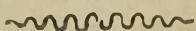
Luis Ferreira Chaves

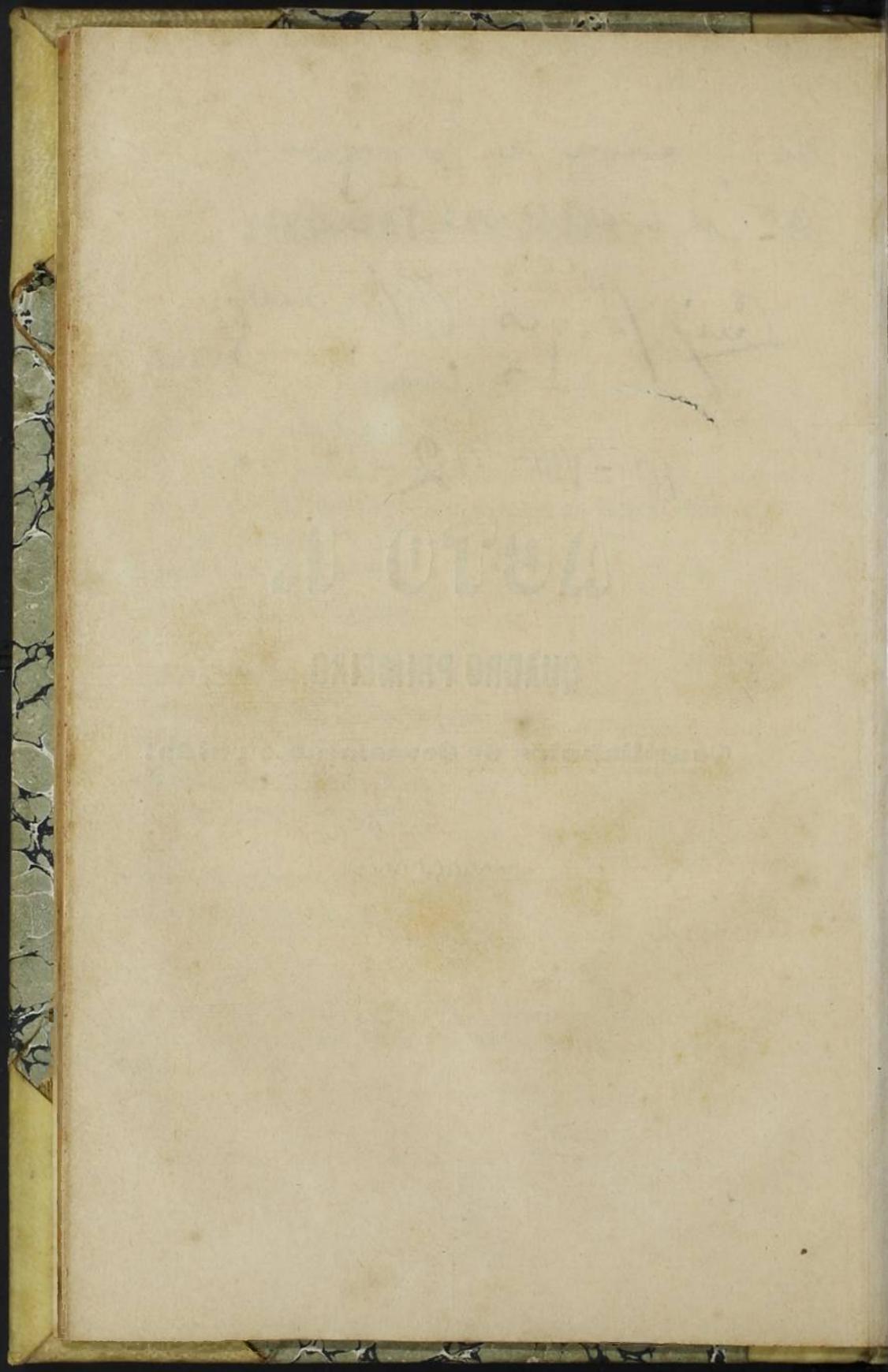
10 - VIII - 912

ACTO I.

QUADRO PRIMEIRO.

Conciliabulos de devastação e ruina.





ACTO I.

QUADRO PRIMEIRO.

Coneiliabulos de devastação e ruína.

A scena representa um vasto salão do Castello de Penhoel. Ao levantar-se o panno ouve-se musica alegre, sussurro de vozes ; o que continua, por intervallos, em todo o acto. O salão tem muitas portas fechadas e abertas.

SCENA 1.^a

ROBERTO DE BLOIS E O MARQUEZ DE PONTALES, que ao levantar o panno devem estar em acto de retirada por portas diversas ; depois ESTEVAM E ROGERIO.

ROBERTO, ao Marquez — Agora — prudencia e valor que o homem é nosso. sahem do modo indicado.

Rogerio e Estevam entram por portas diversas, miram a scena como temendo ou procurando alguem.

ROGERIO. — Não as encontraste ?

ESTEVAM. — Não.

ROGERIO. — Vou de novo procura-las....

ESTEVAM. — Não as encontrarás. Enquanto procuravas á esquerda, andava eu pelas alamedas da direita ; e assim percorremos todo o jardim. Por certo, cá não estão.

ROGERIO. — É' extranhavel !

ESTEVAM. — Porque ? Devem ellas dar-nos contas de suas ações ?

ROGERIO. — Tu não amas. Eu que amo como um perdido..., no entanto nada mais posso fazer do que admirar c

erer ! E' tam puro o seu sorriso ! Vê-se-lhe tanto o coração no rosto ! Envergonho-me das minhas suspeitas.

ESTEVAM.—Pois desconfias ?...

ROGERIO.—Desconfio porque amo. E' esse amor toda a minha felicidade e esperança ! Se eu suspeitasse que Cypriana... Meu Deus ! esta ideia—tenho-a muitas vezes !... e ella magoa-me. Tu te lembras, Estevam, d'aquelle noute que passámos a fallar sobre elles, à margem do lago — além de Glenac ?... Era fóra de horas quando entrámos no solar. Tinha sindado a cêa, havia muito, e tudo estava a dormir,... assim o pensavamos. Tomámos cada qual, para os nossos quartos. Estava apagada a candéa do corredor do meio. Pareceu-me ouvir deante de mim uma bulha de passos ligeiros e timidos. Caminhei com os braços estendidos, tocando por ambos os lados, as paredes do corredor. A bulha cessára e já cuidava ter-me enganado, quando senti nos meus dedos duas toucas de algodão, que fugirão logo. Resoarão de novo os passos : era alguém que fugia. Porém n'esse momento uma das toucas deixava seu atilho entre meus dedos ! Reconheci depois a fita de seda azul da touca de Cypriana ! Tudo isto me atormenta. Qual o fim d'esse nocturno passeio?..

ESTEVAM.—Nada mais viste ?

ROGERIO.—Alguns dias depois, voltava eu só e a pé de Redon. Vinha pela varzea onde se reflectia o clarão d'uma lua brilhante ; ouvi ao longe o estrepito de dous cavallos, e quando por mim passarão, levantei a cabeça,... iam montados por duas mulheres ; bradei — Diana ! Cypriana ! — Ninguem respondeu-me e desaparecerão na sombra !...

ESTEVAM.—Era muito tarde ?

ROGERIO.—Onze horas da noute.

ESTEVAM.—E n'esse dia—não estavam os Pontales em Redon?

ROGERIO.—Oh ! que ideia ! Estavam sim—em Redon !

ESTEVAM.—Estás bem certo de que eram elles ?

ROGERIO.—Sim,—porque chegando á portagem interroguei o velho Haligau,—que me dice que ninguem havia passado na barca aquella noute ; dirigindo-me como louco para cima, encaminhei-me, sem o saber, para o quarto dellas ;... os leitos estavam vazios !...

ESTEVAM.—E' tudo o que sabes ?

ROGERIO.—E queres mais ?

ESTEVAM.—E' extraordinario ! Esse misterio que as envolve... Uma vez, vi-as tambem atravessar o corredor ; supuz que iam ao quarto de Penhoel ; porém como passassem, julguei que se dirigiam ao da viscondessa, mas nada : e elles desaparecerão no logar em que a galeria faz um cotovello... ; adeante—só ha o quarto de Roberto de Blois...

ROGERIO.—Roberto... que elles mostram desprezar ?

ESTEVAM.—Tambem despresam os Pontales, e eu as vi escalando os muros do seu castello..., e á noute ! Não achei-me com animo de segui-las !...

ROGERIO.—Oh ! não amas !

ESTEVAM.—Se Diana de Penhoel não for minha mulher jamais me casarei ! Nunca pensei no futuro. Agora porém, penso constantemente, porque o futuro para mim—quer dizer : possuir-a ! Quantas vezes, atravez de sua alegria singida... quantas vezes sorprehendi lagrimas em seus olhos ! E' um coração forte para o sofrimento ! Debaixo d'essa fragil belleza de moça, rastreei-lhe a coragem de homem ! Oh ! guarde emb' hora Diana o seu segredo, eu direi sempre que

n'aquelle coração só podem caber sentimentos nobres e ideias santas. Todos o sabem ! Peza uma grande desgraça sobre a caza de Penhoel ! Deus serve-se ás vezes da mesquinha coragem d'uma creança para combater a força dos malvados.

ROGERIO.—Fallaste a Renato de Penhoel ?

ESTEVAM.—Sim. Mas Roberto de Blois, que presentemente é quem manda, deu a entender que eu era desnecessário no castello. Fallei a Renato...

ROGERIO.—E ? !...

ESTEVAM.—E parto amanhã ; e pois, Rogerio, tu sicas aqui ! és feliz ! Véla sobre elhas, para protegel-as, e não para espial-as !

Ouve-se cantar fóra uma voz, que deve ser de Diana e Cypriana.

DIANA, só.

N'alma já me côa o desalento—

Da saudade !

Amava—oh ! sim era verdade !...

Porém agora—é só tormento !!!

DIANA E CYPRIANA, dueto.

E que importam as mizerias cá do mundo—

Quando existe puro amor n'um coração ?

Parti—parti—sêde feliz—confiai em Deus—

Que do Ceu nos mandará sua proteção !

ESTEVAM.—E' a sua voz !

ROGERIO.—E' a voz de Cypriana ! Busquemol-as ! sahem pelo fundo.

SCENA 2.^a

DIANA E CYPRIANA.

DIANA.—Ouviste ?

CYPRIANA, abraçando-a—Pobre irman !

DIANA, soluçando.—Amanhan ! d'aqui a algumas horas—quem sabe—vel-o-hei pela ultima vez ! Oh ! como amamos sem sabel-o ! Hontem julgava que fallaria em sua partida—sorrindo-me !

CYPRIANA.—Como não lhe pedes que fique ?...

DIANA.—Não. A desgraça ameaça-nos,...a nós que somos da familia de Penhoel!..para que envolvel-o tambem em nossa ruina ? !aquelle a quem amo ? !...quero que elle parta,...*com muita ingenuidade*—ainda que eu soubesse que me ia esquecer ! Deus o faça feliz !

CYPRIANA.—Oh ! se Rogerio tivesse tambem de partir !...abraçam-se.

DIANA.—Basta. Não foi por nossa causa que aqui viemos. Estevam é moço e bravo ! Deus o protegerá ! Junto a nós existem pessoas fracas, que de nós reclamam proteção e defesa ! Pensemos só em Penhoel, Cypriana, e cuidemos em salval-o, porque tenho presentimento de que a hora fatal está a bater !

CYPRIANA, que estivera pensando.—Tu oamas. Vejamos um meio de obstar...

DIANA.—Procuremos um meio de salvar Penhoel ! de salvar a Viscondessa, e a pobre Branca...

CYPRIANA.—Deus bem sabe que nunca veiu-me a ideia de recuar ! Porém—somos tam fracas, minha pobre irman ; e elles tam poderosos ! Pensei um momento que os havíamos atemorizado com os boatos da volta do nosso tio Luiz ! Toda

a gente da terra tem tanto amor ao primogenito de Penhoel ! Hesitarão alguns dias ! Nosso tio Luiz não voltou, e elles esquecerão-se. Que faremos agora ? Posto que os nossos esforços retardassem o desastre que ameaçainda Penhoel, tendo nós destruido varias armas prestes a feril-o, com tudo nova arma se prepara,... outras ciladas se tramam ! E o que farão duas pobres meninas, como nós, em defesa de um homem, que a si proprio não se guarda ? !

DIANA, amargamente.—Elles são astutas. Começarão por alliar-se com Pontales, o maior e mais encarniçado inimigo de Penhoel, e conseguirão que esse homem tivesse entrada no solar. Envenenarão o coração do pobre Renato, e cegarão-lhe a intelligencia. Todas as noites assenta-se a uma meza de jogo, com um frasco de aguardente, que lhe rouba os ultimos lampejos da razão ! E em torno delle assentam-se os cobardes que o arrastam ao abismo ! Oh ! quando vejo as faces de Renato de Penhoel tornarem-se escalantes : amortecerem-lhe os olhos, balbuciar-lhe a voz, tremer-lhe a mão ao embaralhar das cartas... parece-me que a justiça de Deus nos vai abandonar !

CYPRIANA.—E eu quando vejo isso, tenho pena de não ser homem, porque então não haveria muitos mizeraveis ao redor d'aquelle meza ! Se nosso irmão Vicente não houvesse deixado o solar...

DIANA.—Supliquemos a Deus que o faça feliz ! Para que mais esse coração aflito ? Minha irman, empenhemos-nos por nós sós na luta ! Se quizessemos braços fortes e valentes corações, não tínhamos Estevam e Rogerio ?

CYPRIANA.—Sim ! devemos ser sós ! Estevam e Rogerio haviam de querer combater a rosto descoberto ; e bem sabe-

mos que esses homens não recuariam se fosse preciso assassinar ! Sabes que sou animosa...

DIANA.—Sei que tens um coração devotado, minha pobre Cypriana, e que darás a vida por aquelles que amamos ! Tu, tam moça e tam bella... tu que podias ser feliz com um marido da tua escolha !... olha—temos muitos recursos para vencermos ! O que ambas fazemos, poderia fazel-o uma só ! Se ainda fosses minha extrezoza amiga...

CYPRIANA.—Havia de fechar os olhos para não vêr que morres com tanto esforço, deixando-te a sós !

DIANA.—Não basta uma victima ? !...

CYPRIANA.—Pois se basta uma,—Estevam está a partir, ele te ama,... vai-te com elle, e deixa-me só trabalhar!... *como arrependendo-se.* Não ! não me abandones ! Que faria eu sem ti ?! Não me falles porém em fugir !

DIANA, abraçando-a.—Está bom. Ficaremos. E depois—não sabes ? !... elles já começam a combater-nos como se fosses homens. Hontem em nosso quarto, quando ias me dar conta da tua tarefa, tapei-te a boca : nosso quarto já não é nosso sómente ! Espreitam-os,—e no corredor enxerguei a figura de Braz, pretendido criado de Roberto de Blois, que segue-nos como uma sombra !

CYPRIANA.—E eu que supuz que o teu silencio era signal de algum mallogro !...

DIANA.—Não. Mestre Hivain, o rabula, estava no seu escritorio. Creio que já sei em qual das gavetas da sua secretaria se acham os papeis que poderiam perder Penhoel.

CYPRIANA.—Cumpre lá voltar. Não ha tempo a perder. E, minha cara Diana, hoje toca-me.

DIANA.—Mas se eu é que sei onde estão os papeis !...

CYPRIANA.—Pensas que não te advinhei ? Ha lá por certo um perigo maior de que os de costume, e ainda queres sósinha afrontal-o ?! Mas escuta. E's a unica de nós duas que tens mais juizo, e n'esta batalha em que andamos, sou apenas teu soldado, e tu és o commandante. Deixa-me pois o meu quinhão.

DIANA.—Seja emb' hora. Esta noute o meu soldadinho irá rastrear o campo inimigo. Sei que é bravo : convém porém prevenir-l-o de que hontem quando fui a caza do rabula, em busca dos papeis, salvação dos Penhoeis, o pobre commandante teve que sustentar assaltos bem crespos. *Tomando a mão de Cypriana.* Não exageras minha irman. Esta noute atirarão-me dous tiros, e matarão-me o animal que montava.

CYPRIANA.—E querias lá voltar sem mim. Sabes que mais ? tomaremos as pistolas de Estevam e Rogerio, e iremos sem temor !

DIANA.—Nesse genero de combate, nós não seremos as mais fortes ! Habilidade e amparo de Deus, que faremos alguma couza. Que fizeste hontem, Cypriana ?

CYPRIANA.—O que fazemos todas as noutes simultaneamente. Representei o meu papel de fantasma. Dice a Penhoel que um bom genio vélava sobre sua caza, e que elle devia resistir com todo o afan, repellindo esses malvados ! Mas Penhoel já não tem forças ! Só sabe tremer e fechar os olhos ! Devemos salvá-lo a seu despeito. Ouvi hontem esses malvados dizerem que esta noute mesmo, Penhoel cederia o ultimo pedaço de pão de sua mulher e filha !

DIANA.—O solar dos Penhoeis ? !

CYPRIANA.—A semana passada vendeu o que restava do patrimonio do Primogenito, nosso tio Luiz ; e para isso,...

esses homens, insuflados pelo rabula fizerão que Renato disfarçasse a letra de seu irmão, em uma procuração para vender seus bens, sem o que, tal não poderia fazer. Naturalmente a estas horas jogam a ultima partida, ameaçando-o com esses papéis !

DIANA. *cantando.*

Mas que vale a baixa intriga —
D'esta guerra tam malvada...
Quando lá no Céu existe—
Nossa Māe—Virgem Sagrada ?

CYPRIANA, *cantando.*

Nossa causa é mui sagrada—
Que nos dicta alta amizade !
Jogamos sós contra muitos—
Cuja divisa é — maldade !

Ajoelhando e em dueto.

De joelhos prosternadas—
Socorro estamos rogando...
Uma luz que nos dirija
N'este caminho nefando !

Penhoelassim coagido
No abysmo vai rolar !
Vêde Senhora que nós
Somos fracas p'ra o salvar ! *levantam-se*

CYPRIANA.—Vamos, minha irman! Esses papéis devemos
alcançal-os a troco de nossas vidas !

DIANA, abraçando-a ; em dueto e marchando

Avante soldado
Caminha ligeiro !
Altivo que o p'risgo
Está sobranceiro !

Partamos p'ra lide
Sem medo ou temor
Que as armas que temos
Nos dam mui valor ?

Ainda abraçadas sahem pelo lado esquierdo.

—
SCENA 3.^a

PONTALES E BRAZ, que entram pelo fundo.

PONTALES.—Então, Braz, temos alguma boa nova ?

BRAZ.—Soubemos—sim...alguma couza ; porem boa ? !...
um—um—um !...

PONTALES.—Que ha pois ?

BRAZ.—Tenho ouvido tanto que julgo não caminhais direitamente. Ora dizei-me : Vossas Mercês já pensarão no sarrilho que haveria se os cabeçudos de Glenac e Bains tomassem seus bordões e viessem defender Penhoel ?

PONTALES.—Pois não !...

BRAZ.—Dizeis isso ?... Pois olhai ; o castello de Pontales é muito forte !... com tudo...

PONTALES.—Que ? Haverá alguma trama ?

BRAZ.—Pois não !... dizeis vós. Ha sim, Senhor ! Muitas vezes eu vos dice ;—tomai cuidado com as filhas do tio

dos tamancos. Ellas ham de pregar-vos alguma peça maligna!—Os Senhores respondiam.—Ora, são creanças!—Pois sabei: as taes creancinhas levantarão um grande exercito! Se ouvisseis o que ouvi ha pouco, no terreiro! O nome de Penhoel ainda tem o seu prestigio, e velhos e moços só fallam em morrer por elle! Sabem vagamente do que se passa: pronunciam o nome do Senhor Marquez. o do Senhor Roberto, como se algumas tenções,... emfim, as taes creanças são a unica causa do adiantamento d'esses homens rudes, acerca d'este negocio!

PONTALES.—Veremos.

BRAZ.—Pois olhai: creio que elles tem um capitão invizivel!...

PONTALES.—Quem pois?

BRAZ.—Talvez os dous diabretes das meninas. Mestre Geraldo, as chama de maravilhas: Haligau, o barqueiro conta a respeito dellas umas lendas..., falla n'ellas com um respeito admiravel... Dá mostras de que as supoem dotadas de uma varinha de condão!... E quem sabe!... outro chefe!...

PONTALES.—E qual?

BRAZ.—Um...um—receio que o auzente—o primogenito!..

PONTALES.—Sim?!! Oh! que se elle vem!... Mas não. Nada mais devemos recear. O Senhor Roberto e Hivain lá estão arranjando o negocio. Hoje, o solar será perdido na ultima parada de jogo. Vejamos como isso vai. Vamos.

BRAZ.—Faça-se a vossa vontade.

Sahem pelo lado direito.

SCENA 4.^a

RENATO E HIVAIN, que entram pelo fundo.

RENATO, com olhar desvairado, e cabellos em desalinho.
Com força.—Quero ganhar ! já lh'o dice ! Acaso Penhoel
nasceu para mendigar ? Quero rehaver o que perdi !

HIVAIN.—Mas—se não tendes mais dinheiro !

RENATO.—Pois venda-se o que quer que seja !

HIVAIN.—Para vender—é precizo ter o que ! . . .

RENATO.—Visto isso—nada mais posso ? ! . . .

HIVAIN.—O solar... é uma boa propriedade ; e bem bom
dinheiro renderia. E estou que o Senhor Marquez de Pon-
tales... . .

RENATO, com raiva e angustia.—Nunca ! Foi aqui que
morreu meu pae ! Nunca !

HIVAIN.—Nada mais possuis... . .

RENATO, com dor.—Nada mais posso ? ! Era feliz ! era
rico ! o nome de meu pae achava-se puro ! Oh ! essa noute
tempestuosa ! essa noute de inundação ! d'ahi data a minha
ruina ! Havia inundação na estrada ! ouvi gritos de deses-
pero !—Corri ; douz homens iam ser tragados pela torrente !
Livrei-os ! . . . E esse homem que eu salvei das aguas — só
veiu para arrancar-me a salvação d'alma, e a vida do corpo !
Estou pobre ! miseravel ! Eu ! . . . um Penhoel... a mendi-
gar ! expansivo, Oh !!!

HIVAIN.—O solar ainda vos pertence... . .

RENATO.—Nunca ! Quero antes morrer ! Deixem-me !
sahe desesperado.

SCENA 5.^a

HIVAIN E PONTALES, *pelo lado direito.*

PONTALES.—Então ? . . .

HIVAIN.—O homem é duro ! Lá foi ! O Senhor Roberto o conversará !

PONTALES.—E esse Senhor Roberto dá mostras de ter fé n'um tal recurso ? ! . . .

HIVAIN.—Pois já vistes esse janianes duvidar de si ! Reputa-se o non plus ultra dos homens habeis. Ah ! senão fosse por vós, Senhor Marquez, já tinha desistido da alhada ! Roberto e seu creado não passam de trocatintas.

PONTALES.—Conheço, Senhor Hivain, que é um amigo seguro. Concordo com o juizo que faz a respeito do Senhor Roberto de Blois. Porém delle ainda precisamos. Quando for tempo, creia que saberei jocirar os verdadeiros amigos. Mas, primeiro convem que Penhoel acabe d'uma vez para sempre. Falo-lhe franco. O meu odio aos Penhoeis é antigo, e suas raizes profundas, e pois, não se trata de tirar-lhe metade da fortuna. Quero que seja obrigado a fugir, e que jamais se ouça o seu nome !

HIVAIN.—Isto é que é fallar ! E na verdade, creio que estamos tocando a méta !

PONTALES.—Talvez ! Porém desde que essas miseraveis raparigas forão ao meu castello roubar-me, a dez passos de mim, no meu quarto, aquelles papeis que eu não teria dado por cincuenta mil escudos, não sei ao certo que armas temhamos contra Penhoel ! . . .

HIVAIN.—Temol-as bem boas. Sempre que Penhoel tem vendido uma geira de terra pertencente ao primogenito teve

de falsificar uma firma, e por isso—multipliquei esses contractos.

PONTALES, *batendo-lhe no hombro*.—O Senhor vale quanto pesa !

HIVAIN.—Sei um tanto do meu oficio e todavia foi-me necessario bastante gíria para dar certa posição ao tal miliante do Senhor Roberto, que chegou com um pé calçado e outro descalço. Ainda me lembra da primeira noute em que o Senhor Roberto entrou no solar. Era horrivel a tormenta ! E a torrente da Dama Branca crescia com a chuva a olhos vistos. Ouvimos gritos de socorro ! O Renato—apezár das instâncias da mulher aventurou-se em uma fragil barca ! Partiu. Quando voltou—trazia comsigo o tal Roberto e Braz. Inculcou-se o primeiro como viajante transviado. Havia perdido toda a bagagem. Estava sem dinheiro. Renato abonou-lh'o. O sujeito foi-se deixando ficar ; deu na balda do Renato. Jogavam dia e noute... Bebiam... Oh ! se o Senhor o visse jogar ! Que rara habilidade ! Depois—foi indagando ; soube dos vastos dominios dos Penhoeis... Dos seus segredos. Tornou-se amigo —confidente... enfim em breves orates, o visconde de Penhoel era-lhe devedor de avultadas sommas. Verdade é que o tal megarefe entrou, como já dice qual um heroe. Cá por mim juraria que era millionário ! Contava com boas cordas :—o rei de ouros e a dama de copas.

PONTALES.—Voltando aos titulos que tem em seu poder ; —certamente os hade ter bem guardados ? !

HIVAIN.—Minha caza não é tam segura como vosso castello ; comtudo, a gente faz o que pôde. E' que as endiabradadas raparigas rondam-me a caza. Quando eu menos suspeitava a sua astucia pregarão-me boas ! Roubarão-me bastantes

dividas assignadas por Penhoel. Estou porém armado em guerra ; e creio que não quererão provar do petisco segunda vez !

PONTALES.—Ouvi fallar de um tiro ? ! . . .

HIVAIN.—Alias—dous ; e um pilhou o cavallo que a sugeitinha montava, que realmente,—e faço-lhe venia,—era uma maravilha na carreira ! E' de notar ; sou inimigo dos meios violentos, porem com os taes demoninhos, não ha que siar. Elles tem atormentado a Roberto de Blois dia e noute. Entram pelo buraco da fechadura, no seu quarto. Trajam-se de fantasmas e vão prevenir Penhoel de tudo o que concertamos. Desfazem tudo o que fazemos. Emsim,—Roberto está decidido a por-se na ofensiva !

PONTALES.—Bem ! muito bem ! Vejamos porém o que Roberto tem feito.

HIVAIN.—A esta hora Penhoel cahiu d'uma vez. *Sahem pelo lado direito.*

— — —
SCENA 6.^a

MARTHA, E DIANA E CYPRIANA, que seguem-a sem serem sentidas.

MARTHA, julgando-se só. *Depois de pauza e com amargura.*—Já não existe Penhoel ! . . . O dedo de Deus apontou,... o genio da desgraça proferiu—eis chegado o seu termo ! Oh ! que bem feliz já foi ! Meu Deus ! para que tudo isto ? Se eu podesse morrer ! . . . E Branca--a minha filha predilecta ? Elle... Renato nem lhe atende quando sorri ! Rodeado por esses homens, quegota a gota lhe sorvem a vi-

da... a fortuna... a razão... nada lhe importa, tudo olvidando ! *Pauza.* E essas duas meninas—tam meigas, e que tanto se interessam por nossa sorte... porque é que as não amo como a Branca ?...

DIANA e CYPRIANA, por traz de Martha que escuta o seu canto sem se voltar e extatica.

Tristes sempre—nem se quer
Um sorriso—na orfandade—
Vem dizer-nos que na terra
Nos tem alguém amizade !

Mas que importa—ind'assim mesmo
Nosso peito e coração...
A quem chora—dizem sempre—
Somos só—dedicação ! ajoelham-se.

MARTHA, a parte e commovida.—Oh ! sempre ellas !.... voltando-se para Diana e Cypriana, singindo-se agastada. Estaveis ahí ? São bem curiosas ! Nada lhes escapa..

DIANA.—Deveis nos perdoar ; mas é que quando estais triste, o vosso sofrer como que é nosso. Ah ! porque não nos quereis ? Nós vos sacrificaremos toda a nossa ventura !

CYPRIANA.—Se acaso nos enganamos, e Deus assim o queria, peço-vos, porquanto ha não vos agasteis !

MARTHA, levantando-as.—Pobres meninas ! Não me agastei. Porém, creiam-me, o bello tempo da vida é chegado. Os annos de felicidade são bem curtos ! Quem sabe se amanhã lhes virá a sua vez de pensar e sofrer ? ! Não procurem advinhar uma magoa que não consolariam ! Para que ambicionar a estréa do sofrimento ? !

DIANA.—Que importa tudo se vos amamos ?...

CYPRIANA.—E pois—é chegada a hora de pensarmos e sofrermos !

MARTHA.—Julgam então que sou muito desgraçada ?

CYPRIANA.—Oh ! sim ! muito !

MARTHA.—Quem o dice ? Andam a espiar-me. Já o percebi mais de uma vez. Ora bem, não quero que me espreitem. Se me amam—não procurem saber....

CYPRIANA.—E Branca ? Acazo é preciso espreitar quando tudo aqui ameaça infortunio e miseria ? ! . . .

MARTHA.—Minha filha ? ! Alguma couza a respeito de Branca de Penhoel ?

CYPRIANA.—Sim.

DIANA.—Não.

MARTHA, à Diana.—Sua irman ia confessar-me a verdade mas a Senhora é sabida em fazer bellos protestos. Convém, Diana, que não confie muito nelles.

CYPRIANA.—Se outra pessoa ousasse acusar minha irman de mentirosa....

MARTHA.—Está bom. Fazem bem em se amarem assim minhas filhas. Mas—o que é que dizem de Branca de Penhoel, o meu anjo querido ? ! . . .

DIANA.—Dizem que o anjo é uma bella menina, meiga como o nome que lhe derão ! Mas—fallam de misteriosos infortunios. Dizem que são chegados os máos dias para a casa dos Penhoeis ! ! . . .

MARTHA.—E não dizem que a filha de Renato de Penhoel é feliz e rica ? ! . . .

DIANA.—Dizem que o futuro obscurece o presente ! que Branca é feliz e rica . . . , ao menos estão bem certos de que o

era hontem ; mas — perguntam entre si — sel-o ha amanhã?! Dizem que foi um dia de maldição e desgraça— aquelle em que pizarão estranhos no solar de Penhoel!

CYPRIANA.—Dizem mais.—O Sr. de Penhoel nada pôde recusar ao Sr. Roberto de Blois ; e o Sr. Roberto quer que o anjo de Penhoel seja sua mulher quando cresça ! A viscondessa está no mesmo caso; não pôde dizer que não! Mas como ella é orgulhosa e como as mulheres arriscam tudo quando se trata de uma filha, o Sr. Roberto tomou suas precauções para que Martha de Penhoel não possa negar-lhe a mão de Branca !

MARTHA, *a parte com assombro.*—Oh ! então é elle com efeito ? ! ! . . Para Diana e Cypriana *com desanimo e dor.* De joelhos, minhas filhas, rezem ! Rezem do fundo do coração, e como nunca o fizerão em sua vida ! Não dizem que me amam, e que desejariam dar por mim seu sangue e ventura ? ! Pois bem ! Peçam a Deus que lhes tome a ventura e a vida, contanto que minha filha seja feliz ! *as moças ajoelham-se.* Martha vai tambem ajoelhando e dizendo com voz entrecortada de soluços. Tudo ! ... tudo ! ... por ella ! Meu Deus ! Apiedai-vos de minha filha ! *fica como absorta.*

DIANA E CYPRIANA, *alternadamente.*

Deus do Ceu que poder tendes no mundo
A's dores e soluços---atendei...
Da Mãe que a sua filha muito adóra ! ...
Que muito certa está na vossa lei !

Divina Providencia---Omnipotente...
Vistas só de bondade e proteção
Baixai a prol da filha da infeliz...
A quem de dor lh'estalla o coração !

em dueto

De bom grado---ó mãe mui extremoza..
Cedemos alma, vida, paz---ventura !...
Ao Anjo que teu peito tanto afaga !
P'ra que Deus a conserve sempre pura !

MARTHA, *levantando-se.* Com socego aparente. --- Tu-
do... por ella ? ! E por que ? ! !...

CYPRIANA, *levanta-se e tambem Diana.* — Por que é vossa
filha.

MARTHA.—Minha filha ? ! !...

DIANA.—Porque é adorada, e a nós não nos amam !

MARTHA, *absorta.* — Não vos amam ? ! Pobres meni-
nas !

DIANA e CYPRIANA.—Ninguem.

MARTHA, *abraçando-as meio em delírio.* — Não vos a-
mam ? Oh ! meu Deus ! Bem desgraçada me haveis tor-
nado ! Ouçam ! E' chegado o momento ! Sim ! o momen-
to—de tudo dizer-lhes ! Sabem ahi—acaso... qual é a mais
querida das tres moças de Penhoel ? Ouçam ! Os olhos da
pobre mãe estão pesados de chorar ! Seu coração sangra !
Nunca virão em sonhos sua mãe ? Nunca ? !

*Ajoelhando progressivamente, e tendo abraçadas Diana e
Cypriana que vão tambem ajoelhando. Com delírio e
dor. Ouçam ouçam... eil-a... eil-a — o coração lhe estala
de dor... Pobre mulher—mãe infeliz ! Ninguem lhe tem
compaixão !... Uma—duas—tres—eil-as ali... rozadas...
e tam bellas ! Amo esta !... mas aquellas... porque as não*

amo? !... *Levanta se sobresaltada e olhando para Diana e Cypriana, que levantam-se tambem, diz como acordando d'um sonho.*

Estão ahi? Porque deixarão a salla da dansa? Então ja acabou o baile? *com riso forçado.* Branca? Perigos? !!! Estas meninas tem ideias bem extravagantes! Vão dansar! Só ha desgraças e mysterios nas vossas loucas cabecinhas! Vamos ao salão? *com amarga ironia.* Os muzicos devem tocar o que houver de mais alegre! Quando Penhoel dá um baile, é justo que os seus hospedes se divirtam! Vamos! vamos! *Sahem pelo lado direito.* A musica deve ser ouvida por intervallos em toda a scena descrita.

SCENA 7.^a

ROBERTO, BRAZ E PONTALES, que entram pelo fundo.

PONTALES.—Então? O solar é nosso?...

BRAZ.—Já tens nas mãos a assignatura?...

ROBERTO.—Estamos á espera d'ella. O negocio foi dificil ao principio, Ja sabeis que o Senhor Hivain nada arranjou por si com Renato de Penhoel, e que o sujeito não consentiu em assignar; mas — como já eu o previa, tomára minhas precauções, e pois venci a batalha, e temos o ultimo pedaço de pão. Conseguí uma entrevista da viscondessa Martha, e em um dialogo entre respeitoso e

ousado, pintei-lhe o negocio de mil cores, e cores que para seu futuro não eram das mais lisongeiras. A viscondessa torceu o nariz ao principio e negou-se, porem—logo que lhe apresentei, á queima roupa, uma carteira com certos papeis de que ella se teme assaz, cedeu immediatamente. Lá deve estar com o Senhor Hivain em busca de seu marido para fazel-o assignar! A pobre viscondessa chorava que infundia dó! Tinha razão. O solar era o unico pedaço pertencente a sua querida filha; sobre quem já fiz os meus calculos. A carteira cá está, e ainda me hade servir de muito. Emfim, meus amigos, hoje temos concluido o negocio...

PONTALES.—Convém porém que Penhoel deixe estes lugares.

ROBERTO.—Sem ter elle nada de seu, e nós com as assignaturas falsas, mandamol-o para o fim do mundo.

BRAZ, olhando.—Creio que é o Senhor Hivain...

SCENA 8.^a

OS MESMOS E HIVAIN, que entra bufando e enxugando o suor.

ROBERTO E BRAZ.—Ora emfim ? !

PONTALES.—Está bem em regra ? ! fazem roda a Hivain que passeia bufando e limpando o suor, e sendo seguido pelos outros.

ROBERTO.—Falle pois! O sujeito mordeu-se—remorreu-se... não é assim ? !

HIVAIN, com um longo suspiro.—Fallar? Pois não! Sei lá se devo fallar deante de tanta gente!...

ROBERTO.—Então? !...

HIVAIN.—Senhor Marquez...

PONTALES.—Mestre Hivain, desde que o Senhor Roberto diz-lhe que falle, é ir fallando. Entre nós não ha negocios á parte.

HIVAIN.—Bem—vou fallar,... vou fallar! *suspirando*. Que diabo de homem! Tem ainda um punho!... Fiquem sabendo,... um punho de vos quebrar as cabeças como a uma noz! Perguntais-me—se mordeu? !... Sim... mordeu-me a mim e deixou-me todo pisado, que é uma desgraça!

ROBERTO, PONTALES, BRAZ.—E o papel? !!

HIVAIN, *sem atendel-os e suspirando*.—Um sôco nos peitos que fez-me ver o sol! Atirou-me pela escada—com risco de commeter um homicidio na minha pessoa!

ROBERTO, *muito impaciente*.—Coitado do Senhor Hivain! Mas o papel? !...

HIVAIN.—O papel? queria vel-os lá! Ja lhe dice!... Está endiabrado esta noute—e nada se pode arranjar!...

PONTALES.—Assim—negou-se a assignar? ...

HIVAIN.—Formalmente.

ROBERTO.—E a viscondessa... ter-me-hia logrado? !...

HIVAIN.—Não. Fez o que pôde. Mas Renato está levado dos trezentos. Dir-se-hia—que não comprehende a sua situaçao!...

PONTALES.—O primogenito!... talvez esteja melhor informado!...

ROBERTO, depois de pauza. Não quer assignar ?....
Tanto peior para elle ! E' necessario que morram as filhas
do tio João de Penhoel !

PONTALES.—Se se trata de assassinato...

ROBERTO.—Recuais. Passaremos sem vós, Senhor Marquez !

HIVAIN.—Se se ultrapassam as raias da legalidade, faço
termo de abstenção !

Roberto.—Senhor homem de lei, ficaremos sem os seus
serviços. Mas não se diga, que duas mizeraveis raparigas
nos embargarão impunemente o caminho ! Sim, porque fo-
rão elles, que tudo sabem, porque tudo espreitam, que pre-
venirão Renato. Braz, onde está Bibandier ?

BRAZ.—Lá no terreiro.

ROBERTO.—Pode-se contar com elle ?...

BRAZ.—Ha tres dias que o trago em jejum. Está magro
e esfomeado como um bom perdigueiro.

ROBERTO.—Senhor Marquez, cada um de nós terá esta
noute a sua tarefa. Amanhan—tudo estará concluido. Por
mim incumbo-me das meninas.

PONTALES,—Onde as achará ?

ROBERTO.—Bibandier é um homem seguro, um farejador
de boa raça. O Senhor Marquez encarrega-se do Penhoel.
Mestre Hivain tem sempre os papeis das assignaturas fal-
sas...

HIVAIN—Sim, Senhor. Por cauza dos taes diabretes mudei-
os da gaveta da minha secretaria para debaixo dos ladrilhos
d'um quarto de estudo. Não é mais do que arredar a poltro-
na, levantar o tapete—e cil-os !

ROBERTO. — Nada está perdido. Teremos a assignatura de Penhoel, cedendo o solar ao Senhor Marquez, sujeito todavia a um resgate, que por certo não se efectuará visto o pessimo estado das suas finanças. Mestre Hivain vai buscar os papeis ; e quando o Penhoel os vir — não resistirá !

PONTALES. — Jogamos a ultima carta. Ruina a Penhoel.

ROBERTO. canta.

A victoria muito em breve
Poderemos nós cantar,
Que os ardis desinvolvidos
Tal successo hamde operar !

TODOS.

Ruina pois a Penhoel —
Como sim d'esta união ;
Morte mesmo se é mister
Para sua destruição !
Sahem pelo lado direito.

SCENA 9.^a E ULTIMA.

DIANA E CYPRIANA, que entram pelo lado esquerdo preci-
pitadamente e vão cahir de joelhos e abraçadas.

DIANA E CYPRIANA. — Morrer ? ! ...

DIANA, cantando.

Os tigres sedentos de sangue
O dado final vão lançar ! ...

Inda assim partamos que a Virgem—
Lá do Ceu nos hade guardar !

CYPRIANA,—Partamos primeiro que elles. Sabemos com certeza onde estão os papeis !

DIANA E CYPRIANA, *dueto.*

Uma guerra tam cruenta
Brada aos ceus grande castigo !
Dai-nos---Virgem---no teu scio---
Contra os vis seguro abrigo !

Levantam-se e sahem apressadas.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO,



QUADRO SEGUNDO.

A canção das maravilhas e a hora do exílio.

A scena representa uma sala do castello de Penhoel. Diversos retratos guarnecem as paredes. Uma janella no fundo, com portas ao lado, onde se acham troféus de armas. Uma mesa grande d'um lado da scena, onde ha um candeeiro accezo. Uma cadeira ao pé da mesa, e outras espalhadas. Portas lateraes tambem com troféus. No fundo, em um canto, mas um pouco arredado, um berço de armção, onde está uma creança de 5 annos. E' noute tempestuosa até o fim.

SCENA 1.^a

MARTHA, vestida de dô e sentada junto ao leito. Ao levantar o panno deve-se ouvir o bramir da tempestade. Martha está como absorta porém em cansaço. O relogio dá 9 horas.

MARTHA contando.—7...8...9...! com dolorosa expressão. Nove horas! a ultima vez que cantarão... o relogio sôou no estribilho de sua canção! Lembro-me! eram 9 horas por entre o estridor da borrasca ouve-se cantar ao longe a seguinte canção:

A CANÇÃO DAS MARAVILHAS.

Maravilha é flôr da noute
Que fenece n'alvorada!

E' o suspiro da virgem
Que morreu abandonada !

Linda flôr—meiga estrella—doce virgem !
Maravilha de Deus !
Pousa junto de ti—nocturna brisa
Bebe os perfumes teus ! . . .

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •
a tempestade encobre a voz. Martha levanta-se assombrada. O seu canto ! O canto das maravilhas ! ouve-se de novo. Martha escuta ofegante.

Maravilha é flôr da noute...
&c. &c. &c. &c. &c.

Linda flôr—meiga estrella—doce virgem !
Brilho do firmamento !
O peregrino fatigado e triste
Se te avista um momento,
Mais sereno prosegue na jornada,
Fitando ainda a estrella desmaiada !

Martha percorre a salâ com assombro, procurando ouvir outra vez a voz que só me com o estampido do raio. Que voz modulou esta canção ? ! Acaso.... para prestando ouvidos.

Maravilha é flôr da noute...
&c. &c. &c. &c. &c.

Linda flôr—meiga estrella—doce virgem,
Maravilha de amôr,—
Quem teus olhos azues cerrou na campa ?

Foi quebranto ou foi dôr ?
Gemes á noute embaixo do salgueiro—
Doces canções do teu amor primeiro ? ! . .

MARTHA cahindo de joelhos.—Ah ! são ellas ! Meu Deus ! ouve-se de novo a voz que vae enfraquecendo á proporção que a tempestade augmenta.

Maravilha é flôr da noute...
&c. &c. &c. &c.

A doce virgem feneceu de magoa
E foi dormir no céu !
Desce alta noute a divagar na terra
Envolta em branco véu
E no calix da flôr—candida e bella
Deposita uma lagrima singela ! . .

a voz morre com um estampido furioso que faz Martha crêr-se aturdida, Ah ! é a sua voz... ou a voz de Deus ? ! . . cahindo n'uma cadeira. Louca que eu sou ! soluçando Como poderião... cantar se ambas reposam n'un sepulchro ?!.. Mas então... a minha cabeça... a imaginação !!!.. com grande brado de dôr ocultando o rosto e soluçando Ah ! que tenho padecido muito ! ! . . com amargura. Ambas ! .. mortas ?!.. levantando-se maquinalmente caminha até o berço dizendo com voz lugubre — Se elle... voltar... que lhe direi ?!.. apercebendo-se de que está ao pé do berço. Com amargura apontando o berço. A Sra. de Pernhoel ! A herdeira ! Todas as alegrias eram para esta ! Toda a consideração... e todo o amor ! E para elles ? ! nada ! Eram por ventura menos bellas ? Meu Deus ! Sofriam !

Padeciam... desdenhadas—repudiadas—odiadas como pareciam ser ! Tinham dedicação..., morriam por mim..., e as minhas caricias só para esta se dirigiam ! E porque isto ?!... *pauza.* A Sra. de Penhoel ! A privilegiada !... A filha da casa ! As outras sentavam-se no fim da mesa !... e só por caridade comiam o pão do solar ! Tudo se lhes roubou ! Desde a herança que lhes tocava, até o sorriso de uma mãe !... Até o ultimo dia ! Oh ! E foi-me preciso ficar ao pé deste leito, em quanto que estranhos deitavam a terra benta sobre suas louzas ! Renegadas desde o berço até o tumulo ! *pausa.* *Como chamando a meia voz.*—Diana !... Cypriana !... escutando. *Com acerba dor.* E' pois verdade ? Não lhes verei mais os risos ?... mão no coração. Ouvem-me ellas por ventura ? Sabem como eu as enganava ? Oh ! e quanto amor eu lhes tinha no fundo de minha alma !.. Pobres maravilhas ! Almas santas que viviam de dedicação e ternura ! Perdoem-me—que eu as amava como perdida ! muito ! muito ! soluçando. Sabe-o Deus ! Deus que via minhas lagrimas, e conhecia meu martirio ! *pauza.* *Voz branda e socegada.* Estão mortas ? Posso amal-as agora ?... voltando-se para o berço. Dorme em paz, Branca de Penhoel ! vou repartir meu amor ! Pela vez primeira te deixo minha filha, mas para ir rezar por elles ! sahe lentamente pelo lado direito.

— — —
SCENA 2.^a

ROBERTO que entra pela janella depois de investigar.
Dirigindo-se ao berço.—Ora vivam os tios da America !

Se o tal primogenito está realmente rico, não ha melhor quinhão do que este anjinho. Venha pois, meu querido anjo de Penhoel ! De hoje por diante passas a ser o anjo de Blois ! *tirando do berço a creança que não se acorda.* Na verdade, é lindo este anjinho ! Ora não tem duvida ! Sempre tenho bem boas lembranças ! Vamos indo. Por onde se entra, — sahe-se ! *Sahe pela janella levando a menina. A janella fica aberta deixando ver melhor a tempestade.*

SCENA 3.^a

RENATO que entra pelo lado esquerdo, cambaleando, com uma garrafa na mão, e depois MARTHA pelo lado direito.

RENATO. — Que noute! que noute! Ah! que está medonha!.. Uma hora ! Só uma hora sou senhor do solar de Penhoel ! *Canhindo sentado n'uma cadeira.* Estou bem velho ! supunha morrer antes de presenciar a deshonra de Penhoel!.. *levantase e dirige-se com passo mal seguro para a janella.* Foi em uma noute como esta... que eu abri as portas do solar ao homem que hoje m'as fecha no rosto!.. Nossa desgraça se estende, e a hospedagem que qualquer desses pobres homens, antigos servidores de Penhoel, nos desse, seria uma maldição para elles e suas familias ! Nada olvidarão ! Oh ! que noute medonha será esta para quem não tiver um asilo ! *Olhando a garrafa e pondo-a depois sobre a mesa.* Ainda tenho uma hora ! é quanto basta para a minha vingança ! *Vai ocultarse por detrás do berço dando uma risada amarga.*

MARTHA entrando. — Branca, aqui estou; não demorei-me

Dirige-se ao berço mas vendo-o vazio recua dando um grito. Parando e sorrindo. Branca, não queiras amofinar-me ! Deixa-te disso ! procurando. Ora estás de certo escondida para me assustares Presentindo ruido a traz do berço. Anda lá, deixa-te disso ! És tu, bem o sei ! Mostra-te ! Recua espavorida vendo Renato aparecer com os cabellos em desalinho e olhar fascinador.

RENATO, voz sepulchral.—Até que emsím a encontro ! Ainda bem ! *Sahe para a frente.*

MARTHA. — Minha filha ! Renato, onde está minha filha ? ! ...

RENATO aproximando-se-lhe.— Sua filha ? Vou dizer-lhe ! Sentemo-nos junto a esta mesa ! Nada de pressa ! ainda temos uma hora ! ... *Obriga Martha sentar-se junto á mesa e senta-se defronte tendo ao pé de si a garrafa.*

MARTHA. — Senhor...., que é feito de minha filha ? Não o é tambem sua ? ! ...

RENATO. — A menina que se chama o anjo de Penhoel ? A insamia—a desonra de uma raça inteira ? ! ...

MARTHA. — Senhor ! ...

RENATO. — Calle-se ! Não é occasião de fallar do seu anjo ! A Senhora tem outros amores ! Fallemos dos negocios da casa ! *procurando n'algibeira e olhando Martha que está acabrunhada.* Está bem pallida ! então sabe o que tenho que lhe dizer ? *Mostrando uma carteira.* Como a Senhora olha para a minha carteira ! E' sua conhecida antiga ? Comprehendo agora porque me aconselhava que vendesse o solar ! Ameaçarão o seu pudor com isto ! Aposto que daria tudo para rehaver seus segredos ? ! ...

MARTHA, balbuciando.—Tudo... sim—por minha filha !
Em presença de Deus que nos ouve, Renato, estou inocente !

RENATO.—Sabe mentir a Deus, como a mim já o soube !
Custou-me caro esta carteira ! Outr'ora—eu daria uma her-
dade, uma mata por esta carteira ! Mas hoje !... onde pa-
ram os dominios de Penhoel ?! E no entanto, eu precisava
della ! Logo mais dir-lhe-hei porque preço comprei-a !
Resta uma hora para lermos estas cartas ! Que diverti-
mento ! *Tirando da carteira uma carta.* Cá está o que
tam doces momentos lhe ha de ter custado ! Quero ter o
meu quinhão de alegria ! Não relerei toda a carta ! alguns
tópicos sómente. Escutae. *Lendo com dificuldade.*—
« Quando esta carta te chegar ás mãos, Renato, Martha já
será tua mulher ! Tenho apenas 22 annos ! Longo será
talvez meu viver ! Não tenho mais familia ; meu futuro
não o acho ! o passado é uma saudade amarga ! Meu Deus !
acaso pesei as minhas forças, quando consumei este sacri-
fício ! Não me arrependo, meu irmão ! Eu te via as bordas
do sepulchro ; procurei advinhar tua molestia ; e um dia em
que a febre te prendia no leito, ouvi-te estas palavras.—Vou
morrer, porque amo a...—Deus dictou meu dever ! Ama-
va-a... ainda amo-a, e amarei sempre ! mas tu morrias !
Renato, pede a Deus por mim, porque dei-te a minha felici-
dade ! » — *Martha soluça.* Renato olha-a dizendo : Si-
lencio ! todas estas bellas cousas não o impedirão de trahir
seu irmão ! Elle mentiu aqui, como em toda a sua vida
Bebe.

MARTHA.—Nunca ! nunca mentiu !

RENATO.—Cale-se. Contente-se em ouvir como o Sr. Luiz

lhe queria bem. *Continuava a ler*: — « Oh !... se eu soubesse alguma vez que minha dedicação lhe foi fatal ! ! Mas não ! tens um coração nobre e ella será feliz ! Adeus. Escreve-me sempre pois é o unico consolo do teu irmão—Luiz de Penhoel. » — *Fallando*. Muitas lagrimas tem cahido sobre esta carta ! Não posso distinguir quaes as do meu generoso irmão, e quaes as suas....

MARTHA.—O Senhor nunca me dice que Luiz de Penhoel havia escrito depois da sua partida.

RENATO.—Então adivinhou-o ?...

MARTHA.—E' a primeira vez...

RENATO, *riso sardonico.*—Ora que sandeu que sou ! Vejo-me sempre quasi a dar-lhe credito !...

MARTHA.—Por minha honra...

RENATO.—Por sua honra ? Digo-lhe que sei tudo, senhora ! Esta carteira estava na minha secretária. Desapareceu ha 18 mezes. Foi a senhora quem m'a roubou !

MARTHA.—Renato, em nome do céu !...

RENATO.—O homem, que m'a entregou esta noite, achou-a no seu quarto, onde sem duvida tinha entrada franca !...

MARTHA *ocultando o rosto.*—Oh ! meu Deus !

RENATO.—Então pensa que são todos cegos ? Ha mezes que percebo o manejo desse Roberto com a Senhora ! È um patife desembaraçado que arruinou o pae, deshonrou a mãe e apossou-se da filha ! Mas é dessa boa gente que as mulheres gostam !

MARTHA.—Minha filha?!!... O Senhor prometeu-me...

RENATO.—Cada cousa por sua vez, senhora. Novamente o prometo. Mas—paciencia! ainda não acabamos a nossa correspondencia. *Tira da carteira um quaderninho. Bebe.* Não me espantaria se negasse a sua propria letra, dizendo que não conhece isto! *Mostra-lh'o.*

MARTHA.—É o meu unico crime! Deus me castigue se sou culpada!

RENATO.—Desta vez não nega. Tenha a bondade de ouvir alguns trechos seus. *Folheia o quaderno e lê bufando, bebendo e roncando.*— «É a vigesima vez que tomo a pena, e que rasgo o que escrevi! Como dizer-vos o porque ainda espero em vós — eu que sou mulher d'outro homem?... *Fallando.* Lá isso não é rasão! *Lendo.* Resisti quanto pude.. mas todos eram contra mim, pois me diziam: — Não entriste em nossa casa senão para deitares a perder e desgraçar nossos doux filhos! Luiz partiu por tua causa, e o pobre Renato fina-se por amor de ti!... — Se bastasse o meu sangue para salval-o?... Mas eu não podia... bem o sabeis porque!...»— *Fallando.* Oh! sim! o meu generoso irmão sabia disso, minha senhora, e quando elle voltou depois, deu-lhe sem duvida a absolvição do seu crime!...

MARTHA, voz abafada.—Quando elle voltou?!!...

RENATO.—Ouça. *Lendo.*— «No espaço de 7 mezes foi tudo inutil. Luiz, a penha se recusa a escrever o motivo de minha resistencia! Mesmo quando tivesse acreditado a noticia da vossa morte, que espalharão, não teria podido casar-me naquelle tempo! Só vosso tio João e sua mulher

me alentavam. Se não fossem elles, teria morrido de dôr e de pejo ! *Fallando.* Já de ha muito que eu suspeitava isso. O bom do nosso tio trahia me, engulindo o meu pão ! *Ha de vir a sua vez.* *Forcejando por ler;* *atiça o candeeiro,* *e bebe.* *Folheando o quaderno (fallando).* Oh ! é comprido ; e não acho o que procuro ! Estou porém certo de ter visto ! É verdade que outros olhos mais agudos... leve o diabo esta alampada ! Vamos. Salto tres ou quatro paginas de lagrimas e suspiros. Já sabemos que amava como uma perdida a meu irmão ! Creio que achei. *Lendo.* — « Tendes deveres sagrados a preencher ! Não praza a Deus que uma censura cáia para ir agorentar vossas alegrias ! Mas devo dize-lo — ponde a mão na vossa consciencia e lembrai-vos... o exilio voluntario só é permitido aos que se acham sosinhos no mundo ; mas não estais nesse caso.... *Fallando volta a pagina.* Creio que saltei demais ! O diabo anda nisto ! Não comprehendo !... A alampada se apaga;... o meu frasco se esvasia ! Se Roberto cá estivesse para ajudar-me... *Cahe-lhe o quaderno e indo apanhal-o fica com as feições muito alteradas, balbuciando.* Estou a sangue frio..., de propósito não quiz beber... *bebe.* A calma é sempre essencial para pronunciar-se uma sentença ! Ouça ! Ouça..., está aqui o que eu procuro ! *Lendo com muita dificuldade.* — « Voltai, Luiz, eu vol-o peço !... voltai !... *Fallando a custo.* Porém... que historia é esta que segue ? !... Oh ! a tinta branqueou !... o papel... a escrita... estão da mesma forma ! Esta maldita alampada !... *Vai atiçar a alampada, mas engana-se, tomando a garrafa, que atira no chão junto com a carteira.* Não querem que eu leia ? Ah ! inferno ! Mas que importa ? ! Eu vi... com os meus olhos !

Inferno ! Branca de Penhoel é filha delle!.. delle.. ouves?!. .
Martha que em todo o tempo tem estado como em torpor levanta-se sobresaltada.

MARTHA.—Branca ? ! Oh ! dizei-me, senhor—o que é feito de minha filha ? ! Olhando Renato, que está de pé e em estado totalmente desvairado. Acaso vingou-se de mim.. em Branca ? ! Cahindo de joelhos. É sua filha, Renato ! Oh ! por Deus o juro ! Tenha dò de seu proprio sangue ! . . .

RENATO, depois de contemplar-a dirigir-se titubante, alevanta dizendo com amargura e encostando-se a uma cadeira. Oh ! Martha ! bem sei o quanto é formosa ! Como podíamos ter sido felizes, se o quizesse ! Eu só pedia que me deixasse amal-a como um escravo ! Não se lembra ? Há já muito tempo ! Por mim... ainda me não olvidei de como o coração me batia ao vel-a ! Em toda a minha vida só amei a uma mulher..., Martha—e amal-a-hei sempre ! Não se lembra ? de minhas suplicas..., de minhas lagrimas ? Eu não conhecia toda a minha infelicidade, porém sentia que não era amado ! Meu Deus ! se a voz d'algum magico me houvesse dito— Queres dar tua vida — por uma semana de ventura ! . . . Oh ! Martha, como eu houvera dado com prazer a minha vida ! . . . Chora.

MARTHA, baixo. — Minha filha ! Falle-me de minha filha ! . . .

RENATO, atirando com a cadeira em que estava apoiado, cambaleando por isso. Com voz horrivel. — Ah ! que estúpido que sou ! Para lembrar-me de meus deveres é mister que esta mulher me desperte ! Sua filha ? ! ! . . . A filha daquelle hipócrita e covarde ? Nem mais uma palavra ! Oh !

que aviltamento em que cahi ! O filho dos Penhoeis está hoje pobre como os mendigos, que vinham outr'ora esmolar á porta do solar ! O filho dos Penhoeis não tem mais azilo ! O filho dos Penhoeis carrega com a infamia ! Se aquelles que o empobrecerão não se amercearem delle, lá irá o nome de seus paes de rojo ! E sabe quem despenhou Renato de Penhoel pelo abismo ?... *Pondo a mão no hombro de Martha que está transida de terror.* Com voz lugubre. Forão —o homem a quem amava..., e a mulher que idolatrava ! Foi : — Martha — a espoza criminosa ! foi—elle—Luiz de Penhoel, o irmão indigno !... No dia em que meu so;br'olho se franziu pela vez primeira, ao ver o berço do anjo, Deus tinha já pronunciado minha sentença ! Era a ultima esperança que morria ! Nada mais havia no meu coração ! Cumpria-me sopitar a angustia do espirito... Busquei o olvido na ebriedade.... no jogo.... no amor.... *Voz estri-dente.* E toda a vez que eu commetia uma falta, era Martha de Penhoel a culpada!... *Deparando um dos retratos e mirando Martha.* Com selvagem assomo de ira. Que dous !... Elle... o veneno da minha vida—o maior trahidor !... ella, a espoza indigna ! *Arranca o quadro e o piza.* Ah ! bem dizia o barqueiro que eu havia de assassinal-o ! Agora—a sua vez ! *Tira uma espada dos troféus e dirige-se a Martha fazendo o signal da cruz.* Acabou tudo entre nós ! Faça como eu ! Encommende sua alma !

MARTHA, ajoelhando.—Renato, pouco se me dá de morrer, e hei de perdoar-lhe ! Mas antes—diga-me—que fez de minha filha ?!...

RENATO, com voz lugubre apontando com a espada a

carteira cahida no chão. — Não lhe dice que tive de pagar aquillo ? Nada mais possuia ! Roberto de Blois pediu-me o seu anjo em troca desses papeis !... eu lh'o dei !...

MARTHA, que havia se levantado a proporção das palavras de Renato, como não querendo crer, cahé redondamente, levando simplesmente as mãos a cabeça.

RENATO, afastando-se e olhando-a. — Ella primeiro... e depois... eu ! Caminha para Martha com a cabeça baixa, porém na ocasião em que ergue a espada e a cabeça, depara com João de Penhoel, entre si e Martha, pois tendo entrado pouco antes, advinhara o seu pensamento e armado-se com outra espada se postara silencioso.

SCENA 4.^a

OS MESMOS e JOÃO DE PENHOEL.

RENATO com furia. — Sáia daqui, porque apezar de estar na hora da morte... talvez tenha uma conta que ajustar com o meu tio João de Penhoel ! Bem sabe que esta mulher é culpada ! e que um Penhoel só tem um modo de reparar sua honra !

JOÃO, com serenidade e firmeza. — Sei que tua mulher é uma santa, e que meu dever é soster a mão d'um Penhoel quando está prestes a perpetrar um vil assassinato !

RENATO. — Aqui governo eu ! Saia ou morre !... *Cahé sobre João que rebatendo faz-lhe saltar a espada que tomba.* Renato furioso a vai buscar, cahindo de novo sobre João

que só se defende. Renato extenuado cahé largando a espada ; João depoem a sua sobre a mesa e vai erguer Martha.

MARTHA, voz sumida.—Branca ? ! ! . . .

JOÃO.—Havemos de achal-a.

RENATO levantando-se ao ouvir dar horas n'um relogio.—Dez—onze ! . . . Onze horas ? ! Que é que eu devia fazer ás 11 horas ? . . . Dando passos e olhando em redor. Que tamanha que está agora esta salla ! . . . Antigamente... parecia menor — quando todos reunidos,... Vicente... Diana e Cypriana... Branca—Rogerio nosso filho adoptivo ! . . . Porque é que nos deixarão todos ? ! . . . Como lembrando-se, inclinando a cabeça. É... a hora em que Penhoel deve para sempre deixar a casa de seus paes ! soluçando. Se ao menos me tivessem amôr !

MARTHA dirigindo-se a elle soluçando.—Renato ! . . .

RENATO tomando-lhe as mãos.—Oh ! Martha ! Como eu podia ter sido feliz !

JOÃO.—Animo, meu sobrinho !

RENATO apontando as espadas depois de percorrer a salla com a vista.—Obrigado ! ! ! . . . Indicando a porta faz signal de sahir. Martha adiante—João depois—e Renato por ultimo ; sahem cabisbaixos. A tempestade deve ser então estrondosa mas passageira.

SCENA 5.^a

ROBERTO DE BLOIS e depois BRAZ e UM CREADO.

ROBERTO.—Cahiu o panno ! Findou-se o entremez ! Ora muito bem ! entro agora na existencia real, e pois d' hora avante devo ser um homem sizudo e gozar honradamente do meu cabedal. O tartufo do Pontales..., podia desfazer-me delle... mas não ! careço do Pontales para a deputação. Cem votos das suas criaturas no collegio de Redon—já servem. Ah ! que se eu me pilho deputado, hei de pregar-lhe um bom carólo ! *Chamando.* Olá... olá !... um homem qualquer !... *Entra um creado.* Que venha já a ceia. *O creado vai-se.* Pobre diabo ! Meta-se a gente a salvar uns biltres que se estão afogando ! Oh ! o tal barqueiro fallava como um oraculo ! E a moralidade de tudo isto—vem a ser !... Que se deve deixar os salafrarios afogarem-se como pedras ! Ah ! ah ! ah ! *Volta-se ouvindo uma gargalhada estridente.*

BRAZ, sentando-se de forma que a espada que Renato deixára cahir lhe fique ao alcance,— Como vai isto de risada !... ah ! ah ! ah !...

ROBERTO, contrariado.—Por certo; e com bastante fundamento, meu filho ! Estava eu agora mesmo pensando em ti, e dizia — Aquelle rapaz deve-me ser grato ! —

BRAZ, espreguiçando-se.—Ah ! dizias então isso ? !...

ROBERTO.—Sim. O facto é que a fortuna te apanhou a dormir ! porque a fallar a verdade, podia dispensar-me de trazer-te commigo...

BRAZ.—Anda lá ! Fiz o que pude, Um creadinho fiel....
submissô... .

ROBERTO.—A perola dos creados.

BRAZ.—Um espião atento ; experto observador ; discreto
confidente...

ROBERTO.—Em summa—o rei dos mariolas. É a pura
verdade,... sim, senhor, não quero negar-lhe o merecimen-
to. Terá um bom quinhão no bôlo...

BRAZ.—Eis ahi está ! É mesmo sobre isso que eu queria
dar-te duas palavras. Como entendas os quinhões, Ameri-
cano ?...

ROBERTO.—A fallar-te a verdade, ainda o não sei. Entre
nós não pôde haver disiculdades ! ...

BRAZ.—Certamente. Com tudo..., amigos-amigos, ne-
gocios á parte ! Logo—de primas em primas—tenho de
observar-te que não nos conservamos nos termos do nosso
primeiro programma. Se bem te recordas, devíamos ter
cada um 20,000 francos de rendimento...

ROBERTO.—Isso !... isso !... tu mesmo és quem mostra
as diferenças!....

BRAZ.—Enormissimas !

ROBERTO.— Isso ! Eu tive todo o trabalho e tu dormiste
a bom dormir....

BRAZ.— Anda lá ! Tracta-se do que nos toca na herança
dos Penhocis ; minha opinião é esta;—Divida-se o patrimonio
em duas partes eguaes ; a 1.^a — para o Sr. Marquez, que
se encarregará de recompensar, como lhe aprouver, a mestre

Protasio Hivain : a 2.^a — será para nós ambos ;... 10 mil para ti, e 10 mil para este creadinho....

ROBERTO.—Mas....

BRAZ.—Espera. Tenho tambem um—mas...! lá vai... Por tres annos consecutivos terei a livre disposição de nossa fortuna indivisa, porque—conforme nossos ajustes, serei o amo.... e tu o creado. *Entra o creado trazendo a cêa que colloca sobre a mesa.*

ROBERTO.—Gracejas ? ! . . .

BRAZ.—Nunca fallei tam serio ! Na noute em que tomámos aquelle regabose na hospedaria do mestre Geraldo... (oh ! que fritada, meu patusco !) nessa noute me prometeste ser meu creado—por tanto tempo—quanto eu fosse teu ! ...

ROBERTO.—Entendo. Queres compensação ! Vá feito : terás os 10 mil francos.

BRAZ.—Ouça, meu menino. Uma de duas: ou V.Mc.^e ha de por-se ali de braços cruzados a servir-me a cêa, ou então hei de ter os 20,000 francos inteirinhos.

ROBERTO, olhando a espada que está na mesa.—E eu então ? ...

BRAZ, disfarçando e puxando com o pé a espada do chão. —Arranje-se com Pontales... .

ROBERTO.—Ora vamos ! Vejo que estás desarrasoado hoje ! Havemos de nos entender por força. Brincando com o candeeiro pega repentinamente na espada e levantando-se para ferir Braz, acha-o já com a espada do chão. Travam

um combate que é interrompido por uma gargalhada estridente de Bibandier que um pouco antes chegára.

SCENA 6.^a

OS MESMOS e BIBANDIER rindo.

BIBANDIER.— Palavra de honra ! bella vista para um desenho ! Ah ! Sr. D. Roberto, hei de ir vel-o na camara dos deputados, quando lá chegar ! Olá, meu basofio—Faz dormir, então com que quer S. S. 20,000 francos ? ! Ora deixem as espadas e vamos fallar serio.

ROBERTO.— Mas—que quer dizer ? nunca o vi tam insolente ?!...

BIBANDIER.— Americano, a susceptibilidade do meu carácter não consente que o deixe continuar nesse tom. Basta de pilherias. Faz—dormir, vem aqui para a minha direita ; Americano poem-te á esquerda. Tracta-se de uma comunicaçō official. *Sentam-se na forma iudicada.* Bibandier continua. O Sr. Marquez de Pontales dice-me— Meu amigo Bibandier, tenho tédio de ver aquelle Roberto e aquelle Braz...

ROBERTO E BRAZ.— Como ?!...

BIBANDIER.— Se me interrompem, não acabamos hoje !— Meu amigo, continua o Marquez, poupa-me o desgosto de ver esses doux tratantes Em summa, esses marotos me prestarão alguns serviços. Não quero que vão sem a paga.— Incumbiu-me finalmente de lhes dizer que precisa do solar,

e que muito prazer terá sabendo que os Senhores se escusarão hoje mesmo !

ROBERTO.— Ora—anda lá ; estás com a bola desandada. O solar é tanto nosso como delle ! Se os titulos de venda estão em poder de Mestre Hivain, nós temos a resalva assignada por Penhoel.

BIBANDIER.— Qual histórias ! Pois não sabe que a bisei da sua gaveta ?... Eu mesmo—este seu creado ! E nada de brinquedos, álias introduzo na discussão novos argumentos... mostra *dnas pistolas*. Portanto—siquem mansos. O Sr. Marquez é um homem de consciencia. Aqui lhes manda uma duzia de bilhetes de mil francos para repartirem. Querem ou não ?...

ROBERTO.— Não queremos.

BRAZ.— Antes ir me enforcar.

BIBANDIER.— Ora isso é antigo modo de fallar. Deixem-me mostrar-lhes uns documentos que o finorio do Pontales arranjou lá na capital. *Lendo um papel*.— Extracto dos rôes de culpados da prefeitura de policia. Secção dos signaes. Roberto Camillo,... *Roberto dá um salto. Bibandier continua rindo.* ... com os sobrenomes de Wolf, de Belouski, de Americano, por causa do genero de roubo a que se dedica. Paes incognitos. 28 annos. Réo de policia. Tres condenações correccionaes e duas do jury. Condemnado em 1815, por furto, a 5 annos de prisão. Evadiu-se da prisão ha um mez e não pôde ser agarrado até hoje.— *Fallando*. Segundo documento. *Lendo*.— Braz Jolin, chamado o— Faz dormir— por causa do genero de furtos a que se dedica habitualmente... *Fallando*. Ambos os senhores tem certos habi-

tos ! ! . . . *Lendo.*—Réo de policia—condemnado em reincidencia no dia 5 de janeiro de 1816, a 10 annos de prisão com trabalho, e pena de marca e exposição.—*Guarda os papeis.*

ROBERTO.—Tudo isso é muito bom, e adivinho a parte que lhe toca nessa patifaria, meu velho camarada. Mas—pensa Pontales que fica muito senhor de si, sómente porque nos poem no andar da rua ? . . .

BIBANDIER.—Oh ! Oh ! pois quem o ha de incommodar ? . . .

ROBERTO.—Pôde ser que alguem ! A noute de S. Luiz . . . , o que se passou . . .

BRAZ.—Duas moças afogadas ! . . .

BIBANDIER.—Não ha testemunhas.

ROBERTO.—Pelo menos havia uma . . .

BIBANDIER.—È verdade; mas essa só eu a conheço; e o Sr. Marquez me paga bem.

ROBERTO.—Braz, de hoje em deante travemos alliança. Ainda podemos arreganhar os dentes. Então o Sr. Marquez quer impor de valente com os seus documentos, e se esquece que não temos aqui policias que nos prendam ?

BIBANDIER.—Já lobriguei 8 na cosinha, que Faz-dormir requisitou de Redon.

BRAZ.—Eram para o caso de revolta na despedida dos Penhoeis.

BIBANDIER, *pondo sobre a mesa os bilhetes.*—Meus amores, não se lhes pede reciproco. Só o que lhes digo, é que os seus signaes forão dados a todos os quartéis do departa-

mento. Se ainda estiverem por ahi, talvez sofram. Avista disso—dous excellentes cavallos os esperam.

ROBERTO, tomado 6 bilhetes.—Partamos. Braz toma os outros, e sahem ambos precipitadamente.

SCENA 7.^a e ultima.

BIBANDIER, HIVAIN que entra quando os dous sahem, e depois PONTALES.

HIVAIN.—Ora emsím ! Já era tempo de que esta cêa fosse trincada por alguem !

BIBANDIER, enchendo dous calices e dando um a Hivain.—A' sua saude, Sr. Trapaça-mór. Por esta noute, seremos nós soberanos... Levantam os calices para beberem, porém param e largam-os ao entrar Pontales que senta-se á mesa, enche tambem um, bebe compassadamente, sem dar atenção aos dous que de pé estão atonitos.

PONTALES levantando-se.—Estou satisfeito com os seus serviços. Vão agora comer algum bocado lá na cosinha. Bibandier e Hivain sahem corridos.

FIM DO SEGUNDO QUADRO E DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

QUADRO TERCEIRO.

A fome.

ALTO II

MUSICO TEATRICO

1780

ACTO II.

QUADRO TERCEIRO.

A fome.

A scena representa os Campos-Eliseos. Algumas pedras grandes no fundo e dos lados. Um lampeão no fundo. Os lados são garnecidos de arvoredo. Luar lindissimo.

SCENA 1.^a

ROBERTO, BRAZ, BIBANDIER passeando.

ROBERTO.—Já sabes, Braz, o nosso Berry Montalt é um ricasso enormissimo. O cutro dia vi a tal caixinha de sandalo com os brilhantes monstruosos. E na verdade—ofuscou-me a vista! *Pausa. Fallando com sigo.* Duas vezes dez mil, e mais quinze mil... fazem trinta e cinco mil.... *Aos dous.* Ha seis semanas que vivemos sem vexame....

BIBANDIER.—Sem duvida.

ROBERTO.— Todayia... para realisar-se certa ideia, vai devagar. Mas não tem duvida, estamos em vespertas d'um fortunão, se, como creio, acha-se de volta á França o Prímogenito de Penhoel. Casando-me eu com a minha noivazinha, o anjo, chegamos a uma herança soberba. E se pelo contrario—o tio d'America não passa d'uma chimera, cahiremos no Berry Montalt; e por este... a fé que respondo!... Mas quer n'um ou n'outro caso, fôra preciso esperarmos.... e não o podemos...

BRAZ.—Porque ? Até lá inda temos francos...

ROBERTO.—Sim ; mas o rétro fecha-se dentro em pouco, e o prazo expira...

BRAZ.—Que diabo de retro... e prazo ?

ROBERTO.—O das nossas matas, quintas e cercados de Penhoel...

BRAZ.—Pois ainda cogitas nisso... tu ?!...

ROBERTO.—Oh ! se cogito... Pois esqueceu-se que é a legitima herança de minha cara mulherzinha ? E de coração estou empenhado, e nos meus amigos...

BRAZ.—Antes que tudo ; não é a quinhentos mil francos que monta a quantia do rétro ?...

ROBERTO.—Sim.

BRAZ.—Parece-me que não temol-os...

ROBERTO.—Vamos ganhal-os.

BRAZ.—Como ?...

BIBANDIER,—Estou prompto...

ROBERTO.—Não digo que isso se fará n'um momento. O convite de Montalt é o começo d'uma nova era ; e um pouco de experteza nos abrirá um brilhante futuro. Hoje pômos os pés no palacio do mylord : é aproveitar. Braz com seu ar de lorpa, vá estudando a topographia do logar. Bibandier procure saber onde se encafuam os taes brilhantes, que se arrancam ás dentadas.—Quanto a mim, conservar-me-hei no meu papel. Apalparei... procurarei a solda. Conto sitiar o homem. Em summa, se nada se arranjar, tentaremos o ultimo bote...

BRAZ. — Ora adeus ! não é cousa lá para que digamos o meter a mão n'algibeira d'um bebado, ou a gazua n'uma escrevaninha.

BIBANDIER. — Cá por mim vinha em boa ocasião, porque estou ficando com a mão pesada por falta de exercicio.

ROBERTO. — Bem entendido, meus amigos, tudo se fará, sempre sendo eu — O cavalheiro de las Matas, — Braz — O conde de Monteria, e — Bibandier — O barão Bibander. Nada de brincadeiras que é preciso jogarmos com tento. Braz e eu tomámos em Penhoel uma lição, que vale bem por vinte annos de experienzia !

BRAZ. — Lá por isso, não haja duvida. Mas ainda ha um obstaculo...

ROBERTO. — E qual ?...

BRAZ. — É que, só Renato de Penhoel pôde rehaver os bens vendidos.

ROBERTO. — Ora ! já deviam saber que quando proponho um negocio, como este, não é ás cegas. É sempre em nome de Penhoel que saldarei o retro. Penhoel é um pobre diabo que vendeu-me sua filha por uma carteira, e que nos dará agora sua procuração por uma migalha de pão que lhe mate a fome !

BRAZ. — Se o podermos encontrar...

ROBERTO. — Havemos de achal-o. Elle está em Paris, e eu incumbo-me de fazel-o assignar o que quizermos...

ROBERTO, só.

A caixinha e os brilhantes
Com seu bello resplendir —

Em nosso asfalto poder
Muito em breve ham de cahir.

CÔRO.

Adeus então privaçāo
Que a opulencia baterá—
Os brilhantes no combate
Que por certo ganhará.

Ouve-se uma voz fraca cantar uma das coplas da canção das maravilhas.

Voz, cantando.

Linda flor—meiga estrella—doce virgem
&c. &c. &c. &c.

Ouve-se dar nove horas no ultimo pé da copla. Bibandier só dà atenção, em quanto Roberto e Braz passeiam conversando.

BIBANDIER, á parte.—Sempre ellas! Sempre ás nove horas! Diana e Cypriana trazendo uma harpa aparecem; mas vendo-os retiram-se.

ROBERTO.—Apre! o tempo vôa. Ha mais de uma hora que devíamos estar com o tal mylord Montalt.

BRAZ, impertigando-se.—As pessoas do tom, como nós, devem-se fazer esperadas!

BIBANDIER ressabiado.—Como corre o tempo quando se está com amigos!

ROBERTO ufano.—Vamos, amigos! Provavelmente não se tratará de bagatella esta noute, no palacio do Berry. Será de mister, animo e resoluçāo; mas sio-me nos amigos Braz e

Bibandier, salvo a redacção, no Sr. conde de Monteria, e barão Bibander, cujas façanhas na noute de S. Luiz são ainda recentes !

BIBANDIER o mesmo.—Quanto menos o Senhor fallar nessa noute, tanto melhor.

Roberto e Braz vāo sahindo e Bibandier que os segue dā um grito vendo Diana e Cypriana que devem ter aparecido retirando-se na ocasião em que Bibandier as vê; este recuando sahe todo sarapantado.

—
SCENA 2.^a

DIANA com uma harpa em uma das mãos, e com a outra ajudando **CYPRIANA**; ambas acabrunhadas e vestidas muito pobremente.

CYPRIANA sentando-se em uma das pedras, com dor,— Meu Deus ! Estamos para morrer !

DIANA.—Animo, minha pobre Cypriana. Cantemos mais outra vez. Pôde ser que a Santa Virgem se compadeça de nós ! . . .

CYPRIANA levando as mãos ao peito e chorando.—Diana, já não tenho forças ! Sofre-se tanto assim.... antes de morrer ? ! . . .

DIANA.—Se fosse eu só a sofrer... Escuta, irmanzinha, descança. Eu sou mais forte, bem sabes. Vou cantar sózinha. Preludia n'harpa a canção das Maravilhas, e canta com voz dolorosa:

Linda flor—meiga estrella—doce virgem
Maravilha de amor,
Quem teus olhos azues cerrou na campa ?..
Foi quebranto ou foi dor ?
Gemes á noute embaixo do salgueiro
Doces canções de teu amor primeiro !

Diana extenuada larga a harpa, sentando-se ao lado de Cypriana.

CYPRIANA com voz sumida.—Está acabado... Oh ! meu Deus !...

DIANA.—Nem todos os dias são de desgraça... Amanhan teremos melhor sorte... é apenas uma noute que passamos mal. Pacienza.

CYPRIANA com animação febril. — Illusão ! Hontem, quando tiritavamos de frio e fome nas nossas aguas furtadas, tu me dizias isso mesmo ! — Amanhan já não sofreremos... antehontem... ha 3 dias... sempre a esperança... mas só a esperança ! Oh ! e sempre a fome... o frio... e elles... lá sofrem como nós ! Ah ! Diana... em a nossa Bretanha, por mais pobre que se seja, acha-se um lugarzinho junto á chaminé da granja...; e quando alguém diz—Tenho fome...—dam-lhe um pedaço de pão de rala... Oh ! Se tivessemos um pedaço !...

DIANA.—Como seria bom ! Antigamente—não fazíamos caso ; mas agora...

CYPRIANA.—Se Rogerio e Estevam soubessem... elles agora são ricos !... Talvez que ja nos tenham esquecido !...

DIANA.—Nunca ! Estevam tem um bom coração !...

CYPRIANA.—Oh! quanto somos desgraçadas! Quando os vejo passar em sua brilhante carruagem... sempre alegres, sempre risonhos,... ponho-me a pensar no que fariam se seu olhar dêsse com nosco! Nâo nos conheceriam... Elles tam altos... tam poderosos... não enxergariam duas infelizes que cantam para ter o que comer! e que comer... meu Deus!...

DIANA.—Elles haviam de reconhecer, minha Cypriana!

CYPRIANA.—Sim... talvez... porque o sofrimento, nãos nos desfigurou completamente... Porém—sua carruagem pararia?... desceriam elles a ter com nosco? *Sorriso amargo.* Cantoras da rua!... nós que já nadámos na abundancia!.. Sinto enlutar-se-me o coração—pensando o que sofreria se Rogerio voltasse o rosto para nãome reconhecer!

DIANA.—Oh! Nãoseria capaz disso. Confio nelle—tanto como em Estevam! Toda a nossa desgraça é nãopoderemos ir ter com elles. Se nos tivessemos dado a conhecer, quando tam perto de nós estavam na nossa viagem a esta cidade....

CYPRIANA.—Oh! se elles amassem devéras... podiam adivinhar...

DIANA.—Elles nada sabiam... Supunham-nos em Penhoel... Foi nossa primeira desgraça quando os esperámos debalde nas grades de nossa Senhora! Lembras-te como estavamos tristes?...

CYPRIANA.—E quanto esperamos?...

DIANA.—Queres saber uma cousa, minha irmãzinha... Às vezes me consolo pensando que nãovieram porque nãamatavam!...

CYPRIANA.—Deus o permita !

DIANA.—Reparaste como nos olhava aquelle seu compa-
nheiro ? Parece-me vel-o ainda... Que rosto franco e leal...
Não sei porque... parecia que nos amava !

CYPRIANA, *mão no peito*.—Ah ! que dói...

DIANA.—Que tens, minha Cypriana ?...

CYPRIANA.—Nada... Nossa aposento dista tanto daqui...
Não sei se terei forças para ir até lá... Já não posso...

DIANA *abraçando-a*.—Eu te carrego. Padeço duas vezes
vendo-te sofrer desse modo ! Olha ; é o nosso ultimo dia de
miseria...

CYPRIANA *chorando*.—Sim... tens rasão. Bem pôde ser
o nosso ultimo dia de miseria.... Os que sofrem... tambem
morrem !...

DIANA *abraçando-a e chorando*.—Minha irman,... minha
irmanzinha... não falles assim ! Tenho confiança em Deus...
Eu te prometo... Quero dizer-te o que hei de fazer ama-
nhã... Até agora não tive animo... porém não quero que tu
morras... Bem sabes que todos os dias Rogerio e Estevão
passam em sua carruagem... Não nos tem visto, porque nos
ocultamos por traz das arvores.... Porém amanhã—arrojar-
me-hei á carruagem—e chamarei pelos seus nomes ! Não
deixarão de nos recouhecer !

CYPRIANA.—Iremos juntas; e veremos se essa ultima
esperança ainda nos foge ! Que alegria não teremos em
socorrer a viscondessa e ao pobre Penhoel.

DIANA.—E ao nosso bom pae. Que alegria de salval-os !
Esse bom pae, que tanto nos queria... Julga ter perdido
suas duas filhas, e ellas... infelizes... rojam-se pela terra...
cantam na ruas, para lhe darem que comer... e não ha
quem de nós se compadeça ! Nós... que eramos tam boas
para todos na nossa terra ! Ningem !... que tenha dó de
nós ! Ah ! é que não sabem quanto se sofre quando se tem
fome !... é porque não sabem... que não comer ha 3 dias...
é mais doloroso do que morrer tres vezes... sem nunca
morrer ! Mas Deus é justo !... elle sabe o que faz ! é ape-
nas um dia de demora ! a esperança nos fará uma boa
noute...

CYPRIANA *tomando com agitação febril a harpa, e cantando com voz pungente.*

Paris !... Paris ! que em nossos sonhos...
Em nosso louco pensar...
Tam bello... nós idéamos...
Oh ! que triste realizar !

Quanta promessa brilhante !
Nós emprestámos a ti...
Tanta illusão e mentira...
Nós encontrámos aqui !...

Fallando; largando a harpa, com desespero e angustia.
Tenho fome ! Meu Deus ! não nos casgueis por termos sido
cégas ! Santa Virgem, bem sabeis que não foi por nossa
vontade que abandonámos a casa de nosso pae ! Um pouco
de pão ! que delirio cruel ! *Deixando cahir a fronte.*

DIANA.—Cypriana, tu sofres ? Oh ! também eu ! Minha
irmã !...

CYPRIANA extorcedo-se de dôr. — Porque sucedem destas cousas ? !... Porque consente Deus que esperanças insensatas entrem o coração de duas pobres desvalidas... de duas creanças ? Era um crime procurar defender os que amavamo-s ? Oh ! agora... que a ruina é certa... Agora que vemos nossa loucura... como acreditá-a ?.. Lembras-te do que viemos buscar a Paris ? Lembras-te do que pretendiamos ganhar com a nossa harpa e as nossas cantigas ?!... 500,000 francos para resgatar o patrimonio de Penhoel ! quinhentos mil francos ! !... **Pauza.** *Diana tem ocultado o rosto nas mãos e soluça.* Gastámos o dinheiro do pobre barqueiro... Vendemos, para matarmos a fome, os vestidos que trouxemos de Penhoel, e as cruzes de ouro que nos deu nosso pac ! Até o medalhão que encerrava os cabellos de nossa pobre mãe ! Amaldiçoado sejas, Paris ! Eu te odeio ! Tu que em paga de todos os nossos esforços, só nos dás o insulto e a miseria ! Viemos pedir-te a vida, e nos dás a morte e a vergonha ! **Soltando um gemido fraco.** Oh ! não fazes ideia... Procura... Lembra-te, minha irman ; não teremos mais nada que vender ?

DIANA dá de andar tomando a harpa, e cantando.

Nada mais nos resta, oh ! que dor...

Tudo... tudo... ja vendemos !...

Mas ah ! que será de nós...

Quando tanto já sofremos ?!...

A miseria—a fome—a sede...

O frio—a dor... meu Deus !...

Deixa cahir a harpa, cahindo tambem meia ajoelhada em uma das pedras do fundo ; dizendo : Oh ! eu era bem

Forte !... Mas agora ! sinto um vacuo... no peito !... Tremor.

CYPRIANA arrastando-se até Diana. Delirante.—Morramos ! Cahe junto de Diana.

SCENA 3.^a

JOÃO DE PENHOEL encostando MARTHA; entram vagarosos sem darem fé de Diana e Cypriana que vendo-os retiram-se, voltando por intervallos a escutarem.

JOÃO fazendo Martha sentar-se n'uma pedra.—Minha filha, estás hoje mais pallida ! porém este ar iivre, talvez faça algum bem....

MARTHA, sorriso amargo e voz sumida.—Sim. Talvez...

JOÃO cantando depois de contemplar Martha.

Quando já curvado aos annos—
Busco a ultima poisada...,
É que a vejo—sem poder...
Socorrel-a... desgraçada !

Caminhando vacillante—
Mal seguro no bordão !...
Busco embalde—não encontro...
Triste—negro e duro pão !

Falla. São meus cabellos brancos que me poem estorvo.
Ninguem me quer ocupar.—É tempo de reposar, meu velho.
—eis a resposta constante, que recebo ! Repoisar?! quando
a minha pobre Martha sofre ! Enxuga o suor. Estou can-

çado, minha filha. Paris é grande, e ainda não descancei um instante.... Nem me lembra a quantas portas bati. Em todas ellas eu dizia :—Dai-me ocupação ; farei o que me mandarem..., não exijo paga despropositada.—Oh! ingrata humanidade! Batiam-me com a porta sem piedade! A's vezes—não sei porque milagre, indagavam o que eu sabia fazer! Antigamente—eu sabia montar a cavallo, atirar o mosquete, e manejar a espada ;... nunca me vi obrigado a aprender oficio, graças ao sustento que me dava Penhoel. E agora que Penhoel precisa, misero de mim, não lhe posso retribuir; no entanto dizia :—sei preparar canteiros para jardim, carregar fardos, limpar as estribarias. Tenha compaixão ! basta-me ser lacaio de seus creados.—Não—não!.... Sempre esta palavra! Oh! neste immenso Paris, onde o ouro se prodigalisa tanto, um homem, porque é pobre e tem cabellos brancos, deve rojar-se ao chão e esperar a morte!

MARTHA.—Meu tio! Morramos antes! Para que—vós, já cançado pelos annos, buscais um pão que não tereinos? Para que prolongar uma vida de tormentos e angustias?

JOÃO.—Não, minha filha. Escuta. Quando ha pouco voltava á ir buscar-te para o nosso passeio, ouvi pela janella d'umas lojas um ruido bem conhecido do meu ouvido... floretes que se batiam. Oh! outr'ora, minha Martha, eu era um firme jogador... Fui eu quem dei lições ao nosso Luiz, a lamina mais forte da Bretanha!...

MARTHA soluçando.—Luiz?....

JOÃO.—Como elle manejava com firmeza as armas! Que musculos de aço! Que viveza no ataque, e promptidão na guarda! Porém... eu entrei na sala, onde 20 moços toma-

vam lições... Oh! hoje não se manejam as armas como antigamente, e perderão-se aquelles bellos ademães! São modos esquerdos. E quem os visse correr, bufar, gritar, e abrir-se como compassos, para atirarem a esmo, tomalos-hia por uma duzia de caixeiros manejando a vara e o covado! Mas... que faço eu a censurar, eu que peço esmolas?... Chegando-me ao mestre lhe dice— O Senhor tem necessidade d'um ajudante d'armas?— O professor mediu-me com seu olhar desdenhoso e dice!— Por acaso já se manejavam armas antes do deluvio?— Sempre os meus cabellos brancos!— Sei que a arte deve ter feito progresso, respondi eu, e com a sua sabia direçāo...— Meu caro: papagaio velho não aprende a fallar, dice o mestre.— Senhor! a necessidade que tenho....— Que me importa, dice-me elle.--Oh! meu Deus! Sahia tristemente, quando por minha felicidade elle retraiu-se — Preciso d'um homem para varrer a sala, limpar os floretes, e arranjar tudo! Vinte francos por mez, convém-lhe, meu velho?— E ainda me perguntava se convinha! 20 francos por mez... Para nós que nada temos! Aceitei. Nestes oito dias principio... Animo, minha Martha, são só 8 dias de miseria.

MARTHA com voz dolorosa.—Oito dias... Oito dias! É muito! Até lá... é muito... muito padecer! A mão que nos lança todas as vezes um pedaço de pão, cançou... Oh! quem se ha compadecer de nós? *Diana e Cypriana que escutavam, retiraram-se e cantam o seguinte :*

Essa mão que se lembra
De aos que sofrem... socorrer!..
A mingoa—com fome e frio
Estava tambem a morrer!

Mas Deus—que a todos socorre
Bem fazeja alma enviou...
Que um pouco de negro pão
A ella agora ofertou !

Ei! o—o pão—que mesmo duro
Póde a fome—mitigar !...
A' mingoa—com fome e frio
Mais não pode hora ofertar.

Atiram um pão que cahe aos pés de Martha e João, que commovidos ouviam o canto.

JOÃO levantando-o.—Um pedaço de pão... *Martha* !...

MARThA.—Oh ! meu Deus ! Louvado sejais ! Almas caritativas, só Deus vos póde recompensar !

JOÃO.—Toma-o, *Martha*.

MARThA com evangelica resolução.—Comei vós ! estais cançado ; eu ainda posso suportar...

JOÃO.—*Martha*...

MARThA.—Bem. Reparti. *João* parte o pão, dando a metade a *Martha* que come com avidez. Meu Deus ! graças vos rendo ! *Pauza*. Partamos !.. Vamos ! Renato... também sofre a fome !

JOÃO guardando o pedaço.—Vamos, minha filha. Vamos orar e bem dizer a alma caritativa. *Sahem*. *João* encostando *Martha*. *Diana* e *Cypriana* aparecem e contemplam os dous.

DIANA a meia voz.—Pobre pac... Como está acabado ! E *Martha* ?! Oh ! a miseria !

SCENA 4.^a e ultima.

DIANA e CYPRIANA.

CYPRIANA.—Diana, um vago presentimento me oprime o coração. Não reparaste naquelles 2 moços, que ha pouco apearam-se d'uma linda carruagem, e entrarão no palacio de Mylord, dando o braço a duas lindas damas?

DIANA.—Minha irman, ha de ser illusão tua... Não é possivel que Estevam e Rogerio tam cedo se deslembressem das duas orphans de Penhoel!

CYPRIANA.—Oh! minha irman! Eu bem quero não crer... Mas... o meu coração... Aquelle ar de amizade... de liberdade e franqueza, com que elles fallavam ás duas moças, denotam algum novo sofrimento para nós...

DIANA.—Tu tens rasão, minha irman... Tanto eu temo que Estevam se tenha esquecido de mim, que para não crer no que vi, digo que deve ser illusão.

CYPRIANA.—Achei um meio de verisicar...

DIANA.—Adivinhei-te... Berry Montalt, o fidalgo que encontrámos, em nossa viagem, com Rogerio e Estevam...

CYPRIANA.—Sim... E que tanto deseja ver-nos em seu palacio...

DIANA.—Devemos ir. O seu convite ao principio pareceu-me um ultraje; mas depois que tenho pensado... me parece que não... Depois... Deus nos protegerá!... Talvez achemos lá um pouco de pão—que nos alente... E mesmo... um disfarce...

CYPRIANA cantando só.

Partamos que o tempo vôa...
O tempo p'ra resgatar...
Aquillo que Penhoel
Perdeu no jogo—o solar !

DUETO.

A esperança que surge agora...
Força nos ha de prestar!...
Confiemos que o céu e Deus
Não nos ham de abandonar !

Sahem:

FIM DO TERCEIRO QUADRO.

QUADRO QUARTO.

Duas bolsas de perolas e o nababo.

A scena é o jardim do palacio de Berry Montalt, cercado de copado arvoredo. No fundo avista-se o palacio illuminado, a um lado, um banco. uma mesa com garrafas e copos. O jardim é todo illuminado. Gradaria no fundo. Musica por intervallos. Varias pessoas atravessam o fundo do jardim, como passeando.

SCENA 1.^a

BERRY MONTALT e ROBERTO DE BLOIS sentados no banco.

ROBERTO meio ebrio. *Como continuando.*— O tal irmão, depois de largar-se por esse mundo, tinha feito a maior tolice em voltar um dia, e pôr-se a suspirar ás estrellas, ao redor dos muros do solar. Corresponde perfeitamente o nascimento do anjo, com a data dessa misteriosa visita. O Senhor deve conhecer que não sou homem que despresasse esta coincidencia...

BERRY com voz surda.—Comprehendo. O Senhor persuadiu ao nosso homem que o anjo não era sua filha...

ROBERTO. — Exactamente. E eil-o cada vez mais encançado contra o pobre irmão, que nenhum mal lhe tinha feito. Desde então—podia eu contar com o negocio feito, se não nos sobreviesse um obstaculo de genero inteiramente fantastico. Tenha paciencia, mylord; estamos no paiz dos duendes; não ha remedio senão fallar nas suas diabrumas! Fallo d'uns demonetes que nos derão agua pela barba... Na verdade! Duas meninas endemoninhadas! filhas do tal Crustaceo! Não lhe posso dizer o mal que nos causarão...

roubando-nos as escrituras, rasgando-nos as quitações, arrombando-nos as secretárias... Ah! se Montaigu não fosse um pato tonto, ou se estas raparigotas usassem de calças em vez de saias!... não sei o que teria acontecido!... Mas, em sumina, as pequenas, com todas as suas peloticas, apenas conseguirão retardar por dous ou tres mezes o desenlace da historia. E o desenlace foi bello, mylord; pôde julgal-o!.. Digo que foi bello, porque no dia aprazado, toda essa caterva foi se safando do solar, depois de ter havido uma scena digna de commemoração. Foi o nosso Montaigu julgar lá para com sigo que vingava-se do irmão assassinando a mulher; depois d'uma enfadonha leitura de cartas, tanto do irmão escabreado, como da Sra. sua mulher; cartinhas que eu havia filado e que lá apresentei á queima roupa ao Montaigu. Oh! se visseis a tal senhora rojar-se aos pés de seu marido pedindo graça para a memória do auzente? Era uma scena realmente bella!...

BERRY friamente.—Então ella ainda amava o irmão auzente?

ROBERTO.—Qual! São picuetas de mulher! Já lhe dice que se eu quizesse, com um gesto, com uma palavra, com muito menos ainda, me faria amante dessa mulher... O velho tio antediluviano... lá esse comia á custa da casa, e tratava da horta, e do poleiro! Em summa, ninguem pensava no irmão auzente. Fui eu, somente, quem deu corpo a esse fantasma! Fui eu quem fez ressuscitar a pretendida paixão, e posso afirmar-lhe, que ergui o meu castello na ponta d'um alfinete! Roberto bebe. O irmão?... A quem importava elle? Ora pois, mylord; que diz? Ha alguma habilidade nisto?

BERRY com fleugma.—É o sublime da arte... Seria para mim uma felicidade associar-me com o senhor...

ROBERTO.—Ora muito bem ! não foi debalde que eu o adivinhei ! Apesar de vel-o jogar á moda d'um patinho, alguma cousa me dizia que o Senhor não era homem de receios tolos. Se lhe falta um pouco de pratica...

BERRY.—O Senhor será meu mestre, Sr. cavalleiro...

ROBERTO.—E iremos longe, mylord. Ora, examine o tecido de toda esta trama ! Como foi bem ordida ! Como todas as personagens representam o seu papel sem desconfiarem de cousa alguma ! Não é uma dessas historias de punhal e veneno, em que alguns bandidos de baixa estofa, jogam uns milhares de francos contra as eventualidades das galés... Nada de meios violentos... apenas combinações engenhosas, que não forão previstas pelo codigo criminal. Entra-se em casa dos taes sujeitos, puxa-se a cadeira, assenta-se, pede-se-lhes por maneiras polidas que se ponham ao fresco... e está acabado o negocio ! Nem um meio violento, como dice. Nem um só assassinato !

UMA voz.—Mentes ! Roberto como impellido dá um salto, cahindo porém estupefacto.

ROBERTO.—Foi o Senhor quem fallou ?

BERRY frio.—Não.

UMA voz cantando.

Tu mentes—cobardemente...

Quando—ousas afirmar...

Que não houve assassinato !..

Nesse horrivel devastar ...

Mataste cobardemente...
Duas moças desgraçadas!..
Alegres—sem trepidar—...
Forão ellas afogadas!

BERRY frio e levnatando-se em quanto que Roberto fica inteiramente extatico e tremulo.—Acabavamos de fallar das aparições sobrenaturaes, Sr. cavalleiro... O Senhor evocou os fantasmas. Comprimenta a Roberto que está estupefacto e sahe compassadamente. Roberto levanta-se tambem e indo a sahir recúa horrorisado vendo Diana e Cypriana que vão-se logo.

ROBERTO sahindo aturdido.—Ainda ellas!... Sempre ellas!...

SCENA 2.^a

BRAZ e logo DIANA mascarada.

BRAZ pensativo.—Bem! o negocio vai ás mil maravilhas! Creio que o nosso Roberto arranjou alguma cousa com o tal mylord,

DIANA que entra sem ser presentida. Pondo a mão nos hombros de Braz que volta-se.—Boa noute, Sr. Braz. Braz ouvindo seu nome recúa. Não se incommode, Sr. Braz.

BRAZ.—Quem é a Senhora?..

DIANA.—Não lhe importa. Tenho muita cousa que perguntar-lhe. Em primeiro logar. Aonde está o Americano, como o Senhor lhe chamaya?..

BRAZ querendo ir-se.—Não a conheço, senhora. Tenho que fazer.

DIANA segurando-o.—Ora, ande lá ! E esta ! está muito curioso, Sr. Faz dormir ? Não me quer dizer onde está seu amo ?

BRAZ tremendo.—Está aqui...

DIANA.—Muito bem. O Senhor é verídico. É melhor assim, pois não estou de veia para poupal-o.

BRAZ.—Porém, pelo amor de Deus, diga-me, quem é a Senhora?

DIANA.—Pois o Senhor, que por tanto tempo morou na Bretanha, não sabe que as moças, que morrem solteiras, voltam algumas vezes a este mundo ? *Braz recua.* Não sabe também, que às vezes Deus manda á terra as victimas para descobrirem o crime de seus assassinos ? *Agarrando o braço de Braz.* Já vejo que se recorda. Inda bem, que não é preciso que lhe lembre a noute de S. Luiz...

BRAZ balbuciando.—Impossivel !

DIANA.—Olhe lá... não minta ! Branca de Penhoel está aqui tambem ?...

BRAZ o mesmo.—Não está.

DIANA.—E aquelles douos moços que viviam com o Senhor em Penhoel ?... O pintor e o filho adoptivo do visconde... Que é feito delles ?

BRAZ.—Estevam Moreau e Rogerio de Launoy ?... Estão aqui....

DIANA.—Obrigada. Agora só tenho a dizer-lhe uma palavra, que o Sr. Braz deverá repetir aos seus cumplices, pois

bem pôde ser que se torne a sua condenação. Os Senhores mandarão para o seio de Deus aquellas que eram muito fracas para combatel-os na terra! Agora, ellas se acham fortes; cuidem de si. Se alguma desgraça acontecer ao anjo de Pehnoel, que os Senhores tem em seu poder, podem dizer adeus á vida de crimes e malefícios! Porque sobre suas cabeças está suspensa mão armada...! mão de duas victimas, que os Senhores não podem matar duas vezes!

BRAZ.—Não sei quem é a Senhora; e a principio, confesso, causou-me algum susto. Porém o melhor é deixarmos de parte essas cousas do outro mundo! O que é real é que a Senhora sabe bastante para trazer-nos pelo freio; pôde ser uma felicidade e tambem uma desgraça para si; conforme a maneira porque tanger o negocio! Mas lá quanto a meter-me medo com historias da carocha, pôde ser bem sucedida a primeira vez, porém a segunda... duvido. *Olhando para Diana que tem tirado a mascara, recua espavorido.* Diana desaparece. *Braz sahe sarapantado.*

SCENA 3.^a

ROGERIO e ESTEVAM e logo depois DIANA e CYPRIANA
mascaradas.

ROGERIO.—Estevam, pois deveras déste credito a essas deslambidas?

ESTEVAM.—Oh! meu amigo! Ellas fallarão de desgraças!...

ROGERIO.—A unica cousa que me está dando que pensar, é este proceder de mylord. Que interessc terá elle em fa-

zer-nos esquecer nossos primeiros amores ? Vá vendo bem que estas duas moças, que nos fallarão de desgraças, são outras tantas brincadeiras de mylord, para entreter-nos...

ESTEVAM meditando.—A mascara muda a voz... Esse rico vestuario está bem longe de parecer-se com os queridos vestidinhos da Bretanha... Se eu podesse acreditar!...

ROGERIO.—Ora pois ; se entras no campo das conjecturas, ímos longe ! Mas deixa-te disso, meu pobre Estevam. A esta hora estão ellas bem tranquillamente no solar ; e Diana pensa tanto em ti, como Cypriana em mim.

ESTEVAM o mesmo.—Desgraças?... Sim ; a desgraça estava imminente quando partimos da Bretanha ! Se esta voz, que nos veiu despertar em meio de nosso sonho, fosse um echo de suas vozes?...

ROGERIO.—Cem leguas de distancia ! que trombeta que é o tal echo?...

ESTEVAM.—Pobres meninas ! Se elles fossem lá a supor que as temos esquecido!... *Aparecem neste momento Diana e Cypriana.*

DIANA cantando.

As pobres moças Bretãas...

Já nada podem supôr!...

Acaso aqui se ignoram

Scenas passadas de horror?

Acaso aqui se ignoram...

As scenas que no solar...

Tristes então succederão!

Não as ouvirão contar?

ROGERIO.—Eu só sei uma cousa... E' que ninguem se dignou de responder ás minhas cartas. Se a questão é de esquecimento, não foi por mim que elle começou. Porém mylord me ha de pagar esta mascarada !

DIANA a Estevam que está immovel.—O Senhor não responde? Devéras nada soube daquelle funesta historia? Então deixe-me contal-a... Todos os seus conhecidos do solar,... o visconde... a viscondessa, que o Senhor tanto amava, Sr. Rogerio de Launoy, o pobre tio João...

ESTEVAM impaciente.—Que lhes sucede?

DIANA.—Forão d'ali arrancados!.. Estão morrendo de fome—de miseria, elles que sempre se mostravam tam caritativos!

ESTEVAM com efusão.—Tudo o que possuimos lhes pertence!...

CYPRIANA com tom seco.—Não se precisa dos Senhores. Aquelles, que não abandonarão a viscondessa e seu marido na hora da desgraça, se incumbirão de socorrer-lhes...

ROGERIO.—Estamos promptos a fazer o que for possive para encontra-los!

CYPRIANA o mesmo tom.—Ha quem se encarregue disso.

ESTEVAM hesitando.—Porém... não nos fallam... daquellas que amamos! Dem-nos noticias de Diana e Cypriana!...

DIANA com voz sumida.—Diana morreu!

CYPRIANA o mesmo.—Cypriana morreu! *Estevam e Rogerio deixam cahir a fronte.*

ROGERIO depois de pausa. *Indignado.*—Tudo isto não passa de mentiras aborrecidas !

ESTEVAM com voz triste.—Oh ! tenham dó de nós, em nome de Deus ! Se vierão por ordem de Berry Montalt morder d'um amor que é nossa esperança e nossa vida, Deus lhes perdoe ! Mas por favor—digam que tudo isso não passa de um gracejo !

DIANA o mesmo.—Diana morreu !

CYPRIANA o mesmo.—Cypriana morreu !

ROGERIO.—Cypriana !

ESTEVAM.—Diana ! . . .

DIANA.—Morrerão . . . assassinadas ! Os dous recuam. Assassinas por um homem que dança neste bello festim ! . . .

ESTEVAM E ROGERIO.—Seu nome ? . . .

DIANA.—Ellas amavam a Rogerio e Estevam, as duas pobres meninas ! Ora, os Senhores lhes escreverão, e não tiverão resposta ; por força já estavam mortas !

ESTEVAM.—Uma carta ! Agora me recordo : Tenho comigo uma carta ! Vamos saber tudo ! Tira uma carta e vai ler ao pé de uma das luzes que illuminam o jardim, junto com Rogerio; em quanto Diana e Cypriana desaparecem.

ROGERIO dando um gemido.—Morta !!!

ESTEVAM.—Assassinada !!! Ouvi-se cantar fóra o estribilho da canção das maravilhas.

Maravilha é flor da noute
&c. &c. &c. &c.

ESTEVAM. — Meu Deus ! È o canto das maravilhas !

ESTEVAM *canta.*

Maravilha é flor da noute
Cuja doce emanação—
Dores aviva—n'ausencia—
Do anjo do meu coração !

ROGERIO *canta.*

Este canto tam suave—
Talisman d'um peito amante,
As saudades avivando,
Me retalha neste instante !

ROGERIO.—Estevam... é o seu canto ! Partamos... *Sahem precipitados.*

SCENA 4.^a

BRAZ e BIBANDIER *que entram assustados.*

BRAZ.—Viste-as ? !

BIBANDIER.—Que queres tu que eu faça ? O diabo anda metido nisto !

BRAZ.—Viste-as ? !

BIBANDIER.—Ora essa ! pois não havia de ver ? É preciso prevenir o Americano... .

BRAZ.—Por onde sumirão-se ? !

BIBANDIER.—Provavelmente, pelo inferno ! A parte entre

identes. E meta-se um homem a ter bom coração ; para ser pago desta maneira !

BRAZ.—Em carne e osso ! Eu as vi ! Então devéras que as mataste, meu caro Bibandier ?

BIBANDIER atrapalhado.—Palavra de honra ! Atirei-as no fundo do rio, com uma pedra ao pescoço. Não podem ser senão os seus fantasmas ! . . .

BRAZ.—Fantasmas ! . . . Eu creio que tu nos embaçaste, barão ? ! . . . *Dam de andar para um dos lados e param admirados.* Então ? o que é aquillo lá ? apontando. Montalt.. . vê lá... como elles se entendem ! Aposto que o Montalt já sabe a historia da noute de S. Luiz ! . . .

BIBANDIER.—São ellas que conversam com o nababo... Não achas prudencia amollarmos as gambias ?

BRAZ.—Não. Tenho uma ideia... Estevam e Rogerio estão aqui... Verifiquemos se são ellas... E aticemos os dous contra o Montalt ! . . . D'uma cajadada matamos dous coelhos !

Minha idéa tem seu rumo !

Aticar foi bem lembrado—

Contra as duas raparigas

O parzinho atoleimado.

Vão pilhal-as com os labios

Na botija d'encalhada...

Dous coelhos nós matamos

D'uma boa cajadada !

BIBANDIER.—Como ? !

BRAZ.—Depois... Vinde. Sigamol-as. *Sahem apressados.*

SCENA 5.^a

BERRY entrando compassadamente e indo sentar-se no banco. *Com frieza.*—Não ! Não quero apiedar-me ! Quero sorrir... sorrir como ainda ha pouco, emb' hora o coração se me espedace ! emb' hora a ideia de que tambem são desgraçados seja uma realidade ; e que a mão de Deus, cahiu pesada sobre elles ! Sofram, sim... e morram ! Eu tambem sofri ! *Pauza.* Oh ! ha quanto tempo que os detesto ! Tanto melhor ! tanto melhor, se o acaso me vinga. *Levanta-se arrebatado.* Que me importa tudo isso ? Conheço acaso essa gente ? *Com risada amarga.* Hei de agora fazer-me doido, por que tres ou quatro miseraveis tosquiarão uma fidalguia da Bretanha ??!! E eu que estive sofrendo como se fosse alguma cousa digna de pena ?!.. E' porquentinha bebido de mais, ou porque os meus nervos se revoltassem ao ouvir aquelle infame cobarde, contar-me suas proezas contra uma mulher ! O' raiva ! sinto que ficaria alliviado se houvesse esmagado aquella vibora com o talão de minhas botas ! *Sorriso.* E porque ? Que me fez esse homem ? Não tem elle o direito de ser envenenador e assassino ? Será crime venceer traiçoeiramente a mulher astuciosa e perfida ? Que tenho eu com isso ? Porque minha cabeça serve ? Porque se me despedeça o coração ? *Cahindo sentado.* Meu Deus ! pobre Bretanha ! Pobre igrejinha—onde se ia rezar do fundo do coração ! Pobre moça que talvez amava e que por um extravagante heroismo foi abandonada ! Quantas reminiscencias boas e queridas ! Foi acaso o resto—um sonho penoso ? Que houve após esse tempo feliz ? ! Vinte annos de esforços febris, de luctas, para aturdido chegar-se ao olvido ! O jogo terrivel das batalhas... ouro conquistado sem prazer ! uma vida perdida !... *Pauza.* E tanta ventura naquelle recanto ! Não tinha o outro rasão

de guardar o seu thesouro ? Meu Deus ! onde me vai o pensamento ? Se fosse verdade... Se o meu sofrer tivesse um echo lá bem no imo do seu coração ? ! Oh ! não ! que ás minhas queixas só tive o silencio em resposta ! *Levantando-se.* Loucura ! Que resta d'um sonho ?.. Sou Berry Montalt, o homem que não tem saudades, nem esperança ! Lancei um véo sobre o meu passado ! Não creio no futuro ! A ninguem amo ! Vivo só... e como desejo ... *Assobia.* Vem um negro arabe. Seid, meu opio, e a harpa. *O negro vai-se.* Berry passeia agitado. Rico—abastado—milionario ! podendo tudo alcançar ! tudo comprar, não sendo comitudo feliz ! Oh ! por que não morri nessas pelejas sanguinolentas ? Quanto melhor me fôra—do que este tormento ! *Seid traz um copo que põem sobre a mesa e a harpa.* Faze entrar essas moças, e que ninguem mais se aproxime! *Seid vai-se.* Berry bebe e senta-se. Todas... não é uma só ! Todas... por um punhado de ouro !... Não !... estas tem o sofrimento—estampado no rosto ! Quem sabe se por um pedaço de pão,... não arriscam hoje—o que elles de melhor possuem ?.. Creio que hei de amal-as ! Qneria as para Estevam e Rogerio—mas—sinto—que amando-as... Que importa ? !...

—
SCENA 6.^a

BERRY—DIANA e CYPRIANA que entram timidamente.

BERRY.—Então, não se chegam ? E não repararão em mim na viagem ? Acham-me com cara de homem mau ? Para que tamanha resistencia ? Ha tanto tempo que eu desejava esta visita !.. Tinham medo de mim ?

DIANA.—Menos do que de outro qualquer homem ! . . .

BERRY.—Não é bastante ! Espero que já tenham perdido todo o temor. Querem que eu seja seu amigo ? . . .

DIANA.—Oh ! desejamol-o de todo o coração.

BERRY *levantando-se e indo a ellas.*—Ora, minhas bellas, envergonho-me de confessar-lhes . . . Ao principio—não era para mim que desejava sua vinda. Estava louco ! Prometo-lhes não as ceder a ninguem.

DIANA *recuando.*—Somos ignorantés. Apenas conhecemos que alguma cousa ha que nos osenda nas suas palavras ! comtudo—aqui viemos cheias de confiança ; mas eis-nos tristes e humilhadas ! Vierão ter comnosco no momento em que a miseria nos esmagava ; quando minha irman, muito fraca contra o sofrimento fallava de morrer ! Junto de nós—se prolongava a agonia d'uma santa mulher que amámos como se fôra nossa mãe. Derão-nos uma esperança que por muito tempo pareceu-me um sonho ! Confesso que sob as promessas que nos fizerão algumas vezes presentiamos a vergonha ! Porém, outras, pobres, ignorantes que éramos, julgavamos que Deus devia ter deixado no mundo, entre tantos homens máos alguns corações generosos, para quem o céu não será um deserto ! Não nos pergunte se achavamos rasoavel nossa esperança ; a consciencia nos mandava desprezal-a ! Se viemos, foi por minha culpa ! Minha irman não queria vir . . .

CYPRIANA.—Eu te acompanharia !

DIANA.—Senhor, quando vos reconheci, senti uma alegria incomprehensivel. Já me não parecia tam louca a minha esperança ! Sim ; em nosso miseravel sotão, ambas nos lembrovamos do Senhor, e muitas vezes nos apareceu sua

imagem ! Meu Deus ! temos tido tantos sonhos mentirosos ! Mas apenas o Senhor nos fallou !... desvendarão sem os olhos ! e tarde conheci que estavamos a beira do abysmo ! mas por piedade, senhor, não abuseis de nossa ignorancia ; deixai-nos sahir !

BERRY com sorriso gelido.—Minhas meninas, quando se entra na minha casa, não se sahe assim !...

DIANA com dôr.—Por compaixão ! Somos filhas d'um fidalgo !

BERRY o mesmo.—E' bem lisongeiro para um pobre vilão de minha laia.

DIANA soluçando.—Tenha dô de nós ! Nosso pae é velho... e se uma mancha ! Oh ! elle nunca mais olhará para suas filhas ! Somos pobres !.. sim !.. a miseria nos tocou com sua mão de ferro... irrevogavel ! Por piedade... ao menos !... Aqui estamos duas... contente-se com uma victima só !...

BERRY o mesmo.—Vá feito ! qual é a que fica ? !...

DIANA E CYPRIANA.—Eu ! eu !

BERRY o mesmo.—Bellissimo ! Agora nenhuma quer ir-se;

DIANA a Cypriana.—Oh ! minha pobre Cypriana !... eu te peço !...

CYPRIANA abraçando-a.—Morramos ! porém juntas !...

BERRY.—Mulheres ! Bretans ! Filhas de fidalgo ! Por Deus, minhas meninas, cahirão em boas mãos ! As duas moças conservam-se abraçadas, e olhando Berry que passeia

agitado e murmurando. Honra?! Virem-me cá fallar em honra! A mim?! Prescimos a morte—á deshonra! Honra?... Sabem acaso a quem fallam? Eu não creio em honra! Não a ha—nem nos homens—nem nas mulheres! *Diana e Cypriana desprendendo-se cochicham.* A honra dos homens é uma filagrana indigna! Quanto ás ameaças de morte, que se fazem em tais ocasiões, petas! Fazem-me lembrar esses cantores que levam metade do dia a serem rogados, e a outra metade a esganiçarem-se n'um romance, quando já ninguem os ouve! Na verdade ainda me não conhecem?! *Olha para Diana e Cypriana que fingiam não dar-lhe atenção.* Minhas beilas, não me dam mais a honra de escutar-me?!

DIANA sorrindo.—Para que ha de magoar-me deste modo? Desejavamos tanto amal-o!...

BERRY.—Deveras?! Eis um dito pouco proprio para filhas d'um fidalgo.

DIANA.—Eis-vos agora mais severo do que nós mesmas! Não quer que o amemos? *Berry passeia combatido por diversos sentimentos.* Filhas d'um fidalgo? E' verdade, nós o eramos!... mas agora!... pobre de nós! Só damos contas de nossas ações a nossa consciencia!

BERRY.—Seu pac é morto?

CYPRIANA.—Não! mercê de Deus!

DIANA.—Fomos nós que morremos! *Berry faz um gesto de incredulidade.* Não zombo. Estamos mortas para todos os que amamos! Intentámos uma tarifa que excedia ás forças de duas pobres moças! Contra nós tinhamos homens! Cahimos n'uma emboscada armada por elles... e um assas-

sino subalterno foi incumbido de matar-nos !... *Berry dá dous passos para ellas.* Conto-lhe a verdade ; por nada mentiria ao Senhor ; porque estou certa de que ha de chegar a amar-nos. Eramos muito pobres, porém um velho servidor de nossa familia, no seu leito de agonia, fez-nos herdeiras d'um pequeno thesouro. Iam asfagar-nos ! Estavamos deitadas em uma barca, com mordaça á boca, e grandes pedras ao pescoço ! *Berry avança mais.* Encommendei minha alma a Deus, e voltei-me para minha irman, afim de vel-a ainda uma vez. Nesse momento supremo, o assassino teve dó e aproximou-nos uma á outra, para podermos trocar um ultimo beijo...

CYPRIANA abraçando-a.—Oh ! como eu supplicava a Deus que tomasse a minha vida e poupasse a tua. *Berry está junto dellas.*

DIANA beijando-a.—Procurei fallar ao assassino com os meus olhos... A emoção trahiu seu rosto ! Elle comprehendeu-me, e tirou-nos a mordaça. Então—lhe dice:—Se queres deixar-nos a vida, dou-te 50 moedas de seis libras e jamais pessoa alguma ouvirá fallar de nós nesta terra ! — Aceitou; partimos para Paris ! Porém minha historia está lhe causando tedio !...

BERRY *tomando as mãos das duas moças.*—Faceira ! bem vê que não. *A atitude, os gestos, e a falla de Berry devem denotar a acção do opio.* Foi então que as encontrei na estrada de Paris ? !

DIANA.—Justamente ; o Senhor estava com dous moços que tinhamos visto algumas vezes na nossa terra...

BERRY.—Algumas vezes ? ! Só ?...

DIANA.—Algumas...

BERRY *a parte*.—Se assim fosse!... Estevam e Rogerio ter-me-hiam dito alguma cousa! *A' ellas*. Podem me dizer como se chamam?

DIANA.—Luiza.

CYPRIANA.—Bertha.

BERRY *aparte*.—Desejava que fossem *ellas*!...

DIANA.—Não nos julgue, a nós... pobres camponias, como moças de fina educação! Não ha duvida! fizemos mal em dirigirmo-nos a esses moços!... Porém, se soubesse, que animo dá a ideia de ter morrido! Uma palavra basta para cortar-nos os escrupulos! Ainda esta noute quando quizerão trazer-nos cá, por certo não teríamos vindo, se eu não pensasse—Nada somos na terra! O recato das moças felizes, amadas com zelo, não é para nós. As maravilhas são livres como o ar!...

BERRY *com voz apiedada*.—Pobres meninas! Como não devem ter sofrido estes douz mezes!...

DIANA.—Passámos momentos horriveis! Outra miseria mais cruel havia ao lado da nossa. Porém Deus deu-nos animo e paciencia. Durante a boa estação alguns passeadores paravam para ouvir nossas canções. E muitas vezes recolhiamo-nos ricas. Chegou o inverno, ninguem nos quiz ouvir. Vendemos tudo quanto possuímos. E essa pobre gente que nos julgava mortas, e a quem davamos o pão de cada dia, morria agora á fome! Oh! se fosse... *Berry senta-se de notando prostração pelo opio*.

BERRY *beijando as mãos de Diana e Cypriana que aproximam-se*.—Minha bella Luiza, minha bella Bertha, como não as amarei! Querem ser minhas filhas?

DIANA.—Ah ! Deus tem compaixão de nós ! . . .

CYPRIANA.—Eu bem adivinhava que o Senhor nos havia de amar !

BERRY com voz sopezada.—Escutem. Tudo vai mudar-se neste palacio ! Serão Senhoras e rainhas. Ha muito que sofro ! Dar-me-hão amor ! . . . Não me deixarão mais ! . . . É quanto exijo.

DIANA.—Mas nosso pai ? ! a viscondessa !

BERRY.—Elles julgam-as mortas . . .

CYPRIANA.—Oh ! não nos ocultaremos mais—quando os podermos salvar ! . . .

BERRY.—Amanhan me contarão seus desejos, e eu os executarei no mesmo instante ! Esta noute não poderei ouvil-as ! Antes de para cá virem, eu sofria muito ! tomei uma beberagem para chamar o sonno, . . . e elle já me domina ! Fallem pois em quanto posso ouvir . . . Peçam . . . o que quizerem ! . . .

DIANA abaixando os olhos.—Queríamos muito dinheiro . . .

BERRY.—Quanto ?

DIANA.—A mulher, que nos trouxe, fallou-nos de 600,000 francos ! Com isso resgatariamos o solar, onde nascemos, e o dariamos á viscondessa ! . . .

BERRY.—Se é só isso ! . . . ha de arranjar-se ! Mas—quando bebo opio, durmo até tarde, e a pobre gente talvez precise socorro cedo ! Chamando. Seid ! Vem o negro arabe. As moças recuam assustadas. Toma duas bolsas de perolas ; deita 100 luizes em cada uma ; e volta depressa ! O negro sahe. Berry toma as mãos das duas moças e beija-as. Seid volta trazendo as bolsas que dà a Berry. Olha bem para

estas meninas, Seid ; pertences a ellas, como a mim ; em tudo o que te ordenarem, obedece cegamente ! *Seid as contempla, inclina-se e vai-se.*

CYPRIANA.—Ah! estas bonitas bolsas são para nós ?...

BERRY quasi dormindo.—Ainda não !... é preciso ganhal-as ! *Aponta a harpa.* Uma vez... quando eu passeava..., ouvi-as cantarem uma canção que me agradou, minhas filhas!... Querem repetil-a ? Adormecerei ouvindo... e sonharei com os... anjos !...

CYPRIANA tomando a harpa.—Bem sei qual é ! *Preludia a canção das Maravilhas.* Então... não é esta ?... *Berry faz signal que sim deixando cahir as bolsas e a cabeça.* As moças cantam a canção das Maravilhas.

Linda flor, meiga estrella, etc. etc.

&c. &c. &c. &c.

Durante a canção ouve-se o ressonar de Berry; acabada ella Diana e Cypriana largam a harpa, chegam-se para elle, ajoelham-se, tomndo-lhe as mãos e beijando-as. Neste momento ouvem-se passos e Estevam e Rogerio pretendem entrar, porém são impedidos por Seid que os obriga a sahirem. Diana e Cypriana nada ouvem. Tomam as bolsas, arredam-se do banco.

DIANA E CYPRIANA cahindo de joelhos.—Oh ! meu pai !.. meu pai !...

FIM DO QUARTO QUADRO E DO SEGUNDO ACTO.



ACTO III.

QUADRO QUINTO.

Anjo e demônio.

THE
UTKU ORGAN

ACTO III.

QUADRO QUINTO.

Anjo e demonio.

A scena representa umas aguas furtadas, cujas paredes de simples tabique são esburacadas. Um enxergão esfarrapado, um pouco de palhas, douis troncos de pâu, e uma garrafa ao pé do enxergão. Uma porta pequena lateral, e uma janella no fundo. E' de manhan.

SCENA 1.^a

RENATO estendido no enxergão; MARTHA sobre as palhas, e JOÃO DE PENHOEL n'um dos troncos ao pé della.

JOÃO.—Sem comer... douis dias! Oh! como é cruel a fome! Como... a despeito de todo o valor... de toda a resignação... ella acabrunha as forças do corpo...

MARTHA.—Sim... A fome... e o que é mais que a fome...

JOÃO.—A vergonha! o opróbrio!... Sim, Martha, a vergonha!... Mas, Deus é pae de bondade... é misericordioso! Colisemos nelle... que algum alivio nos ha de dar!...

MARTHA.—Só a morte!...

JOÃO.—Por que desesperar?...

MARTHA.—É já muito, meu tio... muito... muito!... Não temos nós visto... uma a uma, esvaecerem-se todas as

nossas esperanças ? ! Venha pois a morte ! . . . Esse espetro assustador . . . não o temo ! . . .

JOÃO.—Não sejamos impios. Christo . . . no seu calvario ainda nos pregou a resignação ! Ha muito que levamos vida de sofrimentos . . . , martírios, e desesperança ! . . . mas, tens visto, que ás vezes Deus se lembra de nós . . . enviando uma migalha de pão negro . . . é verdade . . . , porém que nos alenta ! Não te lembra a ultima vez . . . que sahimos a esmolar, como já na hora . . . em que exhaustos . . . pelo cansaço da jornada, esse pão nos foi lançado por mão que talvez . . . se esquivando de nos envergonhar com o seu obolo . . . nol-o deu . . . ocultamente ? Não viste como ha pouco . . . um escudo . . . nos foi lançado piedosa e modestamente ? ! Mas . . . o escudo . . . infelizmente . . .

MARTHA *com amargurada desesperação* —Infelizmente.. dizeis . . . , esse misero Renato, cujo unico alento é a embriaguez . . . o levantou e guardou ! Olhai ! quando mergulhada em meus sinistros pensares, deparo com esse corpo sobre o enxergão, e me recordo de que só a elle devemos a nefanda posição, em que nos vemos . . . , esqueço-me inteiramente de que é meu marido . . . , e se não fôra Deus . . . eu o amaldiçoaria ! . . .

JOÃO.—Pobre Martha ! A dor te cega ! Esse infeliz tem direito antes á nossa compaixão, do que á nossa maldição ! Foi um tresvario da rasão . . . , uma allucinação do espirito . . . , a fascinação das cartas . . . , ou antes a fatalidade, quem o levou a praticar de forma — que tudo perdesse ! tudo . . . até a habitação de nossos avós ! E não te recordas, Martha, dos artificios, dos embustes, que empregáraõ esses tres demonios, de mãos dadas com o maior inimigo de nossa casa para essa

fascinação?! Martha, é verdade que padecemos tratos peiores que os do inferno, mas não devemos criminhar esse misero—que talvez já tenha por demais expiado... o seu delicto... se assim se pôde chamar.

MARTHA.—Não sei se é impiedade desejar a morte em a nossa situação; mas o que é certo... é—que ella virá, porque sinto—que bem pouco me resta da vida! Hei sofrido... até quando é possível na terra! Não posso... mais!

JOAÓ.—Tem paciencia, Martha! Só faltam dous dias, para que eu me empregue na casa da esgrima. Mais dous dias de sofrimentos! Porém... também mais dous dias de resignação!...

MARTHA ocultando o rosto.—Dous dias... ainda?... Oh! enlouqueço!

JOAÓ levantando-se.—Deus! Batem.

MARTHA sobresaltada.—Baterão?...

JOAÓ.—Quem será que bate á porta das aguas-furtadas, onde só ha mingua, e fome?!

MARTHA ocultando o rosto.—Ah! quem sabe se mais algum oprobrio! João vai ver e recebe uma carta.

JOAÓ lendo à parte.—«O Senhor é animoso, dedicado á viscondessa, e presentemente o unico vingador da honra de Penhoel. Sua sobrinha Branca foi raptada por um homem rico e poderoso! Esse homem se chama Berry Montalt. Às 10 horas pôde ser encontrado no seu palacio nos Campos-Elyseos.»—Fallando. Branca? por um homem rico e poderoso! Acaso... Que me importa? irei... à Martha Vou sahir. Animo, minha filha!...

SCENA 2.^a

OS MESMOS, menos João.

MARTHA *vendo-o sahir.* — Animo ! Palavra irrisoria... sem significação... para quem ha esgotado o vaso que transbor-dava de amarguras ! Palavra sem sentido para quem ha visto sumirem-se no seu horizonte — uma a uma — todas as estrelas de paz e felicidade; e substituirem-se por negras e pesadas nuvens que desprendem de espaço a espaço tormentas horribveis ! E no entanto — é de mister que eu tenha animo !... *Depois de pauza, murmurando.* Diana... Cypriana... Branca !... Perdidas para sempre ! e será possivel a uma mãe — o acom-modar-se com esta idéa ? ! Diana... Cypriana, pobres filhas... votadas ao despeso, morrerão lá no solar de Penhoel, talvez que por abraçarem a causa de seus pais ! Assassinadas ! Dous pobres anjos !... Branca !... o ídolo adorado de joelhos, o amor deste coração !... a unica esperança desta vida,... raptada ! Incomprehensíveis são os altos mandos de Deus ! mas, é certo que tenho sofrido além do que o pode creatura humana ! *Oculta o rosto.* Uma noute... a pobre Martha... sentiu echoar em sua alma... esse grito doloroso... essa mis-teriosa revelação da maternidade !... E no mesmo tempo... uma voz do coração lhe dizia o nome do pae de seu filho !... um homem, a quem ella amava com afecto puro e extre-moso !... seu primeiro, seu unico amor..., que a havia aban-donado ! porque ? ! Ah ! isto não se falla... não se diz ! Esse nome devia morrer para sempre... ao escapar dos labios que o pronunciassem ! pois do contrario muitas desgraças sobre-viriam !... *Pauza.* O primogenito de Penhoel tinha deixado a Bretanha, havia muitos mezes... Martha, louca, desvai-rada pelas torturas que sofria, desceu a vereda que ia dar

das portas do solar ao rio Oust,... entrou no casebre de Bento Haligau—o barqueiro do solar. E ahi, sobre um leito de palhas, ao clarão tremulo de uma candéa, Martha deu à luz a dous filhos gemeos ! duas bellas creancinhas, que sorriam como dous anjos ! Diana—Cypriana ! Ah ! que as suas desgraças precederão a seu nascimento !... João de Penhoel assistiu a todo esse acto com sua mulher ; esta, levou as duas meninas, tornou-se sua mãe ! Depois as desgraças, depois a morte ! e hoje a miseria... a fome !.. *Soluçando oculta o rosto.*

RENATO levantando-se cambaleando, e com olhar desvairado.—A fome ? !.. A fome !.. *Pondo a mão na garganta.* Não ! A sède... a sède ! *Apontando a garrafa.* O vacuo... *Olhando em redor.* Ah ! estamos sós ? ninguem nos espreita ? ! Tanto melhor ! *Cambaleando, conta os furos da parede.* Doze fendas. É facil. *Olhando Marta.* Que é isso lá ?.. que é o que tendes ? Em breve estará tudo remediado.. *Sinistro.* Sou seu marido e senhor ! *Toma a garrafa e sahe cambaleando.*

MARTHA.—Oh ! Deus ! *Ouve-se cantar acompanhada com harpa a canção das Maravilhas.*

Linda flor, meiga estrella, etc.

&c. &c. &c. &c.

Martha levanta-se. Esta voz !.. acaso... os anjos que forão para o céo, terão voltado á terra ? ! Devem ser ellas !.. Reconheço-lhes a voz !... a canção !... Diana ! Cypriana !... *Caminha até a porta, mas recua espavorida, vendo voltar Renato com a garrafa, um fogareiro, e uma vasilha.*

RENATO.—Então, queres fugir ? ! Ah ! fallayas.. nesse fructo do teu criminoso amor ?...

MARTHA cahindo nas palhas.—Renato !

RENATO principiando a grudar papel nos 12 buracos, e bebendo por vezes.—Não ! não sahirás ! Sou teu marido... e senhor ! Quero que fiques... e has de ficar. Agora mando eu !...

MARTHA.—Meu Deus !

RENATO surdamente.—Luiz... esse bello irmão,... tam apaixonado ! Branca ! essa menina... do crime !

MARTHA.—Branca !

RENATO.—Cale-se ! Quererá ainda negar ? !

MARTHA.—Renato, tenha dó de nós todos !

RENATO.—Não te recordas..., das frases apaixonadas do meu bello irmão !

MARTHA.—Por compaixão ! Não me falle assim !...

RENATO com riso feroz.—Ora deixa-te disso ! Queres talvez que eu releia aquellas preciosas cartinhas ? ! Mas não ! Hoje... não. Bem vês—estou trabalhando ! Preciso repouso. Tu tambem precisas... Tem concluido a tapagem dos buracos... ajoelha-se, e põe-se a assoprar o fogareiro, bebendo.

MARTHA espavorida.—Renato... que fazes ? !...

RENATO ofegante.—Bem vês... Aquieta-te ! senta-te ali ! Daqui a pouco, nada perguntarás...

MARTHA ocultando o rosto.—Deus !... tende piedade desse misero !

RENATO rindo, assoprando e bebendo.—Misero ? ! Pois não ! Aquelle que outr'ora veiu interpor-se entre nós... cá não está ! somos sós ! sós ! entendéis o que isto vem a dizer ? !...

MARTHA o mesmo. — Deus m'as restituirá no céu... a todas tres !

RENATO rindo, assoprando e bebendo. — Era rico !... Assopra, feliz !... Bebe, amava !... Ronca e arqueja. Quem trou-me a felicidade ? a riqueza ?! Ella... elle ! Cambaleante, e com voz tremula canta :

Este corpo macerado—
Esta alma embrutecida
Busca já—porque o quizerão
A real—triste jazida !

A mulher c'o irmão perjuros
A minha alma envenenarão !
E os amigos que acolhi
Esse veneno atéráo !

Pois bem—já que o quizerão—
Morrerei n'angustia e dôr—
A mulher siga o marido—
Cumpra-se o fado de horror !

Bebe o resto, cahindo no exergão dando um ronco. Ouve-se cantar :

Deus emsí compadeceu-se...
Teve dó dos desgraçados !
Olvidai—não mais lembreis
Os dias amargurados !

Martha está immovel, e Renato tambem. Abre-se a janela, aparecendo Diana e Cypriana, que vendão o fogao e reiro recuam : chegando-se outra vez, atiram uma bolsa somem-se.

MARTHA despertando.—Minhas tres filhas!.. Levantando-se. ali estão! Pobre mãe!.. mas entre esses rostos angelicos,... atravez desse raio diaphano, que as envolve,... eu entrevejo... um rosto altivo..., que pede perdão! Vai ajoelhando gradualmente. Deus... perdoa a todos!.. No céu todo o amor é casto! Toda a paixão se purifica com os olhares de Deus! *Levantando-se.* Eu as vejo! no ceu... com seus vestidos a bretan! A sua voz... deste lado... *Dirige-se para a porta, mas vendo Roberto, que logo depois de Diana e Cypriana se retirarem, havia-se posto ali, recua, cahindo de joelhos.* Ah!!!

SCENA 3.^a

OS MESMOS e ROBERTO DE BLOIS.

ROBERTO para Martha.—Senhora, ouça-me em nome de Deus; e torne a si! Ha muito que aqui estou a socorrel-a! Por compaixão, não me repilla, e veja em mim um amigo!

MARTHA levantando-se subitamente.—Minha filha, senhor... que fez della?

ROBERTO.—O Sr. João de Penhoel não recebeu minha carta?...

MARTHA.—Não sei; mas que importa?! Miuhá filha! que é feito della?...

ROBERTO.—Não tive animo de assignar a carta, receiendo que o Sr. João desconsiasse do aviso. É uma grande desgraça, senhora, ter-se dado ás pessoas a quem se ama, o respeita o direito de duvidarem!

MARTHA.—Senhor !.. porque não falla de minha filha ? !

ROBERTO.—Della eu fallava na carta. Ouça-me : aqui não é lugar para uma explicação. Os antigos Senhores de Penhoel não podem conservar-se mais um instante neste miserável quartinho. Vim buscar-vos.

MARTHA *recuando*.—Vós ? !.. Oh ! nunca ! vossa aparição é sempre marcada por horríveis desgraças ! ..

ROBERTO.—Bem mereço esse desrespeito, e horror... E no entanto, se é verdade que toda a culpa tem a sua expiação, espero obter um dia vosso perdão. E embora o não consiga, ainda assim, eu me desvaneceria com haver pago hoje parte da minha dívida, salvando-vos a vida...

MARTHA.—Mas... fostes vós ? ...

ROBERTO.—E quem havia de ser ?

MARTHA.—Não sei ! Julguei ! .. tenho tam fraca a cabeça ! No entanto... estou bem certa de ter visto.... ouro ! ...

ROBERTO *apanhando a bolsa e mostrando-lh'a*.—Eu queria trazer-vos mais cedo, porém tenho também sido perseguido pela pobreza. Quando posserão os Penhoeis fóra do solar, fui também expulso. Oh ! eu amava loucamente a Branca; supunha que não m'a dariam e por isso fui o cego instrumento dos Pontales. Quando achei-me em Paris na miseria, e com o coração opresso pelo que havia feito aos pais da minha Branca, procurei-os por toda a parte, e pude dar-lhes alguns socorros misteriosamente...

MARTHA.—Eram de vós os pedaços de pão ? ..

ROBERTO.—Para mais não dava a minha pobreza ! Porém hoje recebi uma somma considerável, e logo pensei em vós, e

em Branca ! Com dinheiro tudo se faz... eu tinha-a em meu poder—mas roubarão-m'a esta noite : talvez que eu possa tornal-a achar !..

MARTHA.—Achal-a ? Oh ! não digais isso—se é simplesmente um meio de illudir-me ! Não sabeis o que é a esperança, para aquella que de todo a perdéra !

ROBERTO.—Minha carta tudo isso dizia. É uma desgraça...

MARTHA.—Fallai... fallai... senhor !...

ROBERTO.—Eu tinha vindo, senhora, implorar o meu perdão, e dizer-vos—nós a acharemos !

RENATO *com voz abafada.*—Como... custa morrer ! !

MARTHA.—Não !... Fugi ! Tenho-vos horror ! Enganais-me !

ROBERTO.—Senhora, Branca será encontrada !... Nós...

RENATO *com voz abafada.*—Tenho sede ! Aguardente !

ROBERTO.—Partamos. Aproveitemos a allucinação de Renato para o levarmos. Vossa filha...

MARTHA.—Nunca ! Vós não me restituireis Branca !...

ROBERTO *resolutamente tomando-lhe o braço.*—Sei onde está. Quer vir buscal-a ? Martha subitamente dirige-se para a porta. Roberto arrasta Renato, e sahem todos.

RENATO *arrastrado.*—Sede ! Aguardente !

SCENA 4.^a

BRAZ, BIBANDIER, que entram pela janella, e logo depois ROBERTO.

BIBANDIER.—Ora sempre não é das melhores cousas entrar pela janella d'uma casa, quando esta tem porta.

BRAZ.—Qual historias ! Era de mister que entrassemos ; achámos a janella aberta, e mais á mão,... zás !...

BIBANDIER.—Pelo que vejo, temos de esperar que o Sr. Roberto volte quando bem lh'o aprouver...

BRAZ.—Elle volta já ; apenas foi encaixar esses doux emborrachados no carro, cujo cocheiro está industriado, e é fiel.

BIBANDIER.—Isso sei eu. Mas é que pôde haver resistencia...

BRAZ.—Não creias. Ahi chega elle.

ROBERTO entrando.—Então, meus amigos, conhecéis agora que eu não trabalho ás cegas ?...

BRAZ.—Mas emsím—que pretendes com tudo isso ?

ROBERTO.—Ou estás mangando, ou te tens tornado estúpido !... Pois não achas grande vantagem o termos em nosso poder esses malandrins de Penhoeis ? Já te esqueceste que as filhas do tio João ali estam vivas, e sans como uns pêros ? e nos vigiam palmo a palmo ? !... Não te lembras que necessitamos d'uma procuração de Renato de Penhoel, para rchavermos o solar e adherentes dos Pontales, e que o prazo para isso breve se finda ?... Vamos lá ! que tens tu feito, Bibandier ?...

BIBANDIER.—Tudo o que hei podido. Mostrei a Estevam e a Rogerio o nababo adormecido entre as duas moças; atirei-os contra elle, de forma que amanhã temos desafio, sarilho, e Deus sabe que mais !

ROBERTO.—E tu, Braz ?...

BRAZ.—Creio que fui além de todos ! Nada menos do que isto. Comprei uma das creadas de Mirza, creada grave do nababo, a venefica Nawu, para que com algumas gotas de um veneno subtil—dê cabo das duas maravilhas, as filhas do tio dos tamancos...

ROBERTO.—Meus amigos, creio que desta vez, ainda me cabem os louros ! Já vistes como tive a habilidade de aproveitar-me dos esforços generosos das duas filhas do tio dos tamancos, para apresentar-me como um salvador á aquelles a quem tredamente arruinei, levando-os, por consequencia para a nossa morada. Ainda mais, aticei o moço Pontales contra o tal Berry; de sorte que tem de haver-se com 4 espadas !

BRAZ.—Bem. Até ahí chega o meu bestunto. Temos o Penhoel para as assignaturas; mas faltam-nos 500 mil francos...

BIBANDIER.—Ora ! amanhã seremos millionarios !

BRAZ.—E si falharem as disposições ?...

ROBERTO.—Nesse caso ainda tiraremos partido dos Penhoeis. Não lhes contei tudo. Sabem de uma carta que recebi do palacio Montalt ?

BRAZ.—Sim.

BIBANDIER.—Já sabes o que quer o nababo ?

ROBERTO.—Sei...

BRAZ.—Viste-o então ?

ROBERTO.—Não ; mas antes de cá vir, tive duas outras cartas do mesmo nababo. Na 1.^a nada dizia ; na 2.^a se explica um pouco ; na 3.^a elle vomita tudo como um patão que é !

BIBANDIER.—E que é que diz ?...

ROBERTO.—É uma historia exquisita ; nem se comprehende... Não sei o que pense. Mas, afinal de contas, esse Montalt é como todos os ricaços que veem dos antipodas. É o homem dos caprichos absurdos.

BIBANDIER.—Mas—em summa ?...

ROBERTO.—Eis o caso. Parece que hontem estive eloquenterissimo, principalmente quando fallei em certa missiva dirigida pela Sra. D. Martha a Luiz de Penhoel, em remotas eras... Este papelucho já nos foi de tal ou qual prestimo na historia da Bretanha. E agora—ahi está que o Montalt m'o quer comprar por um preço sór de villa e termo !

BRAZ.—Comprar ! e para que ?!...

ROBERTO.—Sei lá ! Vi em Londres um mylord que pagou, á minha vista, dois mil guinéos pelo escrito de uma ladra enforcada em Tyburn... Montalt, tiradas as consequencias, é um Inglez !

BIBANDIER.—Mas essa carta... ainda a tens ?...

ROBERTO.—Oh ! se a tenho ! Penhoel quando partiu do solar, deixou-a sobre a mesa, e eu a fui logo guardando.

BRAZ.—Então, porque hesitas em vendel-a ?...

ROBERTO.—Sem duvida ! Sei que o nababo é um desbaratador ; mas é bom esperarmos. Uma carta vale ás vezes mais do que dinheiro ! e amanhã talvez sejamos millionarios ! *Ouve-se cantar uma copla da canção das Maravilhas.*

Maravilha é flor da noute,
&c. &c. &c. &c.

BIBARDIER ressabiado.—Sempre ellas !

ROBERTO.—Meus amigos, não estamos em nossa casa ; partamos... A' ruina de Penhoel...

BRAZ.—E do Inglez...

ROBERTO.—É causa decidida ! *Sahem todos pela porta.*

SCENA 5.^a e ultima.

DIANA e CYPRIANA na janella.

CYPRIANA.—Ninguem ? !... no entanto... ouvimos vozes...

DIANA.—Entremos. A porta está aberta. *Entrando.* Tudo solitario ! Onde pois iriam ? !..

CYPRIANA.—Sim. Onde iriam ? ...

DIANA.—Minha irman,... não sei que desconfiança ! mas, temo....

CYPRIANA.—Que dizes ? !...

DIANA.—Cypriana ! aqui anda mais gente !...

CYPRIANA.—Já me lembrei.,.

DIANA.—Oh! que sempre teremos de lutar com desigualdade!...

CYPRIANA ajoelha e canta.

Oh! meu Deus omnipotente!...
Tende de nós compaixão!
Dai-nos força—socorrei-nos
P'ra escaparmos da trahição!

DIANA ajoelhando tambem e cantando.

Já outr'ora nos salvastes—
De morte certa—terrivel!
Hora a vencer—ajudai-nos
Esta trama tam horrivel! Levantam-se.

Partamos, minha irman! Hoje já sizemos muito, é verdade; mas ainda nos resta. Branca está salva, o anjo querido de Penhoél. Corramos agora a salvar Renato e a viscondeza.

CYPRIANA.—Sim, que o prazo em que Penhoel deve resgatar seus bens, ou tudo perder para sempre, não está á nossa espera, e breve se findará. *Dam as mãos e cantam sahindo.*

Avante—soldado
Caminha ligeiro!
Altivo—que o p'rigo...
Está sobranceiro. *Sahem.*

FIM DO QUINTO QUADRO.

QUADRO SEXTO.

Herança e ventura.

A scena representa o gabinete de Berry, ornado com luxo aziatico. Diversas secretárias, mesas, etc. Nota-se a um canto um traste de gosto exquisito, com grandes prègos e molas amarellas. Uma harpa. E' de tarde.

SCENA 1.^a

BERRY sentado ao pé d'uma mesa com a cabeça reposada nas mãos **SEID** entrando e depois **ESTEVAM** e **ROGERIO**.

SEID.—O Sr. Estevam e o Sr. Rogerio pedem permissão para fallar a mylord...

BERRY distraido,—Sim. *Seid vai-se. Berry sentindo a entrada dos doux mancebos levanta-se, dizendo alegremente: Que feliz acaso... Pára vendo-os immoveis e carrancudos.*

ESTEVAM.—Desejavamos fallar a mylord...

BERRY com frieza indo sentar-se.—Ah! Agora me lembra. Dicerão que tencionavam deixar-me... Fallai.

ROGERIO alterado.—Tencionavamos fazer mais alguma cousa, mylord...

ESTEVAM.—Silencio. Prometeste deixar-me fallar...

BERRY.—Fallai que estou tremendo com vossos ares.

ROGERIO o mesmo.—Mylord! Não necessitamos de estímulos para vingarmo-nos!

BERRY.—Com efeito ! Parece que é uma provocação !...

ESTEVAM *lento e triste.*—Mylord, as aparencias enganam muitas vezes. Trata-se da honra de duas moças...

BERRY.—Duas ? !... Com essas são tres, que tenho roubado, deshonrado, o que quizerem !

ROGERIO.—Mylord !...

BERRY.—Sim... O moço Alão de Pontales, filho do marquez desse titulo, tambem aqui veiu, com uma historia de moça raptada. Provocou-me, desafiou-me... É um villão ruim o tal Pontales filho ; tam ruim que tem a cara do pae. Não escolho porém adversario... Agora... os meus queridos filhos...

ESTEVAM.—Trata-se da felicidade de nossa vida. O Senhor bem sabe que nós só tínhamos uma esperança,... um amor...

BERRY.—Sim,... Diana e Cypriana, segundo dicestes. Não tenho a honra de conhecê-las.

ROGERIO *com impeto.*—O Senhor mente !

BERRY *calmo.*—É claro que os meus filhos querem matar-me. Que fazer senão resignar-me ?...

ESTEVAM.—Peço-lhe por quanto ha ! Diga que nos enganamos. Dê-nos uma prova qualquer ! A's vezes dá-vos a fantasia para encobrir a bondade com aparencias de afectada rudez... Porém agora seria crueldade zombar da nossa tortura !...

BERRY.—Tenho conhecido infinitade de moças louras... morenas... ; procurei divertir-me quanto pude,... porém se

adivinhasse que tinha de sofrer taes sermões por castigo de minhas conquistas, de certo que teria renunciado a ellas.

ESTEVAM.—Mylord, vim até aqui com um resto de esperança. Meu coração se obstinava em duvidar, não por vossa causa, mylord, porque conheço uma natureza que faz benefícios por enfado, e commete crimes por desfastio,... mas por causa della,... a quem amava; por causa della, que eu havia deixado tam bella e tam pura de coração, ha 2 mezes apenas! Emb' hora eu tivesse visto com os meus olhos, e com os de meu amigo, ainda não queria submeter-me á evidencia! ...

BERRY.—Dizem que a fé nos salva...

ESTEVAM.—De que serve o chasco, mylord?! O Senhor nos encontrou a ambos na estrada, chamou-nos para seus amigos, arrancou-nos nosso segredo, á força de singida sympathia. Levou-nos de vencida, porque chegámos a amal-o com todo o extremo. Ali está Rogerio — sequioso de o matar, que houvera dado pelo Senhor a ultima gota de sangue! Oh! diga-me;—que prazer acha nestas fantasmagorias? Sim! porque quando soube de todas as nossas dores e alegrias, quando pôde pesar o valor da esperança que nos alentava, o Senhor despendeu o seu ouro para desentranhar da Bretanha, duas pobres meninas, e matar assim a nossa felicidade?! Ah! veja bem que eu podia deixar de crêr em tal infamia; porque nesse papel vergonhoso, a demencia entra mais do que a traição, e o Senhor, a meus olhos, é mais insensato do que infame?! ...

BERRY.—Vamos. A sua homilia está rematada? ...

ESTEVAM.—Então,... recusa qualquer explicação? ...

BERRY *séco.* — Prefiro bater-me.

ESTEVAM. — Escolha um de nós; e será um duelo de morte!

ROGERIO. — Escolha-me a mim; porque eu lhe digo que o Senhor é um infame e covarde, um miserável sem honra—nem brio!

BERRY *com calma puchando uma carteira.* — Nem uma—nem outra cousa. Quero ter o prazer de poupar a ambos.

ESTEVAM. — Então—qual escolhe?

BERRY. — A ambos. *Escrevendo na carteira.* O Sr. Estevam Moreau—ás 5 e horas um quarto; o Sr. Rogerio Launoy—ás 5 e meia. — *Fallando.* Peço-lhes perdão por fixar-lhes a hora. O Sr. de Pontales foi o primeiro. *Escrevendo.* Bosque de Boulogne, porta de Orleans. Espada. *Dando-lhe costas.* Até lá. *Estevam e Rogerio sahem pela esquerda ao mesmo tempo que pela direita entra João de Penhoel.*

SCENA 2.^a

BERRY e JOÃO DE PENHOEL.

JOÃO *na porta.* — O Senhor é quem se chama Berry Montalt?...

BERRY *estremecendo mas sem voltar-se,* — Sou eu.

JOÃO *entrando.* — Queria então falar-lhe...

BERRY *sem se voltar.* — Parece que adivinho pouco mais ou menos a sua historia, meu respeitável senhor. Naturalmente trata-se de alguma moça raptada?...

JOÃO.—Minha sobrinha...

BERRY.—Ah! sua sobrinha!... O Senhor por tanto vem desafiar-me para algum duelo?...

JOÃO.—É verdade.

BERRY escrevendo na carteira.—Bosque de Boulogne—porta de Orleans.—Falla. Que nome escrevo?

JOÃO.—João de Penhoel.

BERRY escrevendo.—João de Penhoel—ás 5 horas e tres quartos.—Guardando a carteira sem se voltar. Até lá. João de Penhoel vai-se.

SCENA 3.^a

BERRY só e depois SEID.

BERRY levantando-se.—João de Penhoel!... uma moça raptada! Tudo isto é de extranhar-se! Talvez que eu lhe devesse fallar!... Não! Estas coisas me apouquentam e esmagam! Será o dedo de Deus?.. ou um simples motejo do acaso? Senta-se. Pobre velho! é sempre aquella alma da antiga tempera! não é delle que devo vingar-me! Porém... meu irmão... Martha?!... Oh! nem ousou o pobre velho pronunciar-lhes os nomes em minha presença! Que louco que eu sou! Ainda quero dar a minha fortuna por essa carta, onde espero achar um pouco de compaixão ou de saudade, uma frase de amor—talvez!... Não sei já, de ha 20 annos, que o coração d'uma mulher é tam ermo como o sepulcro?!... Amor? Oh! que não nasci para

fazer vibrar uma corda siquer daquelle coração !... Saudades ? como as havia de ter d'um desventurado, que emb' hora se finasse por ella, não lhe merecera uma lagrima, uma resposta ás expressões de magua e de quebranto, que lhe dirigira no soçobro do seu martirio ? !... Compaixão ? E que me importaria ella ? Seria um insulto de mais ; e eu, o atnante orgulhoso, não queria mendigar uma gota de balsamo para asserenar-me, a dôr ! Guarde-a para si ! Eu... Berry Montalt, nada tenho de commum com essa mulher : Desprezo-a com toda a energia do meu tedio ! E se ella crê em Deus ; e se—no seu transe, derradeiro lembrar-se de mim, e pedir perdão..., Deus lhe perdoe ;... emb' hora, porque eu nada tenho que perdoar ! Pauza. Desafiam-me ? Bato-me ! Insultam-me ? Mato ! Escreve uma carta e rasga. Não é este o meio de saber ! Mostrei muito claramente a esse homem o afan... ; só por meio d'uma transacção poderia obter a carta ! Escreve de novo e lê.—« Se a carta de que me fallou o Sr. de Las-Mattas fôr entregue antes da meia noute no palacio Montalt, uma somma de 50 mil francos estará á sua disposição. »—Pauza, fallando. Cicoenta mil francos ? !... Não. É pouco. Seja 100 mil francos... Escreve; apita; chega Seid. Dá-lhe a carta. A resposta a este bilhete deverá chegar-me imediatamente. Essas duas moças voltarão ao palacio ?

SEID.—Sim.

BERRY.—Dize-lhes que quero fallar-lhes. *Seid vae-se. Sombrio.* De que me posso queixar ? que vinha eu fazer á casa desse homem ? Já lhe havia cedido a minha felicidade !... Talvez supoz que vinha rehavel-a ! Oh ! mas eu amava tanto ! E a moça que era então sua mulher ? Essa—

eu abandonára ! Com que direito lhe vinha pedir uma saudade ? Não sóra eu mesmo... eu só—o que despedaçára minha vida ? Não sabiam por certo que me haviam matado a alma ;... elle—porque me repellia por desconfiado e por cioso ; ella—porque eu lhe mandára o gemido supremo do arrependimento e da dor, e calou-se obstinada ! Como eu a amava ! Já lá vão vinte annos ; desde esse tempo ainda não amei outra mulher ! Pedi a Deus que me concedesse o esquecimento ! Deus não me quiz ouvir ! Ainda amo-a ! Oh ! sim ! E agora... neste momento—espero como um pobre desassasido ! Lobriguei uma vaga esperança nas densas trevas de meu futuro ! Essa carta ! Oh ! se me enganei ! se ella ha padecido... como eu ! *Entram Diana e Cypriana timidamente.*

SCENA 4.^a

BERRY, DIANA, CYPRIANA—*depois SEID.*

BERRY *presentindo-as.*—Aproximem-se. *As moças aproximam-se.* Boa tarde, Bertha ; boa tarde, Luiza. Ha muito que as não vejo. Pensárao em mim hoje ?

CYPRIANA.—Oh ! sim, mylord.

DIANA.—Pela sua bondade fomos socorrer ás pessoas que amamos.

BERRY.—E não se arrependerão da mentira de hontem ?

DIANA E CYPRIANA.—Mentira ? !...

BERRY.—Qual das duas é a que se chama Diana, e qual, Cypriana ?

DIANA.—Oh ! Senhor, senhor ! perdoe-nos ! O desespero nos atirou para aqui, e alguma cousa nos dizia que incorriam nos censuras do mundo... Mentimos, sim... mas sómente porque nos lembravamo de nosso velho pae !

BERRY para Diana—A Senhora é que é Diana, não é ? e é a que ama Estevam ?!...

DIANA abaixando a cabeça.—Estevam ?!...

BERRY para Cypriana.—E a Senhora ama a Rogerio de Launoy ?! Deus as faça felizes, minhas pobres meninas ! O amor faz sofrer bastante ! e quando dous corações se dam um ao outro, ha sempre um que mente ou se illude !

DIANA erguendo a cabeça.—Estevam é um mancebo honrado.

BERRY.—Creio...

CYPRIANA.—Rogerio ama-me devéras !

BERRY.—E como não amal-a, minha filha ? Quem sabe !.. Talvez que eu esteja em erro ! Deus o queira ! *Tomando-lhes as mãos.* Porque não me chamam ainda de pae ?

CYPRIANA fingindo estar enfadada.—É porque o Senhor está ralhando ; e adivinhou o nosso segredo.

BERRY com sigo.—Adivinhou o nosso segredo ! *Para ellas.* E se eu lhes perdoar ?

CYPRIANA.—Então tambem lhe perdoaremos !

BERRY beijando-as.—Obrigado, minhas filhas !

DIANA e CYPRIANA.—Obrigadas, meu pae !

BERRY depois de pausa.—É verdade, adivinhei um segredo, cu ! eu que deixo sempre dormitar o meu espirito Tanto bem lhes quero, minhas filhas, qne esqueci que havia,

morrido, e que não tinha mais curiosidade nem desejos;
Trabalhei... e decifrei o seu segredo !

CYPRIANA.—E foi só isso que chegou a saber ?

BERRY.—Só isso, Sra. Berthazinha. Fique socegada ! Não sei o nome do fidalgo que tem tam bonitas filhas ! Nada sei mais senão que as amo, e que me julgo feliz em estreitá-las ao peito...

DIANA.—E nós... nós tambem o amamos—como a um pae !

BERRY *como fallando com sigo.* —Sei acaso porque ?? Ando ahi na terra como um estonteado caprichoso... ás vezes o creio mesmo... E no entanto, se ha nm Deus, foi elle que as collocou na minha passagem, a essas pobres meninas, assim de que eu sirva neste mundo para alguma cousa ! Oh ! não jogarei mais... A' ellas. O que me resta lhes pertence, minhas filhas, e com isso ham de ser bem ricas !

DIANA *tomando-lhe timidamente a mão.* —Meu pae,... está zangado com nosco ?

BERRY *abraçando-as com transporte.* —Duas ! Oh ! seria por demais ! não mereci tamanha ventura ! Mas se Deus me houvesse dado somente uma filha como tu, Diana, ou como tu, Cypriana, quanto minha vida fôra mudada e bella ! e como eu desaprenderia logo o desejar o nada d'álém tumulo !

DIANA.—O Senhor que tem tam boa alma, como não crê mais no céu ?

BERRY.—Porque se o céu existe, é impiedoso ! Não é melhor a duvida do que o odio ?

DIANA.—Oh ! então tem sofrido muito ?

BERRY amargamente.—Se tenho sofrido? pobres meninas! Deus as livre de saberem jámais o que é um tal martirio! *Com sarcasmo.* Mas hoje acreito, que fui um tolo em ter sofrido! muita gente me tomaria por doudo, se conhecesse a minha historia! E talvez que pensassem com discrição! Que é que me fizerão? Eu tinha um amigo e uma amante idolatrada! Eu amava essa mulher a ponto de lhe dar mil vezes a minha alma! E ao outro, ao meu amigo, eu queria-lhe tanto a ponto de lhe sacrificar o meu amor! Era elle fraco, eu me julgava forte;... eramos ambos quasi crianças,... eu o vi desgraçado, porque amava em segredo a minha noiva... Obrei mal, talvez, minhas filhas, porque ha dedicações injustas e crueis. A moça tinha direito a meu amor, e perante Deus eu já não tinha o direito de fugir... Porém... deixei a casa de meu pae, com lagrimas nos olhos, eu que até então só soubéra o que eram risos! Levei para o exilio a minha amizade entusiastica, e o amor que devia encher-me a vida! De que posso queixar-me? O meu amigo desposou a mulher, que lhe eu cedera! E um dia que eu rággressava be bem longe; um dia que eu me aproximava tremendo á casa de meu pae, encontrei-o em meio do caminho... Negou-me sua mão fria! Poz-se entre mim e a porta de sua casa! Tornei a partir! Minha alma fencêra!...

DIANA E CYPRIANA *tomando as mãos de Berry e beijando-as.*—Pobre pae!

SEID na porta.—Uma carta para mylord!

BERRY sem se voltar.—De onde vem?

SEID *aproximando-se.*—Do Hotel das Quatro partes do mundo. Dá-lhe a carta que elle guarda: e vai-se.

DIANA.—Pois não quer saber ?...

BERRY.—Mais tarde. Se os meus desejos forem satisfeitos, tenho diante de mim uma vida inteira para exultar ! Se minha ultima esperança me falhar—tenho somente bem poucas horas que sofrer ainda. Fallemos do que lhes toca, minhas filhas, porque ao menos quero felicitar alguem neste mundo. Hontem lhes fiz uma promessa. Não me esqueci, e vou cumplir-a ! *Dirige-se ao movel de gosto exquisito, e abrindo-o por meio de uma mola, delle tira uma caixinha, dizendo Olhem para tudo que faço. Podem vir a ter necessidade de lembrar-se. Mostrando a caixinha.* Eis todo o meu cabedal. Nada tenho no mundo senão esta caixa que encerra uma madeixa de cabellos. A's vezes—quando estou só, eu os contemplo, e vejo então sorrirem-se todas as bellas alegrias da minha mocidade ! A madeixa ahi está—guardada pelos brilhantes que a cercam. Cada qual orna o seu idolo...! *Beija a caixinha, e arranca com os dentes quatro pedras.* Não me disserão que precisavam de 50 mil francos?... Ahi estão quatro pedras que valem o dobro, minhas filhas. São suas ! *Dá-as a Diana.*

DIANA E CYPRIANA.—È possivel ? !

BERRY *beijando-as.*—Não me agradeçam. Mais lhes devo ainda. Ha 20 annos que morreu-me o coração ; e as minhas filhas resuscitarão-o por um dia ! Sim, eu já havia esquecido o prazer de amar ! Deus as felicite, minhas filhas, porque estou certo que ham de orar por mim, quando me não virem mais !

DIANA.—Deus !

BERRY.—Nada receiem. Deus por sim apiedou-se de mim, visto que as encontrei ! Amam-me não é verdade ? !

DIANA E CYPRIANA. — Meu bom e segundo pae ! *Berry põe outra vez a caixa no movel que fecha.*

BERRY a Diana, dando-lhe uma chave. — Diana, confio-lhe esta chave, minha filha. Tinha ainda muito que dizer, porém não me sobra o tempo ! Ouçam minhas ultimas palavras. Se hoje ás 7 horas da noute, eu não estiver de volta, sirvam-se dessa chave, e tirem a caixinha dos brilhantes, que serão para vós uma herança.

DIANA E CYPRIANA. — Oh ! meu pae !

BERRY. — Deixem-me proseguir. Dessa fortuna que eu lhes lego não tem que dar contas a ninguem ; sómente, caso eu não volte, é minha vontade que a madeixa de cabellos, oculta na caixinha, seja consumida. Prometam-me, minhas filhas, queimal-a, e atirarem ao vento as cinzas.

DIANA E CYPRIANA. — Assim o prometemos !

BERRY indo sentar-se. — Agora—ainda uma vez a canção das Maravilhas ! *Diana e Cypriana tomam a harpa e cantam*

Linda flor, meiga estrella, doce virgem !

&c. &c. &c. &c. &c.

BERRY commovido levanta-se, e indo beijal-as diz: — Obrigado, minhas filhas ! Orai por mim ! *Leva-as até a porta. Voltando para a frente, tira a carta do bolso, contempla-a e lê tremulo* — « O cavalheiro de Las Matas tem a honra de apresentar seus respeitos a Lord Berry Montalt, e roga-lhe o obzequio de adiar para amanhã á tardinha, o negocio sobre que lhe escreve. » — *Berry sufocado e ofegante rasga a*

carta. Com voz surda Morrerei sem saber ! Sahe apres-
sado.

SCENA 5.^a

**ROBERTO DE BLOIS, BRAZ, e BIBANDIER, que entram
cautelosamente por uma janella.**

ROBERTO indo verificar se as portas se acham fechadas.—
Estamos dentro... é verdade ? mas—sahiremos ?...

BIBANDIER.—Boa duvida... por onde se entra—se sahe.

ROBERTO.—Sim. Estamos livres do tal nababo que foi
expor-se a quatro botes de espada, promovidos por nós. Es-
tamos livres do seu negro, de olhos quaes dous fogos infer-
naes, que o acompanhou. Estamos livres das malditinhas, ás
quaes o veneno de Nawn terá dado um somno eterno...

BRAZ.—Estamos, tiradas as conclusões, sós e senhores do
terreno no quarto do nababo...

BIBANDIER.—Assim—o melhor que temos a fazer—é
principiar.

ROBERTO.—Bem dito. Principiemos pois. Aqui está
uma secretária, onde devem existir alguns bilhetes do banco.
Abrindo uma gaveta e tirando bilhetes. Oh ! eil-os...
eil-os !...

BRAZ remexendo as gavetas d'uma mesa.—Ah ! cá temos
moedas;... e de ouro !...

BIBANDIER.—Por cá,... não vejo cousa amarella... que
sirva...

ROBERTO.—Mas ! esperem lá... Estou me lembrando... d'um... esquecimento...

BRAZ.—Como é que se entende isso ?...

ROBERTO.—Sim !... d'um esquecimento... Não te recordas... do que viemos aqui buscar ?

BRAZ.—Boa lembrança... Dinheiro !

ROBERTO.—Qual dinheiro. Brilhantes... brilhantes !...

BRAZ.—Onde diabo acharemos taes brilhantes ?

BIBANDIER *que andava procurando, ao pé do movel onde o nababo guardou a caixinha.*—Aqui ! aqui me cheira... a pedra que brilha ! Não sei o que acho de positivo...

ROBERTO *correndo para lá.*—Sim ! É aqui mesmo ! Toca a abril-o ! Forcejam por abrir. Em verdade... não lhe vejo furo...

BRAZ forcejando.—A fechadura... fecha... dura...

BIBANDIER forceja.—O demo... me leve... que aqui ha... se... gre... do...

ROBERTO.—Feliz ideia ! Meus amigos, aqui—o remedio é irmos ás ultimas. Nada de perder tempo. Mylord é sucinto nas suas acções e pôde voltar quando menos nos convenha. Lembro-me que vi um machado ao pé da escada por onde a creada de mylord nos introduziu. Com elle daremos cabo disto.

BIBANDIER puxando Braz.—Vamos ambos. *Sahem pela janella.* Neste momento abre-se sem estrepito uma porta lateral aparecendo a cabeça de Diana que vendo Roberto junto ao cofre retira-se logo fechando a porta.

ROBERTO só e olhando o cofre.—Será possivel que toda a nossa sciencia..., a minha—principalmente, falhe em vista d'um trastinho destes ?!... Abaixa-se e examina. Ouve-se cantar fracamente a canção das Maravilhas. Roberto dá um salto. Pareceu-me ouvir !... Ora—sempre sou um grande paspalhão ! Dirige-se outra vez ao cofre ; examina-o e calca em um canto fazendo saltar a tampa. Espangado e olhando para dentro. Como.., co...co...mo... brilham... bri...bri...lham ! !... Tira a caixinha. Ora viva o Sr. Roberto de Blois ! Vamos indo... sem barulho ! Antes que seja interrompido... Irreflectidamente dirige-se à porta, que abre-se aparecendo Diana e Cypriana que apontam cada uma duas pistolas. Roberto dá um salto, um grito e deixa cahir a caixinha.

SCENA 6.^a

ROBERTO estupefacto, **DIANA** e **CYPRIANA** guardando a porta, e depois **BRAZ** e **BIBANDIER**.

ROBERTO murmurando.—Ainda ? !...

DIANA.—O Senhor está nosso prisioneiro, Sr. de Blois. Não tente fugir, não dê um passo... ou morre...

ROBERTO olhando para a janella.—Morrer ? !...

DIANA.—A janella ?... lá embaixo, se o Senhor pular, pode pisar o pobre Seid que lá está.

CYPRIANA.—Tenha paciencia.

DIANA sarcastica.—Não esperava tornar a ver-nos? e no entanto, o Senhor por ter habitado tanto tempo na nossa velha Bretanha, devia conhecer as nossas lendas... As maravilhas viajam na aza dos ventos... Hontem atormentavamo a Sra. marqueza de Urgel, a amante do moço Pontales, e lhe roubavamos, Branca o anjo de Penhoel. Esta noute dormimos no nosso carneiro, no cemiterio de Glenac; e hoje de manhan, Sr. de Blois, pendurámo-nos ao ultimo raio da lua para virmos ápontar estas pistolas contra o Senhor!....

CYPRIANA mais sarcastica.—Minha irman, não se deve zombar de um vencido. Estou certa de que se deixassemos passar este meu Sr. de Blois, elle nos daria palavra de honra de que se havia de converter e fazer penitencia... Porém os mortos são rancorosos, Sr. fidalgo, e nós o guardaremos á vista—até que mylord chegue!

ROBERTO.—Ouçam-me. Sei que pódem deitar-me a perder, mas sei tambem que as Senhoras tem uma alma generosa. Tenham pois dó...

DIANA.—Dó?! Que profunda que é a torrente da dama Branca!

CYPRIANA.—E que pesadas que eram as pedras!

ROBERTO.—Assim—não querem ter compaixão?... Neste momento Braz e Bibandier aparecem por traz das moças a quem agarraram levando-as para o centro e tapando-lhes logo a boca. Roberto continua. Com a breca, minhas senhoritas, é preciso á gente estar de alcatéa quando as Senhoras se metem na dansa! Por hoje sómente as trataremos. Levanta a caixinha, como o fizerão com a marqueza, quando lá forão todas disfarçadinhas em bellos mocetões roubar o anjo de Penhoel, visto que estamos neste damnado palacio...

Não conclue, dando um grito assim como Braz e Bibandier que largam as moças, pois na porta aparece Berry Montalt trazendo duas espadas.

DIANA E CYPRIANA correndo a *Berry*.—Meu bom pae !

SCENA 7.^a

**OS MESMOS, BERRY, ESTEVAM, ROGERIO, SEID, e depois
JOÃO DE PENHOEL.**

Aproveitando a confusão Roberto some-se levando a cai-xinha, deixando Braz e Bibandier estupefactos.

DIANA E CYPRIANA lançando-se ao pescoço de *Berry*.—
Meu bom pae !

BERRY.—Que significa tudo isto ? !

DIANA.—Oh ! querido pae ! esses homens que outr'ora nos quizerão matar tinham vindo roubar-lhe o thesouro...

BERRY olhando.—Parece-me que ha pouco eram tres...

DIANA olhando.—Fugiu o outro...

CYPRIANA.—Com os brilhantes...

BERRY olhando a Braz e Bibandier.—O Sr. barão Bibander ! O Sr. conde de Monteria... aqui para roubarem !... Quem era pois o outro ? !... *Ouve-se rumor fóra*, e todos se voltam.

JOÃO fóra.—Eu te reconheço apezar do teu disfarce,... como reconheci a tua escrita naquella perfida carta que fez-me bater com meu sobrinho Luiz ! Entrando e atirando

para dentro a Roberto que cake de joelhos e tremulo. Desta vez creio que hei de esmagar-te, vibora ! *Diana e Cypriana lançam-se nos braços de João, que diz para Berry.* Luiz, este homem é causa de estar Pontales senhor da casa de teu pae ! . . .

DIANA.—O nosso querido pae, porque já agora o havemos de chamar assim ; o nosso querido pae nada ignora do que se passou no solar... Ouvimos este homem contar-lhe as proezas...

ESTEVAM.—O que mylord não pôde saber, é que este homem foi a causa unica de nossa raiva louca ! Elle excitou-nos as suspeitas !

SEID.—Foi elle quem peitou Nawn para envenenar aquelas duas moças.

JOÃO.—É a nossa desgraça e ruina !

BERRY indo a Roberto, e trazendo-o para a frente. A meia voz.—Sr. cavalleiro de Las Matas, pouco me importa o que afirma toda essa gente. O Senhor está em minha casa, debaixo da minha protecção.

ROBERTO dando-lhe a caixinha.—Mylord, estou á mercê de sua generosidade...

BERRY.—Se o Senhor quizer, acreditarei que veiu ao meu palacio para responder ás minhas mensagens ! Traz-me a carta ? ! . . .

ROBERTO.—Mylord...

BERRY.—Tem a carta ou não ? ! Pondo-lhe a mão no hombro. Estou certo de que a tem. Queira dar-m'a, ou aliás faço-o expirar a páu ! . . .

ROBERTO dando-lhe a carta.—Visto que lhe dou a carta,
deixe-me partir sāo e salvo !

BRAZ E BIBANDIER.—E a nós tambem !

BERRY tomndo-lhe a carta, e arquejante.—Sáiam !...
Roberto, Braz, e Bibandier sahem.

SCENA 8.^a e ultima.

OS MESMOS, menos ROBERTO, BRAZ e BIBANDIER.

BERRY abre a carta ofegante, lê, e titubeando cahé de joelhos soluçando.—Ella ! Ella me amava ! Oh ! que coração me déste, Senhor Deus ? ! Eu o adivinhára ! quasi que o sabia ; e forcejava por não crêl-o ! Levantando-se, e indo abraçar João. Meu velho pae ! eu tinha amado muito ! A idéa da ingratidão della,e sua, tornava-me louco !

JOÃO.—Nossa ingratidão ? ! Ha vinte annos, que as nossas orações não tem subido até os pés do SENHOR sem que fallem de ti, meu filho !

BERRY.—Oh ! Martha ! Martha !... Esse duelo...

JOÃO.—Meu filho, tu me julgavas culpado, e querias matar-me...

BERRY.—Queria vingar-me ! ainda mais cruelmente ! Eu queria entregar meu peito á tua espada e dizer-te o meu nome quando cahisse ferido mortalmente ! *João recua espantado.* *Estevam e Rogerio estão commovidos.* Berry como dormindo está immovel. João falla ao ouvido de Diana e Cypriana que sahem.

BERRY murmurando e ajoelhando.—Deus é justo ! Meu pae, tua boa e nobre vida tem um bello remate ! È em nome de tuas filhas que te peço o meu perdão !... Ouve-se nesta occasião cantar fora a canção das Maravilhas, que durará até Berry levantar-se, fallar, e correr á porta.

BERRY recebendo Diana e Cypriana nos braços.—Ellas !.. forão ellas !.. que me salvarão !

DIANA E CYPRIANA,—Não !—Foi Deus !

BERRY.—Deus ?

JOÃO aparte.—Oh ! e nada posso dizer !...

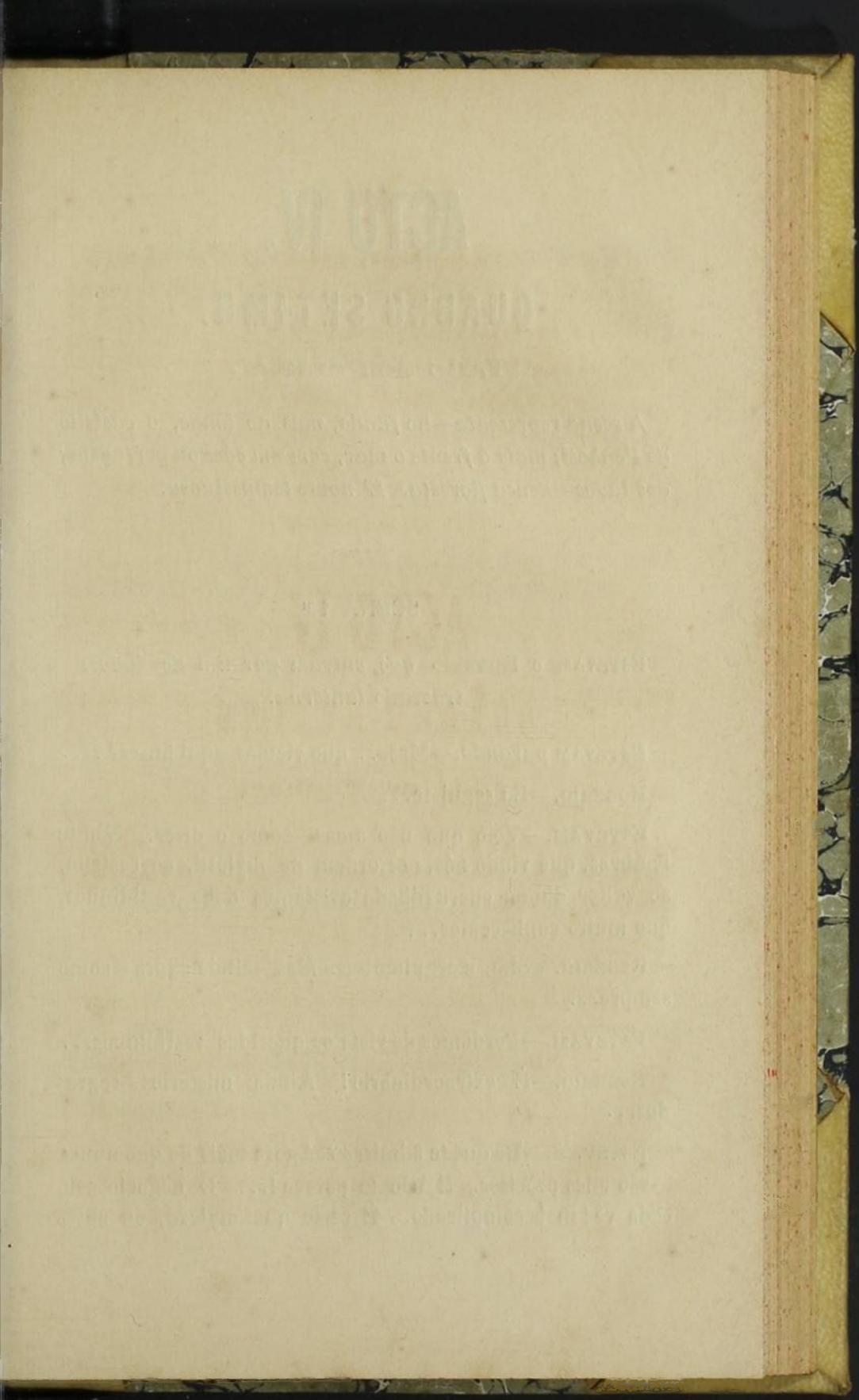
FIM DO SEXTO QUADRO E DO TERCEIRO ACTO.



ACTO IV.

QUADRO SETIMO.

Luiz de Penhoel.



ACTO IV.

QUADRO SETIMO.

Luiz de Penhoel.

A scena representa—no fundo, mas ao longe, o castello de Penhoel; mais à frente o mar, com um cães ou portagem; aos lados—densa floresta. E' noute tempestuosa.

SCENA 1.^a

ESTEVAM e ROGERIO que entram por um dos lados,
trazendo lanterna.

ESTEVAM parando.—Mas... que viemos aqui buscar ?...

ROGERIO.—Eu segui-te...

ESTEVAM.—Vejo que não amas—como o dizes. Não te lembras, que vindo nós, por ordem de mylord, ao castello, ao voltar d'uma encruzilhada avistámos dous vestidinhos, que muito conhecemos...

ROGERIO.—Sim, e seguimol-os. Mas—ainda agora—como sempre...

ESTEVAM.—Perdemos de vista os queridos vestidinhos...

ROGERIO.—É extraordinario! Ainda misterios—segredos...

ESTEVAM.—De que te admiras? Agora mais do que nunca—são elles precisos. E não te pareça!... O negocio está cada vez mais complicado. É certo que mylord, ou antes

Luiz de Penhoel, conseguiu encontrar a viscondessa Martha por meio do tio João, e suas filhas; mas onde achará Renato de Penhoel? Roberto e seus dous miseraveis companheiros provavelmente o tem comsigo...

ROGERIO.—Lembra-me agora a coincidencia do desaparecimento desses miseraveis de Paris, e das infructiferas pesquisas do primogenito para encontrar seu irmão...

ESTEVAM.—Ainda mais. Hoje finda-se o praso para o resgate do solar dos Penhoeis.

ROGERIO.—Por certo mylord, pelo asan com que se poz a caminho para cá, desconvia de que haja tentativa para annullar o contracto do resgate...

ESTEVAM.—Em Paris—no hotel onde moravam Roberto e seus comparsas, mylord soube que elles haviam partido para cá...

ROGERIO.—Mas—como é que tendo eneontrado a viscondessa, mylord não encontrou tambem seu irmão? Deviam estar juntos...

ESTEVAM.—Mylord, que pelos calculos, sahiu de Paris, uma hora mais tarde quando Roberto e os outros, que supomos, trouxerão Renato e a viscondessa, chegou á unica hospedaria da estrada, uma hora mais tarde do que elles; ahí encontrando só a viscondessa, entendeu que Renato havia para cá partido. Isto explica a rasão de ter-nos recommendado que espreitassemos qualquer acontecimento.

ROGERIO.—Mas elle...

ESTEVAM.—Provavelmente—a esta hora cavalga para cá; pois nada receia ácerca da viscondessa, que ficou com o tio João e suas filhas...

ROGERIO.—Diana e Cypriana?...

ESTEVAM.—Sim. E eis o que me confunde!... Deixa-mol-as na hospedaria, e encontramol-as na estrada, 50 passos adeante de nós!... Mas que importa? Ellas nos amam!... Tanto quanto amam á pobre Martha e ao pobre Renato; por quem se sacrificarão milhares de vezes!...

ROGERIO.—E nós ainda suspeitamos...

ESTEVAM.—É injustiça...

ROGERIO.—Mas que queres se amamos?...

ESTEVAM.—E já nos forão prometidas em casamento por mylord...

ROGERIO.—Ah! Estevam—meu amigo! Tam grande ventura, custa-me acreditar!

ESTEVAM.—Não te lembras das palavras de mylord, depois desse duelo tam injusto?...

ROGERIO.—Oh! muito! Forão ellias: — meus amigos, eu vos dou Diana e Cypriana. Exijo que ellas sejam felizes, a menos que não queirais bater-vos segunda vez! —

ESTEVAM.—E a fé que não nos bateremos mais.

ROGERIO *meditando*.—Onde as encontraremos?

ESTEVAM.—Que nos importa a nós? Estam por certo ainda uma vez trabalhando para a conclusão da sua obra de dedicação e amor pela viscondessa...

ROGERIO *o mesmo*.—Talvez que no cazebre de Bento Ha-jigau,... o barqueiro do solar...

ESTEVAM.—Já expirou por certo esse pobre homem.

ROGERIO.—Não. Quando para cá vinhamos, enxerguei luz no seu cazebre.

ESTEVAM.—Vamos pois. Narremos ao menos a esse pobre servidor de Penhoel, a volta do primogenito, de quem tanto fallava elle.

ROGERIO.—Porém—não nos desencontraremos de mylord?...

ESTEVAM.—Do cazebre do barqueiro se vê a estrada e a entrada do castello. Partamos. *Sahem pelo lado esquierdo.*

SCENA 2.^a

ROBERTO, BRAZ e BIBANDIER que desembarcam trazendo lanterna.

ROBERTO.—Parece-me que foi este o logar indicado por mestre Hivain ao marquez de Pontales...

BRAZ.—Parece... Mas—que diabo queres tu fazer com mestre Hivain, e esse velho de marquez?...

BIBANDIER.—Pois o Sr. Roberto não cançou? Já se esqueceu da esfrega que levámos quando já quasi tínhamos nas unhas o magnisíco cofre dos brilhantes?...

ROBERTO.—Ora que sempre has de ser o mais poltrão!...

BIBANDIER.—Alto á banca! Menos essa! Em toda esta embrulhada, é certo, tens sido o capitão; mas eu tenho sido um bom soldado! Nunca porém me esquecerei as taes meninas!...

ROBERTO.—Para teu castigo ! Quem te encommendou que te enternecesses com as suas choramingas ?... Ahi tens a paga...

BIBANDIER *aparte*.—Essa recebi eu quando deixei-as es-caparem-se.

ROBERTO.—Nada se deve temer. Primeiro que o tal primogenito nos procure em Paris, e desconfie que cá estamos, tendo connosco os melros dos Penhoeis, estará concluida a nossa obra.

BRAZ.—Mas—qual é ella ? Não conhecemos teus planos—senão depois de verifi... cados...

BIBANDIER.—Ou malogrados ; que é o mesmo...

ROBERTO *espreitando a floresta*.—Julgas acaso, Braz, que o Sr. marquez de Pontales, ha de vir á entrevista pelo sim-ples bilhete do Hivain ?...

BRAZ.—Ah ! é isso ! agora entendo o porque fomos ter com Hivain ! Serviu-nos elle de toucinho para a ratoeira. Oh ! a caçoada é de mestre, e desconfio que tomaremos uma barrigada de riso. Mas—em verdade—a noute não con-vida !... O sitio—posto que seja a entrada do solar, toda-via,... não sei... pôde ser ;... mas o rançoso do Ponta-les...

ROBERTO.—Se vier, o patifão nos ha de pagar. Pontales pregou-nos, em outro tempo, uma peça !... Tomaremos hoje a desforra.

BIBANDIER *impertigando-se, e com ares de mandão*.—«Estou contente com os seus serviços. Vão agora comer al-«gum bocado na cosinha...»— Ah ! cachorro de marquez !

ROBERTO e BRAZ *ás gargalhadas.*—Na cosinha! na cosinha!...

BIBANDIER.—Os Senhores riem-se? Pois olhem.... *Pára assustado, pois ouve-se ao longe o tom da canção das Maravilhas. Ressabiado. Ein? ein? ! ! ! . . .*

ROBERTO.—Que é isso lá?

BIBANDIER *olhando em de redor.*—Não ouviste? As diabinhas... cá estam!..

ROBERTO.—Sempre andas com essas pantomimas. Vamos. Ocultemo-nos. O Pontales não pôde tardar. Convém que o pilhememos de encalhada. Trata-se nada menos do que de repartirmos o direito sobre o solar, ficando cada um de nós com a sua parte. Pretendo que não se efectue o tal resgate.

BRAZ *com intenção.*—Sim. Tanto mais que a tua noiva deu em pantana!..

ROBERTO.—O anjo de Penhoel?.. Foi bem pregada. As sugeitinhas conseguirão subtrahir-m'o! Não importa. Tere-mos a compensação. *Sahem.*

SCENA 3.^a

DIANA e CYPRIANA.

CYPRIANA.—São elles, Diana!..

DIANA.—Elles que ainda tramam contra a pobre viscondessa e o misero Renato!..

CYPRIANA.—Não poderemos avisar a nosso tio Luiz?

DIANA.—Tens rasão. Convém que nosso tio Luiz aqui esteja o mais breve que for possível. Partamos. Talvez que o encontremos no caminho.

CYPRIANA.—É a viscondessa?

DIANA.—O nosso bom pae ficou de trazel-a para cá.

CYPRIANA.—É Renato?

DIANA.—Oh! Elle... só Deus o poderá salvar! A mercé desses miseraveis..., é um refem terrível! É uma arma contra as nossas tentativas e esforços!

CYPRIANA.—No entanto avisemos a nosso tio.

DIANA.—Lutemos até a morte! *Sahem apressadas.*

SCENA 4.^a

PONTALES, *e depois* ROBERTO, BRAZ e BIBANDIER.

PONTALES.—Que significará isto? Para que esta entrevista? Que quererá o tal Hivain nestas paragens?... Será possível que tenha sido elle atacado de paralysia, e não possa caminhar até o meu castello? Não vejo com tudo ninguém!... A noute está de fazer gelar o sangue! Não posso atinar...

ROBERTO, BRAZ e BIBANDIER *aparecendo subitamente e fazendo roda.*—Admira.

PONTALES *recuando.*—Uma emboscada? E meu filho que escrevia-me ainda hontem—que todos elles estavam em Paris!...

ROBERTO rindo. — É bem miseravel esse raciocinio para um homem do seu jaez. Porém, meu caro marquez, nós nos esquecemos de apertar as mãos e de sabermos mutuamente de nossa saude. *Apertam-se as mãos.* Ah! tenha a bondade de assentar-se, Sr. marquez; muito teremos que conversar, e de pé o Senhor ficará fatigado.

PONTALES olhando em redor. — Assentar? !...

ROBERTO. — Bem vejo. Não temos cadeiras. Paciencia. Fallou-nos de seu filho, não é? Que bello cavalheiro, e que vidinha que levava o maganão na capital! Recebeu hontem cartas delle? Posso dar-lhe noticias mais frescas.

PONTALES. — Viu-o recentemente?

ROBERTO. — A fallar a verdade, não sei como lh'o diga... O facto é que foi uma historia bem triste!...

PONTALES com anciedade. — Que diz? Falle!...

ROBERTO. — O Senhor sabe,... que quando a gente está na mocidade, faz seus arreganhos,... mete-se em duelos...

PONTALES. — Duelo? !...

ROBERTO. — Um duelo summamente desgraçado! O primogenito de Penhoel entranhou-lhe pelo peito tres polegadas de sua espada!...

PONTALES com terror. — O primogenito de Penhoel? Aquelle que partiu ha vinte annos? Não me enganam meus ouvidos? Falla-me sériamente de Luiz de Penhoel? !... *Ouve-se ao longe uma voz lugubre e cançada.*

Voz. — « O defunto ressuscita! É hoje! Ha quantos dias e noutes que eu esperava por este momento! A mão de Deus — ahí está sobre mim! Não verei o regresso de meu amo!

Minhas horas estam contadas ! Eu o dice ! O inimigo veia
em uma cheia, em noute sombria ! Elle devia voltar da mes-
ma maneira ! Penhoel ! Quem foi que deixou abertas as
portas do solar ? Vejo entrar por ellas—quem d'ali não de-
vêra ter sahido ! Enxergo o sorriso em torno dos labios da-
quellas que supunham mortas ! Penhoel não busca mais as
suas filhas entre as maravilhas, em torno dos salgueiros ! O
auzente... *A voz é abafada pela ressaca do mar em agita-
ção; pelo crescimento da tempestade, que pouco e pouco amortece, augmentando por intervallos. Susto e terror geral.*

ROBERTO.—Tremem ? Nada é. É o antigo barqueiro do
solar, que ainda uma vez repete essas profecias, e continua
com as suas visões, como Bretão que é. No entanto—ha um
fundo de verdade nas visões desse velho. A obra que o Se-
nhor edificou cautelosamente, a poder de trahições e men-
tiras, está minada pela base. Aqui—onde me vê, Sr. mar-
quez, venho trazer-lhe a salvação ou a ruina ! Se apenas se
tratasse do resgate de Penhoel, eu não ter-me-hia animado a
vir incomodal-o. Porém—ha muito mais que recear !
Sabe o Senhor que o tal Luiz de Penhoel é um temivel ad-
versario ? !...

PONTALES.—Viu-o por ventura ?

ROBERTO.—Como o estou vendo, Sr. marquez.

PONTALES.—Está ainda forte ?

ROBERTO.—Forte—bello e robusto. No dia em que o
conde Alão foi ferido, Luiz de Penhoel sahiu vencedor de
mais tres duelos.

PONTALES.—Meu pobre filho ! Mas o Senhor dice que elle
não morreu ? e na sua edade—tudo é possivel ! Vamos lá,

meus amigos, muitas vezes tenho-me arrependido de nos havermos separado. E—passado agora o primeiro momento de surpresa, muito me alegro de tornal-os a ver.

ROBERTO *dando-lhe a mão.*—Isso é que é fallar, Pontales ! Tanto mais—quanto a sua sinceridade está fóra de toda a suspeita. E já que o encontro desse humor, vou jogar liso e franco ! Saiba pois, que trazemos com nosco Renato de Penhoel e sua mulher... .

PONTALES.—Trazem ? !...

ROBERTO.—Sim. Com nosco. Precisavamos d'uma boa arma contra a sua grande habilidade, marquez ! Seja como for, Penhoel possue os fundos que devem servir para o resgate ; visto como—mais cedo ou mais tarde—ha de elle ser encontrado pelo primogenito, que é rico a mais não poder ! Ora—não quero ocultar-lh'o, Sr. marquez, no dia em que Penhoel tornar ao seu solar, o Senhor estará na vespere de deixar o seu bello castello, e dominios magnificos !...

PONTALES.—Como assim ? !...

ROBERTO *olhando no relogio com a ajuda da lanterna.*— Dez horas. Daqui a meia hora Renato estará comnosco. Desculpe-me—se não entro no miudo das explicações, visto que o tempo urge ; e não sei se o teremos suficiente para assignarmos os papeis que commigo trago. *Roberto olha em de redor como contando.* Roberto com intenção. Sem duvida ! Somos tres contra um, porque mesmo que mestre Hivain aqui aparecesse, guardaria a mais absoluta neutralidade; q u assim lh'o ordenei, quando hoje lá fui ao seu escritorio, para lavrar-me os papeis. Nós poderíamos empregar a violencia muito a nosso salvo. Mas não tenha receio o Sr. marquez.

Quer o nosso interesse que uma alliança seja firmada entre nós e o Senhor ; alliança sólida desta vez, e que não fique á mercê de seus caprichos. *Mostrando douz papeis.* Aqui está um contracto entre o Sr. de Pontales e nós tres, dividindo em quatro porções eguaes os antigos dominios de Penhoel. Tenho tambem uma declaração que farei assignar por Penhoel ; em que elle desiste de ultimar o resgate...

PONTALES.—Mas... eu só ficarei com uma quarta parte ? !...

ROBERTO.—Bem como cada um de nós.

PONTALES.—Antes quero sujeitar-me ao resgate.

ROBERTO.—Com sua licença. O Senhor não pôde dizer—quero ou não quero !— Se não fizermos o trato, ter-nos-ha pela prôa ! Não é assim—meus amigos ?

BRAZ E BIBANDIER.—Boa duvida !

ROBERTO.—E se nos tiver pela prôa, ahi surgem certas historias antigas, que lhe darão agua pela barba. Demais—o diabo anda nos nossos negocios ! As duas filhas do tio João não morrerão ! *Pontales recua.* O velho barqueiro acaba de dizer-l-o. Estam cheias de vida, e nada ignoram da nossa boa gana a seu respeito. Porém o que é mais curioso—é que Luiz de Penhoel a esta hora já soube em Paris que para cá ínhamos partido ; e fique certo, que se elle passar o rio em Porto-Corvo, teremos bem depressa noticias suas. Eis o contracto. Bibandier, traze o tintceiro e a penna. *Bibandier tira d'algibeira tintceiro e penna.*

PONTALES.—Mas—emfim—em que me proteje a assignatura desse papel ?

ROBERTO.—Em um quarto de hora, Renato gritará pela

barca ; nós nos achamos armados, e eu trouxe-lhe um punhal, Sr. marquez... .

PONTALES.—Para mim ? !...

ROBERTO.—Sim, senhor ; porque teremos necessidade de suas habilidades. Trarei Renato ; farei que assigne a declaração da desistencia, atentas as circunstâncias pecuniárias em que se acha ; pois lá quanto ao dinheiro fabuloso que possue o irmão, é do irmão e não delle ; que devéras está pobrissimo ; e assim será válida a desistencia. Depois de assignada o Sr. marquez se incumbirá do resto ; porque ao contrario—teremos de lutar com mais de um... .

PONTALES.—O primogenito ? !...

ROBERTO.—Luiz de Penhoel. Sr. marquez decida-se. Se não assigna, deixaremos livre o tal Renato. Elle encontrará o irmão, que não pôde tardar ; e esta noite ou amanhã seremos testemunhas na acusação de roubo que elles tem de promover contra o Senhor !

RENATO *fôra e ao longe.*—Olá da barca !

ROBERTO.—Ei-lo. Assignai, e eis aqui a arma. *Pontales assigna do melhor modo possível e recebe o punhal. Roberto guarda os papeis, Bibandier o tinteiro e penna.* Muito bem. Partamos. Canta.

Emfim quasi que tocamos
Nossa méta desejada !

CÔRO.

Emfim temos concluido
Esta horrivel embrulhada.

Embarcam-se e vão cantando até muito longe.

Ruina pois a Penhoel
Como sim desta união !
Morte mesmo se é mister
Para a sua destruição !

Luiz de Penhoel entra por um lado ainda a tempo de ouvir o canto.

SCENA 5.^a

LUIZ DE PENHOEL ou BERRY MONTALT, e alguns soldados.

LUIZ ofegante.—Ninguem ! Chegaria tarde ? ! Terão elles consummado a obra de destruição ? !... Ouço todavia um canto... *Chegando-se ao cais.* Vem do lado do mar !... *Subindo ao cais.* Nenhuma barca ! Nenhuma ! Tudo prevenirão ! Mas—no cazebre do barqueiro deve haver alguma !... *Descendo do cais.* Aos soldados. Postai-vos em de redor da floresta—e que ninguem passe ! Ao menor grito que eu der aparecei ; e fazei o vosso dever. Os soldados vão-se por ambos os lados. Meu Deus !... *Sahe por um dos lados.* Ouve-se a voz do barqueiro, muito cançada e longinqua.

Voz.—Senhor Deus !... Eil-o !... Penhoel !... Senhor Deus !... Uma hora... uma hora... sómente... de vida !... para saudal-o !... Ouve-se ao longe o ultimo canto do lado do mar.

SCENA 6.^a

RENATO, ROBERTO, BRAZ, BIBANDIER, o MARQUEZ DE PONTALES, e depois LUIZ DE PENHOEL, todos pelo lado do mar.

ROBERTO ajudando a Renato e dando-lhe a beber n'uma garrafa.—Tomai ! — Sufocai vossa dôr ! É justa ! Luiz—é um irmão ingrato !... Luiz de Penhoel...

RENATO bebendo.—Luiz de Penhoel ?... Quem é que dice Luiz de Penhoel ?... Quem dice mentiu !... Penhoel—só ha um !... O outro—é um cobarde—sem honra—nem brio!...

PONTALES chegando-se.—É um infame ! um trahidor !

ROBERTO.—Temos porém uma acusaçâo contra elle, em que se prova o crime de adulterio...

RENATO bebendo.—Adulterio ? ! Com raiva. Oh ! que ainda me sôa nos ouvidos esta palavra—como o tintinar da campa pelos finados!... Acusem-o ! acusem-o ! Braz e Bibandier que ficarão sobre o cães, descem-o precipitadamente.

BRAZ.—Eil-o ! Avistamol-o ! O primogenito ! Alvoroto geral.

ROBERTO.—Inferno ! Mostrando um papel a Renato e dando-lhe uma penna. Assignai !

RENATO.—Quem ? eu ? eu ? !...

PONTALES.—Aviai-vos !

RENATO com força produzida pela aguardente.—Nunca ! se elle é covarde e vil—eu não o serei !

*ROBERTO querendo fazer Renato assignar.—Assignai !
Braz e Bibandier que olham para o mar dam um grito
vendo surgir Luiz de Penhoel.*

TODOS.—Luiz de Penhoel ?...

RENATO.—Mentes ! men... *Não conclue, cahindo ferido
por Pontales. Luiz de Penhoel com a rapidez do raio pre-
cipita-se sobre Pontales dando um rugido, e ferindo-o mor-
talmente. Os soldados entram e prendem os outros levando
os dous cadáveres.*

*LUIZ com o braço na mesma posição e extatico ; com voz
surda.—Morto ? !...*

—
SCENA 7.^a

LUIZ DE PENHOEL e JOÃO DE PENHOEL,

*JOÃO entrando e aterrorisado pelas feições e posição de
Luiz.—Filho ! filho !...*

LUIZ com voz surda.—Elles o matarão...

JOÃO com terror.—Renato ? !...

LUIZ dá um rugido e aponta o céu sem poder fallar.

JOÃO.—E elles ? !...

*LUIZ deixando cahir o punhal que fica seguro no solo.—
Um !... Os outros... pertencem á justiça !...*

JOÃO.—E tu... que fizeste ?—Um punhal...

*LUIZ com voz presa pela commoção.—Eu ? !... vinguei...
meu irmão !... Morreu !... Eu o amava... Nada mais me*

cumpre fazer ! Tenho... cumprido... meu dever ! Partirei.

JOÃO.—E Martha ? E Diana ? E Cypriana ?...

LUIZ com ancia.—Sim... mas que querem ellas ?

JOÃO.—Diana—Cypriana ? !... que podem querer—ellas ? que quererão tuas filhas queridas ? !... Luiz forceja por fallar, dando mostras de suprema commoção, em quanto João sem atendel-o continua augmentando-se gradualmente.—Luiz ! São tuas !... Tuas filhas !...

LUIZ levando as mãos ao pescoço como quem se sufoca, com emoção muitíssimo grande.—Mas... dizes...

JOÃO.—Sim... São tuas ! Passarão por minhas—mas agora que sua mãe é livre—agora que Martha de Penhoel pôde amar o primogenito... Luiz agarra João como querendo impedil-o de continuar largando e recuando quasi a soluçar, em quanto João continua com agitação. Eu te restituo—tuas filhas...

LUIZ desatando em pranto de alegria, e progressivamente cahindo de joelhos e elevando as mãos ao céu.—Duas ! Duas !...

SCENA 8.^a e ultima.

OS MESMOS—MARTHA, e depois DIANA—CYPRIANA,
ESTEVAM e ROGERIO.

MARTHA que entra na ocasião em que Luiz cahé de joelhos, corre para elle, que pela emoção não se pôde levantar

estendendo-lhe somente os braços em que ella se lança com efuzão.—Luiz!... Ouve-se cantar a canção das Maravilhas e João de Penhoel tem sahido. Martha e Luiz, sempre abraçados vão-se gradualmente levantando dando mostras de excessiva commoção. Estevam conduzindo Diana, e Rogerio Cypriana, seguidos de João se precipitam na scena.

MARTHA E LUIZ vendo-os entrarem.—Ellas!...

DIANA E CYPRIANA pelas mãos de *Estevam* e *Rogerio* e lançando-se aos pés de *Luiz* e *Martha* que estendem suas mãos sobre suas cabeças.—Meus paes!...

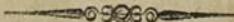
MARTHA perdendo as forças pela commoção é sustentada por *João* e *Luiz*, tendo as mãos ainda sobre os quatro jovens. Em pranto e voz sufocada.—Todos os que eu amava! É sempre assim que os vejo em sonhos!... Elevando as mãos ao céu. Senhor Deus! Se isto é um sonho... fazei—ao menos —que seja eterno!... *Diana* e *Cypriana* cantam o estribilho da canção das Maravilhas.

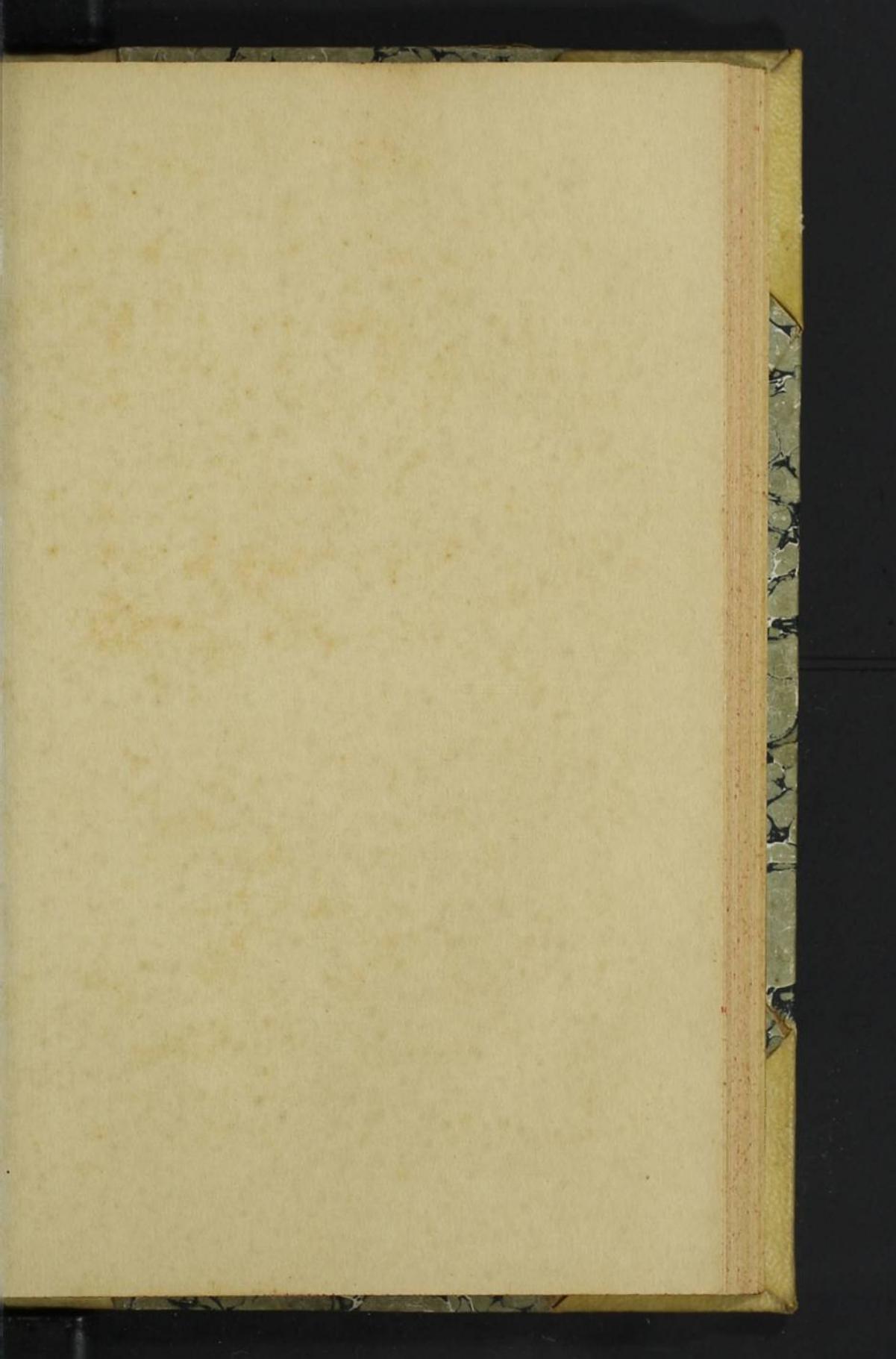


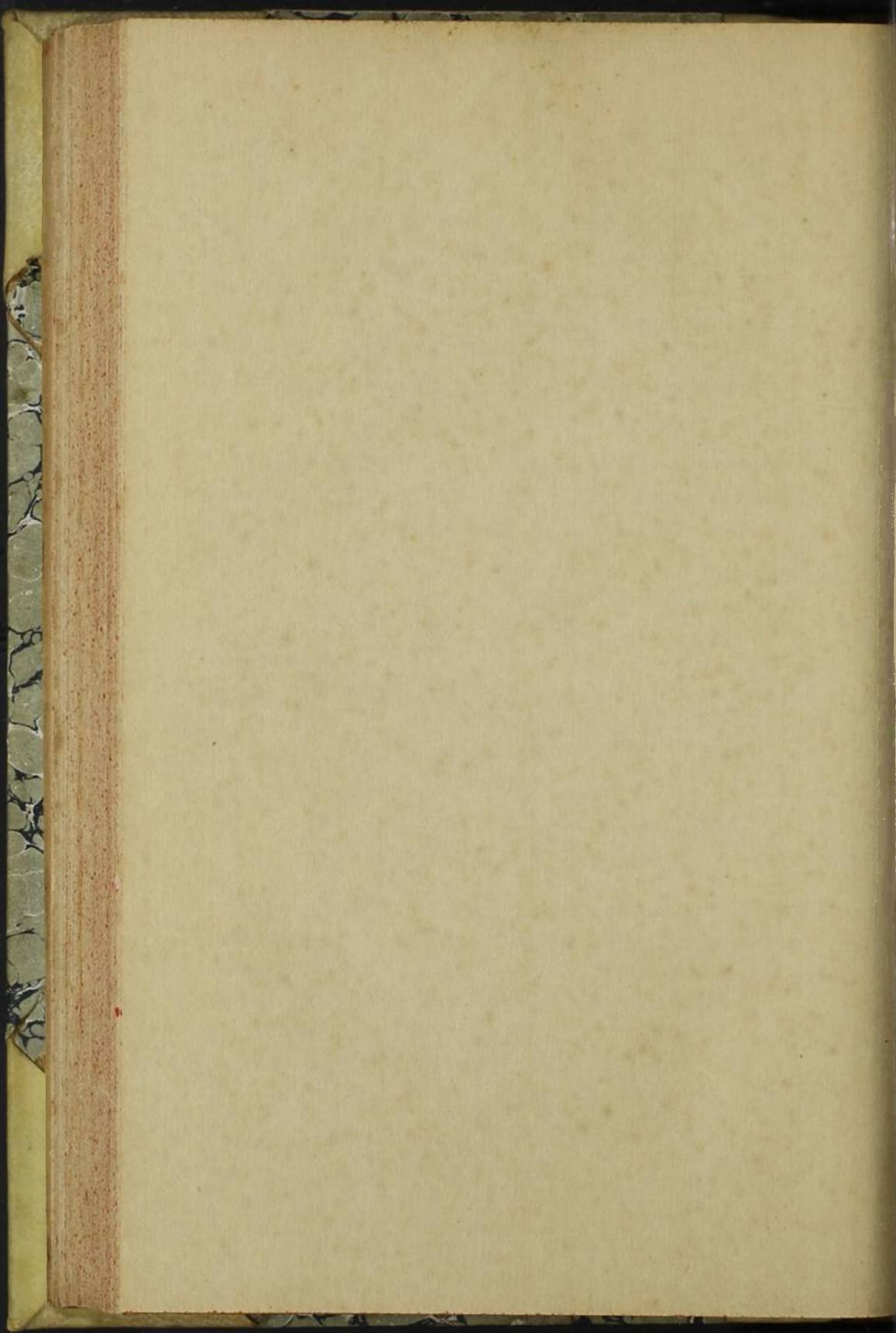
QUADRO FINAL.

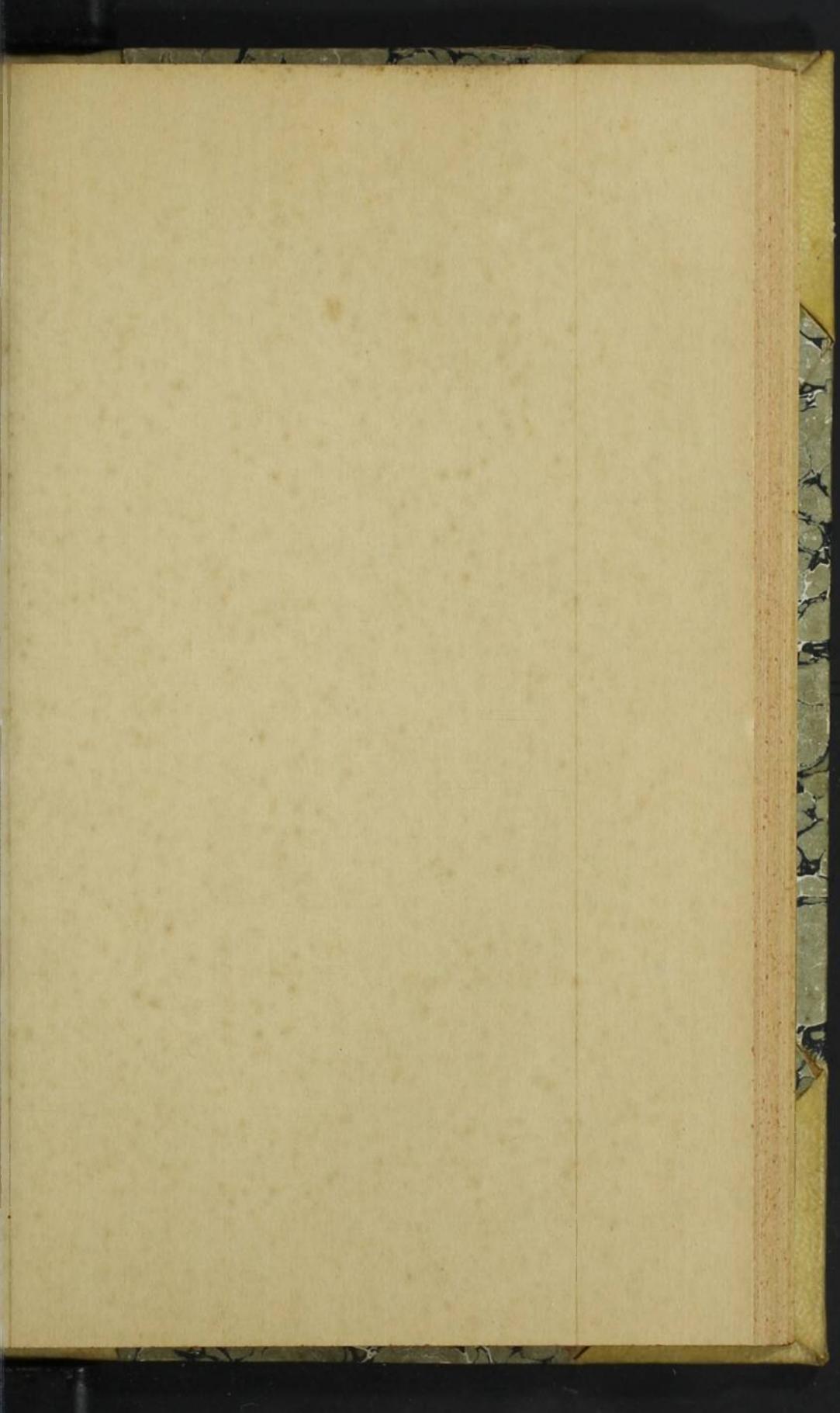
Martha com as mãos para o céu, sustentada por *João* e *Luiz*, tendo aos seus pés, e de joelhos, *Diana* pe'a mão de *Estevam*, e *Cypriana* pela de *Rogerio*. O panno desce lentamente e com as ultimas notas do estribilho da canção.

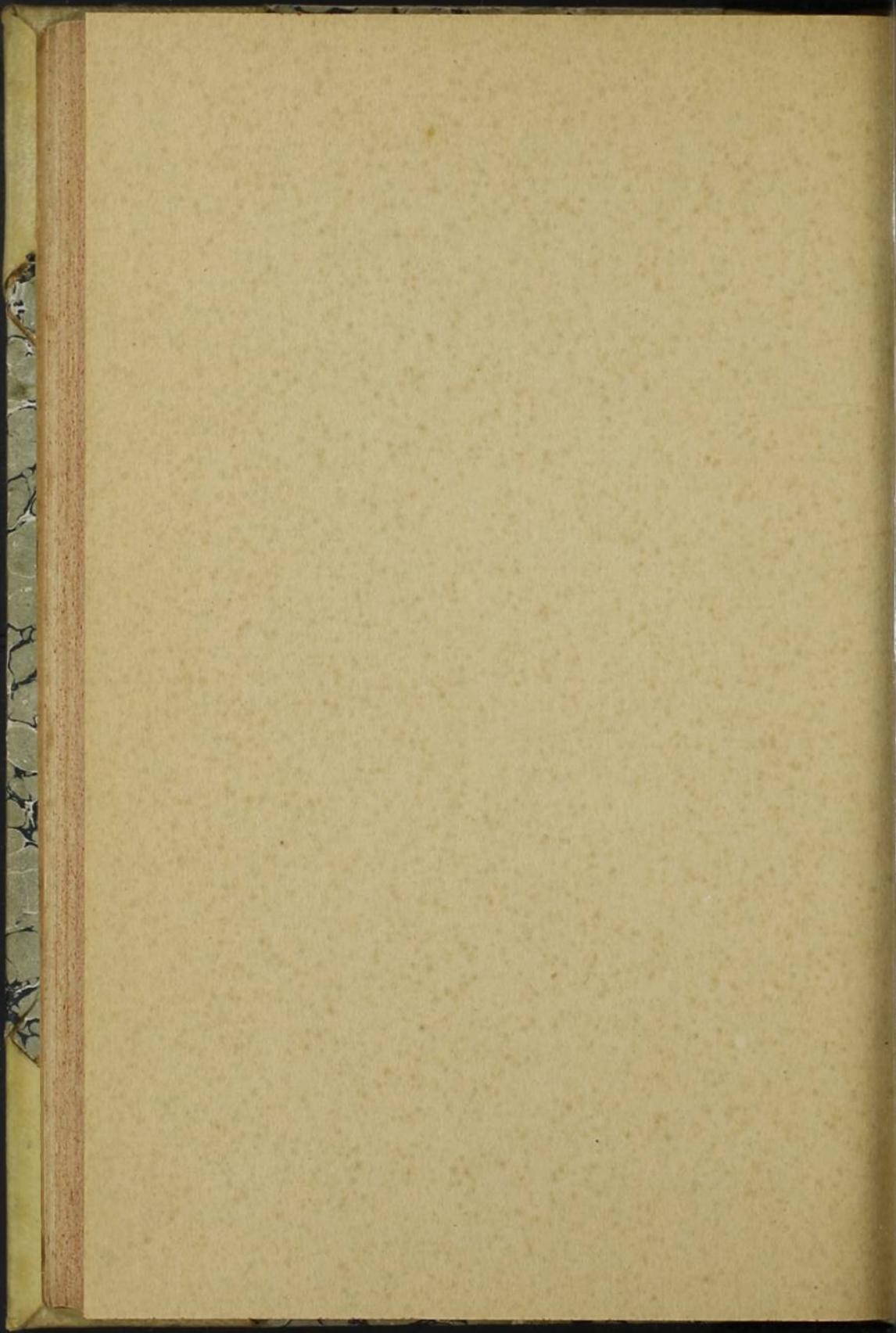
FIM DO DRAMA.

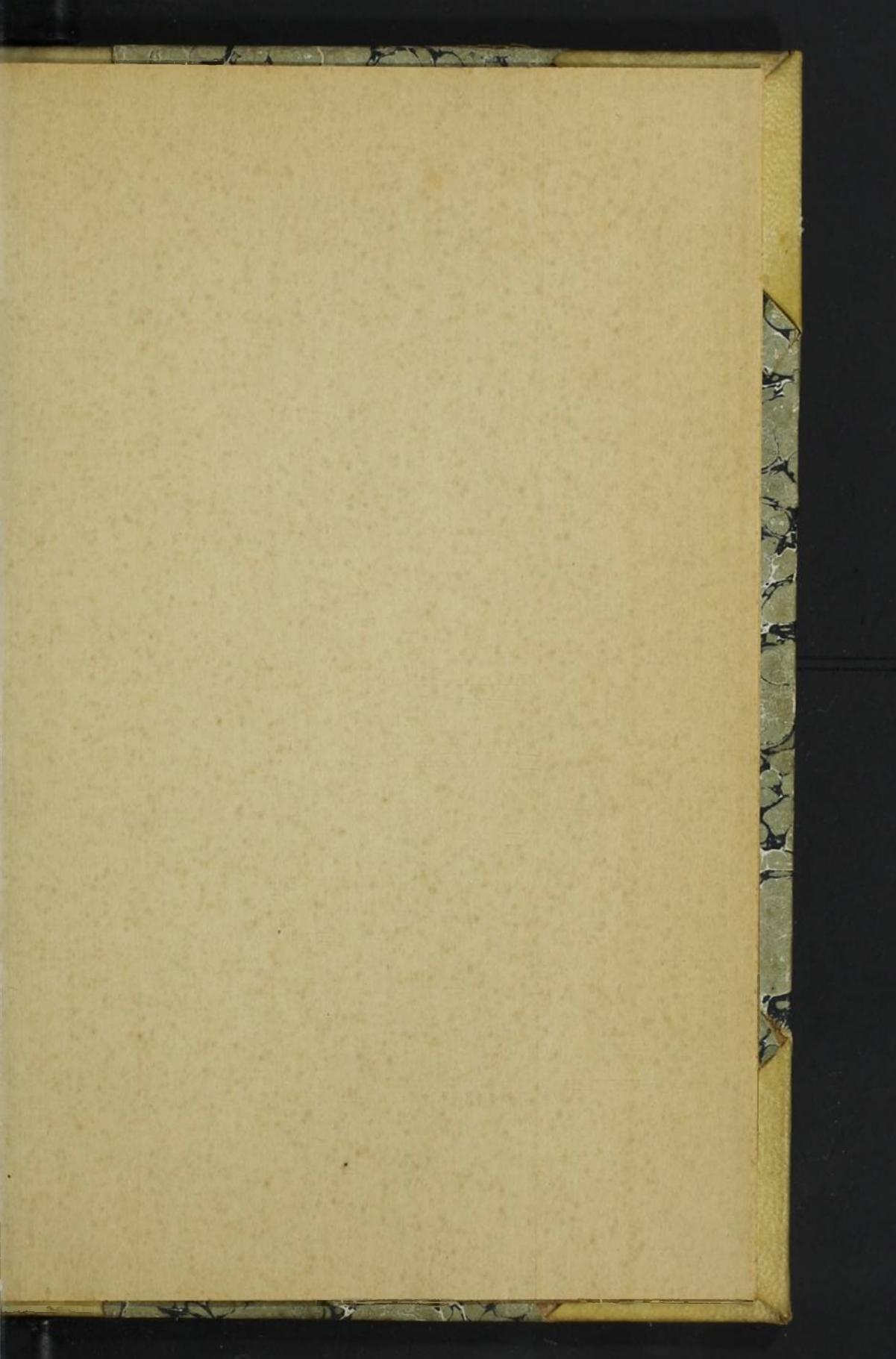


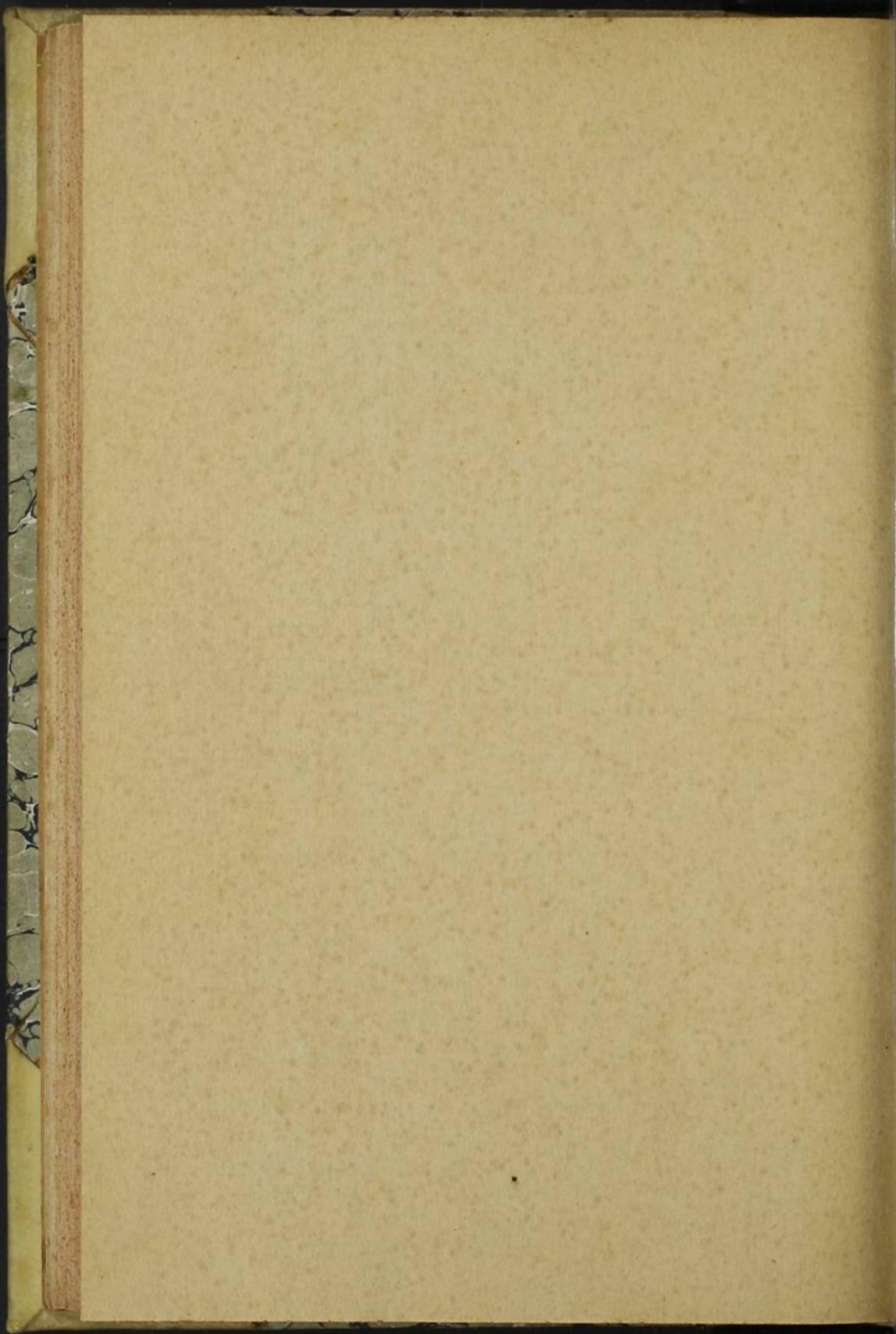


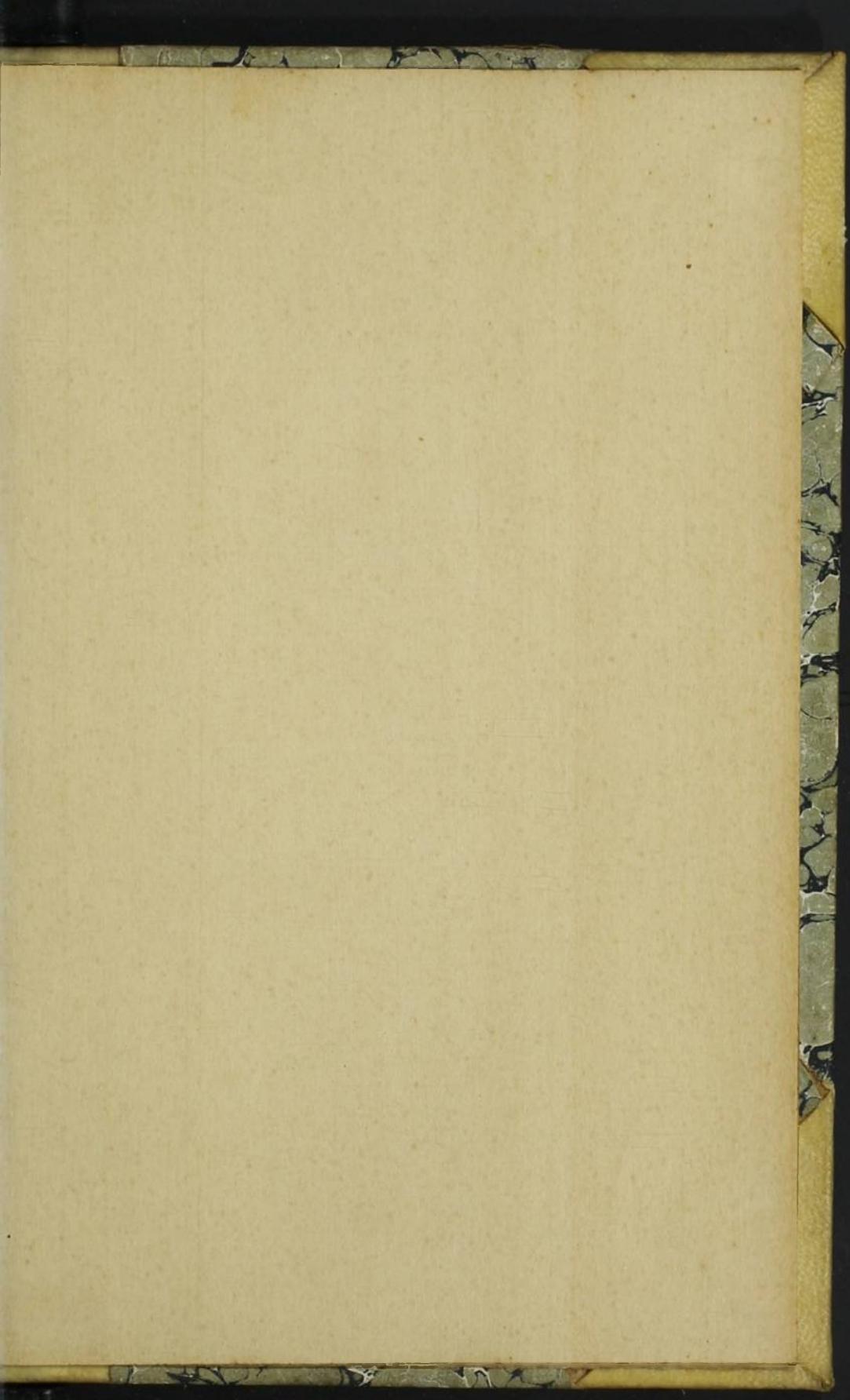












000255

